



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Silvana Bagno

A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil - em busca do país da Cocanha

Rio de Janeiro

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Silvana Bagno

A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil, em busca do país da Cocanha

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ariane Patrícia Ewald

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ /REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B147 Bagno, Silvana.

A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil, em busca do país da Cocanha / Silvana Bagno. - 2010.

146 f.

Orientadora: Ariane Patrícia Ewald.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

1. Imaginário - Teses. 2. Imigrantes - Itália – Teses. 3. Italianos – Rio Grande do Sul – Teses. 4. Psicologia social – Teses. I. Ewald, Ariane, 1962-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

dc

CDU 159.954

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Silvana Bagno

A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil, em busca do país da Cocanha

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em 30 de junho de 2010.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Ariane Patrícia Ewald (Orientadora)

Instituto de Psicologia da UERJ

Prof. Dr. Luiz Felipe Baêta Neves Flores

Instituto de Psicologia da UERJ

Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini

Instituto de Sociologia e Política - UFSM

Rio de Janeiro

2010

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ariane P. Ewald, pela inspiração, confiança e por acreditar...

Ao Prof. Dr. Luiz Felipe Baêta Neves, pelas ricas e oportunas sugestões;

À Prof^a Dr^a. Maria Catarina C. Zanini, pelo incentivo e pelo mapa para minha trajetória pelas rotas da imigração italiana no Rio Grande do Sul;

Ao Prof. Dr. Jorge Coelho Soares, por me apresentar a utopia da Cocanha, ponto inicial dos meus estudos;

À Prof^a. Dr^a. Heliana Conde, pelo incentivo e apoio;

À Fátima G. Cavalcante, pela amizade, companheirismo, apoio e incentivo ao longo de todo o meu percurso, por todas as inspirações e orientações e, por todas as trocas e esclarecimentos;

À amiga Geralda Magela P. Longhi, pela amizade dedicada, presença constante em meus momentos mais significativos e pela revisão da dissertação; por me auxiliar a “ver” o essencial em meu texto e me orientar quanto à coesão e coerência; conteúdo e forma textuais;

Ao Michel Oliveira dos Passos Feliciano, pela paciente espera... e por toda graça, alegria e leveza de sua estimulante companhia;

A todos que, de algum modo, proporcionaram “ricas viagens” à Itália...

E ao Capes, pela bolsa concedida. A qual proporcionou a realização deste estudo.

BAGNO, SILVANA. *A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil, em busca do país da Cocanha*. 2010. (148f.). Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

RESUMO

Esta dissertação aborda o tema da imigração italiana à luz do imaginário daqueles que se dirigiam em massa para o Brasil, entre o final do século XIX e início do XX, em busca de um mundo novo, perseguindo o sonho de um Paraíso Terrestre, o país imaginário da Cocanha. O tema é abordado a partir de obras literárias, como o poema francês, datado do século XIII, o *Fabliau da Cocanha* e da narrativa *Vita e Stòria di Nanetto Pipetta*, que apresenta o jovem personagem imigrante clandestino vêneta, criado por Aquiles Bernardi, e cujas aventuras eram publicadas semanalmente em capítulos no jornal gaúcho *Stafetta Riograndense*, nos anos 1924-1925. A trama vivida pelo personagem que dá título à obra é fio condutor das reflexões apresentadas. Para o imigrante italiano, o imaginário sobre o Brasil como o país da Cocanha encontra neste personagem sua expressão fiel, mantendo acesa a chama da esperança de uma vida melhor para si e para as gerações futuras.

Palavras-chave: Imigrantes italianos. Literatura. Imaginário. Cocanha.

ABSTRACT

This study is about Italian immigration and it gives light to the imaginary of those who came in mass to Brazil in search of a new world, pursuing the dream of a Terrestrial Paradise, the imaginary country of the Cocanha. This subject is illustrated from literary compositions, as the French poem dating from the thirteenth century, "Fabliau of Cockaigne", and by using the personage Nanetto Pipetta, clandestine young Veneto immigrant, whose adventures were published weekly in chapters (in a local) periodical from the south of Brazil, "Stafetta Riograndense", in the years 1924-1925. The plot experienced by the central character was the constructing wire of the reflections presented. The imaginary of Brazil as the country of the Cocanha for the Italian immigrant finds in this personage its faithful expression, keeping lighted the flame of the hope of a better life for themselves and the future generations.

Keywords: Italian immigrants. Literature. Imaginary. Cockaine.

A TRAVESSIA DE NANETTO PIPETTA E O IMAGINÁRIO DOS IMIGRANTES ITALIANOS PARA O SUL DO BRASIL – EM BUSCA DO PAÍS DA COCANHA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 NANETTO PIPETTA VEM AO BRASIL EM BUSCA DA COCANHA.....	17
1.1 A TRAJETÓRIA DE NANETTO PIPETTA.....	27
1.2 O FANTÁSTICO, UTÓPICO E IMAGINÁRIO PAÍS DA COCANHA.....	32
1.3 O BRASIL É O PAÍS DA COCANHA: O ALICIAMENTO E O IMAGINÁRIO DOS EMIGRANTES ITALIANOS.....	58
2 A TRAVESSIA DE NANETTO PIPETTA.....	66
2.1 EMIGRAR OU MORRER.....	72
2.2 O ADEUS À PÁTRIA.....	78
2.3 NOVO MUNDO.....	90
3 O ENRAIZAMENTO DE NANETTO PIPETTA NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.....	101
3.1 A IDENTIDADE DO IMIGRANTE ITALIANO E SEUS DESCENDENTES.....	104
3.2 O INCESSANTE DILEMA DOS EMIGRANTES: FICAR OU RETORNAR?.....	114
3.3 A ITALIANIDADE NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA.....	121
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXOS.....	146

INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda o fenômeno migratório a partir do estudo de duas obras literárias – *Vita e Stória di Nanetto Pipetta: nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica per catare la cucagna* e o *fabliau da Cocanha* - e busca investigar a essência da condição dos imigrantes italianos¹ em seus sentimentos, história, motivações e descobertas. Ela examina características literárias associadas a um imaginário de prosperidade e bonança e contrasta a realidade vivenciada no processo migratório, buscando uma compreensão sobre as consequências físicas, psíquicas, existenciais e sociais da realidade da fome e da pobreza. Contextualizando sonhos e marcos históricos, encontra-se *esperança*, desejo, auto-exílio, desenraizamento, solidão, enraizamento em novas terras, desejo de abundância, fartura, segurança, felicidade; o fenômeno migratório refere-se à *desilusão*, enfrentamento, resiliência, força, garra e conquistas para alguns; *desistência*, sensação de fracasso e retorno para outros; *sensação de não pertencimento* para muitos.

Esse estudo descortina a trajetória realizada durante o final do século XIX até meados do século XX, em que mais de um milhão de italianos cruzaram o oceano, rumo às terras prósperas e férteis do continente americano. Estes imigrantes vieram, em sua maioria, com o ímpeto de *fare l'América*².

Nanetto Pipetta, o anti-herói de um romance picaresco³, emigrou para a América atraído pelo sonho de '*catare la cucagna*⁴', ou seja, encontrar a fortuna à disposição dos desejosos de possuí-la. Suas aventuras foram publicadas em tirinhas no jornal dominical gaúcho *Stafetta Riograndense* (atual *Correio Riograndense*), no formato de folhetim, entre 23 de janeiro de 1924 e 18 de fevereiro de 1925. Seu criador foi Aquiles Bernardi, que passou a se chamar, na vida religiosa, Frei Paulino

¹ O termo "italiano" é aqui utilizado genericamente, para designar os habitantes da Península Itálica, antes e depois de sua Unificação, em 1870.

² Fazer, construir a América - expressão típica italiana na época da emigração em massa.

³ O protagonista do romance picaresco é justamente um pícaro, qualificado como uma personagem de condição social humilde, sem ocupação certa, vivendo de expedientes, a maioria dos quais, escuso. (Junior, J. A. C., s.d.).

⁴ Cocanha, cucagna em italiano pode ter o sentido de fortuna, sorte grande e pau de sebo (Bernardi, 1988, p. 48). É também o nome de um país imaginário onde tudo é abundância, segundo verbete do Dicionário virtual Houaiss da Língua Portuguesa. Ribeiro (2005, pp. 29-30) diz que o termo pode ser traduzido como o paraíso das delícias, país da prosperidade, terra da promessa.

de Caxias, pertencente à ordem franciscana, cujos frades são coloquialmente denominados capuchinhos⁵

Questiona-se sobre qual teria sido o *significado* da *escolha* pela emigração para aqueles que realizaram essa travessia, que reiniciaram sua vida em outro local, rompendo com laços e vínculos, deixando para trás suas redes sociais. Quais eram as suas expectativas? O que imaginavam encontrar? Como pensavam sua vida a partir de tamanha aventura – a de se lançar rumo ao Novo Mundo? E todos os que jamais haviam saído de sua aldeia, como teriam concebido e vivenciado a travessia oceânica?

Sabe-se que a migração é motivada por fatores sócio-econômicos, pela carência de recursos, de trabalho, de alimento e de qualidade de vida, os quais propiciam a motivação para se buscar, em outras terras, aquilo que a terra natal não supre.

Este movimento já vinha sendo realizado pelos italianos, muito antes deles emigrarem para a América, quando migravam para regiões da Europa onde encontravam trabalho, em épocas de tempestades e péssimas colheitas. E antes deles, outros povos também se deslocavam em busca de melhores condições de vida.

Atualmente, constata-se incessante deslocamento do ser humano, o que nos leva a questionar se os motivos e conseqüências deste atual desenraizamento e *transplante* destas pessoas em outras terras e culturas, termo utilizado por Bodnar (apud Thomson, 2002), seriam semelhantes aos vividos pelos emigrantes⁶ italianos do século XIX que atravessaram o oceano em busca da felicidade e fortuna.

Tenciona-se neste trabalho, discorrer sobre o tema da imigração italiana à luz do imaginário daqueles que se dirigiam em massa para o Sul do Brasil, oriundos do

⁵ Os vulgarmente denominados Capuchinhos, em linguagem corrente, pertencem à Ordem Franciscana, fundada por Francisco de Assis. <<http://www.franciscano.org.br/v3/pages/texto.php?id=121>>, em 03/03/2010.

⁶ Os termos “*emigrantes* e *emigrados*” referem-se às pessoas que deixam seu país por motivos econômicos ou de trabalho (Ianni, 1972, p. 12). Imigrantes e emigrados são aqueles que entram em outro país, permanente ou temporariamente, com a intenção de trabalhar e/ou fixar residência. As palavras “emigrante”, “imigrante”, “emigrado” e “imigrado” serão utilizadas em suas acepções comuns, salvo nas situações em que, devido à subjetividade do migrante, esses termos podem não exprimir com maior propriedade, o estado psicológico, interno, do ser em movimento, com suas inquietações e desejos, em que se torna difícil apreender exatamente qual a sua condição. Há momentos em que o imigrante se encontra no Brasil, imigrado, portanto; porém, subjetivamente, encontra-se de tal maneira ainda voltado para os valores, afetos e demais “bens simbólicos” de sua terra [Pierre Bourdieu], que é como se ele ainda se sentisse sendo “arrancado” de lá, revivendo a travessia; ele encontra-se aqui, desejando estar lá, ou mesmo, se sentindo ainda lá. Como também, antes da viagem, podia estar lá, como Nanetto Pipetta, sempre a imaginar-se vivendo aqui. Optou-se, então, pelo termo *e/imigrado* para referir-se a essas situações, em que o ser vivencia, internamente, o seu *ser em trânsito*, ou, como diria Andolfi (2003), o estar “sentado entre duas cadeiras”. Tal termo foi inspirado na obra “*Psicologia, E/Imigração e Cultura*”, organizado por DeBiaggi, S.D.; Paiva, G. J. (2004).

Vêneto, no período assinalado, em busca de um mundo novo e do sonho de se encontrar o Paraíso Terrestre, o “país da Cocanha”.

Além disso, procura-se por indícios das “lembranças” das memórias de seus descendentes na literatura acerca da imigração italiana para a Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul⁷, na virada do século XX, uma vez que a experiência é revelada por meio da narrativa, de acordo com Elza Dutra (2000), e que se pode construí-la e reconstruí-la através da linguagem, contando a história do e/imigrante, narrando os fatos, acontecimentos e afetos que percorrem a sua trajetória vivencial. Alguns autores imigrantes descreveram a sua experiência em sua travessia para o Brasil; outros relataram, através de seus estudos e pesquisas, os fatos históricos. E, Aquiles Bernardi publicou a narrativa de ficção *Vita e Stòria di Nanetto Pipetta*, cujo protagonista viveu a trajetória do imigrante, e revelava a todo instante, seus sentimentos e pensamentos acerca de cada detalhe da experiência migratória. Bernardi inspirou-se na fala de seus inúmeros interlocutores imigrantes e de sua própria vivência como descendente de italianos, habitantes em uma colônia do Rio Grande do Sul, nos primeiros tempos da colonização.

Tomando tal literatura como referência, procuram-se respostas para as questões-chave aqui propostas, que transitam entre a história e a psicologia, e que visam compreender a identidade⁸ do imigrante italiano e seus descendentes.

Uma vez que o imigrante vivencia um distanciamento da sua história, sua cultura, suas raízes, sua língua e sua gente, quais as conseqüências deste desenraizamento, da sensação de estar solto no mundo, para o senso de identidade do emigrado? Em que medida são mantidos traços das identidades nacional, étnica e cultural⁹ de sua terra de origem e como se dão as transformações na identidade,

⁷ A Região de Colonização Italiana era constituída pelas colônias Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu, Antonio Prado, Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado. Segundo Vitalina Frosi e Ciro Mioranza, a configuração dessa região foi determinada pela fase histórica dos fluxos emigratórios. Esses autores classificaram em duas etapas a fase de estabelecimentos dos emigrantes e seus descendentes, localizando a imigração nos núcleos de Nova Milano, Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu na fase de 1875-1884 e nas colônias de Antônio Prado e Alfredo Chaves na fase de 1884-1894. Dessas antigas colônias originaram-se os municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Farroupilha, São Marcos, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa, Antonio Prado, Veranópolis, Nova Prata, Nova Bassano, Cotiporã, Guaporé, Muçum, Serafina Correa, Casca, Encantado e Nova Brésia. (FROZI; MIORANZA, 1975, p. 54). Ver mapa em Anexo.

⁸ Considera-se, neste trabalho, que a identidade é relacional e, portanto, depende do Outro. Ela é vista aqui, como um processo dinâmico entre o indivíduo e suas relações sociais, em constante transformação, devendo ser constantemente negociada em face das mudanças pessoais e sociais, sobretudo nas situações de migração, nas quais as identidades nacionais e culturais precisam ser redefinidas. Usa-se, aqui, o termo identidade, sobretudo na acepção não-essencialista, e em concordância com Stuart Hall, o qual aponta que as identidades são construídas discursivamente, resultando, pois, da articulação do sujeito ao fluxo do seu discurso; considera-se também, que elas são representações construídas a partir de uma “falta”, e ainda, estão associadas ao poder.

⁹ Os conceitos de Identidade Cultural, étnica e nacional serão abordados no capítulo 3.

ao passar pelos processos de adaptação, aculturação¹⁰, assimilação e integração dos valores e cultura da nova nação? E quais as conseqüências destas mudanças identitárias para o imigrante? O que ocorre em sua subjetividade? De que maneira o emigrado passa a ver a si mesmo e o mundo? O que acontece com seu senso de pertencimento a um lugar, uma cultura, um grupo? Quais os valores que permanecem? Quais os que se perdem? E quais são reformulados? Quais dentre esses valores são transmitidos aos seus descendentes? E estes se sentem e se denominam brasileiros, italianos, ítalo-brasileiros? E quando os imigrantes retornam ao seu país de origem e não mais o reconhecem, nem aos seus antigos afetos, seja porque os encontra mudados, seja porque eles mesmos já não são mais a mesma pessoa, qual o impacto desta experiência na identidade destes imigrantes retornados ou repatriados?

A imigração para a Região de Colonização Italiana teve características bastante peculiares: emigrantes provenientes de uma região que acabara de se unificar e se constituir em um país, do qual eles ainda não haviam desenvolvido um senso de pertencimento, descobriram sua identidade nacional italiana quando chegaram ao Novo Mundo. Antes disso, sentiam-se vinculados as suas aldeias.

Outra descoberta refere-se às diferenças de idioma de uma região para outra. Cada qual com seu dialeto, tendo que colonizar terras em tudo estranhas, e descobrir um modo de se comunicarem para melhor convivência. Surge o *talian*, como uma integração dos diversos falares dialetais e algumas palavras do português que foram sendo aprendidas gradativamente, constituindo uma nova língua, uma *coiné*¹¹.

¹⁰O termo “aculturação” é empregado nesta dissertação no senso de troca entre grupos de indivíduos oriundos de diferentes culturas, em que ocorrem mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos os grupos, com ênfase para o fenômeno central da aculturação - a mudança psicológica, em decorrência do contato do indivíduo com outras culturas, considerando-se, especialmente, o bilingüismo; portanto, para efeitos deste estudo, não se acolhe a conotação de dominação em que a cultura dominante subjuga a outra, mais frágil. O mesmo se pode dizer em relação ao termo “etnicidade”, utilizado para se referir às categorias étnicas utilizadas para a categorização de si próprio e dos outros e não, para denotar relações de poder ou “fricção”, como utilizado por Roberto Cardoso de Oliveira.

¹¹ Tipo de fusão dialetal entre os vários dialetos vênéticos falados pelos imigrantes da região de colonização italiana, no final do século XIX e início do XX, em que predominou o numericamente mais significativo, impondo-se como uma língua geral, que os lingüistas denominam *coiné* ou *Koiné*. Dependendo da região, esta língua geral era mais ou menos enriquecida por palavras de outros dialetos. Em seu dinamismo, tal língua tomou inúmeras palavras do português, pois havia toda uma nova realidade, para a qual os dialetos italianos não tinham as palavras específicas, como *sorasco* (churrasco), *bombassa* (bombacha), *caroça* (carroça), etc. (BOMBASSARO, 2001, p. 83). Pleiteia-se seu reconhecimento e registro no Livro das Línguas, na Câmara Federal, como patrimônio imaterial do Brasil, e é identificado como última língua neo-latina, formada principalmente dos falares vêneto, lombardo, trentino e friulano.

O que teria acontecido neste processo de convivência e de aperceberem-se *italianos*, durante a travessia e em terras brasileiras, em termos do seu senso de pertencimento? Este fato os teria ajudado a se sentirem parte de um grupo e diluído a sensação de desenraizamento? Isto teria contribuído para que mantivessem sua identidade nacional e étnica em maior medida? Houve maior facilidade de manutenção da identidade cultural destes emigrados? E de que modo isso interferiu no processo de adaptação e de integração à cultura brasileira? Antes desses processos em relação à cultura do país de acolhimento, tiveram que organizar as diferenças culturais e trabalhá-las entre si. Que marcas estes movimentos deixaram na identidade destes emigrados? E o que ocorreu com seus descendentes?

É neste contexto que a narrativa de Aquiles Bernardi se torna interessante enquanto protótipo desse e/imigrante que se situa entre tantas inquietações. Nanetto Pipetta é um jovem emigrante que vem clandestinamente para a América, como referido anteriormente, em busca da Cocanha. Teria o Nanetto Pipetta, daquela narrativa ficcional, atuado como elemento de integração cultural entre colonos de distintas procedências? Uma vez que Nanetto, na obra literária, veiculou uma fala integradora de todas essas línguas e dialetos proferidos na região, que foi sendo conhecida, difundida, falada por todos, ao contarem e recontarem suas aventuras, teria ele contribuído para a construção de um senso de pertencimento e de identidade cultural mais favorável e mais facilmente estabelecida?

Anos mais tarde, com a Campanha de Nacionalização do Estado Novo (1937-1945), o governo brasileiro proibiu que se falasse qualquer língua que não o português em território brasileiro e reprimiu qualquer manifestação cultural estrangeira. Neste período, Nanetto Pipetta teve que ser mantido no ostracismo. Considerando que o colono já estava familiarizado com o *talian*, e que teve que aprender – e somente se comunicar – em outra nova língua, o português, sob pena de ser considerado um sujeito potencialmente perigoso e, portanto, malvisto e rejeitado pela nação que o acolhia e onde ele já colhia alguns frutos pelo seu trabalho, numa terra enfim, de sua propriedade, indaga-se se, como ele, seus filhos teriam sentido como consequência de tal proibição, uma reação preconceituosa, rejeitadora e hostil por parte dos brasileiros. Em que medida este movimento abalou sua identidade, já em processo de reestruturação?

Tais perguntas poderiam se estender à realidade de todos os emigrados, de todos os tempos, raças e nações que se deparam com a xenofobia. Como conviver socialmente com aqueles que lhes rejeitam simplesmente pelas diferenças raciais e sócio-culturais? Como manter a auto-estima e autoconfiança em tais condições? Como fica seu senso de eu? O que ocorre em sua subjetividade? Tal questão é extremamente atual, pois os povos permanecem nômades e com a globalização, há uma crescente aproximação dos diferentes povos e nações.

Em relação à e/imigração italiana, colocam-se as seguintes questões: o que se ouvia falar sobre o Brasil, na Itália, na ocasião da emigração em massa? O que as famílias pensavam e comentavam sobre este país para onde emigrariam? Como o país mítico da Cocanha - portador da idéia de felicidade, fartura, bem-estar, proteção e abundância alimentar - em oposição à vivência de pobreza, escassez de recursos e fome - era difundido entre os italianos que optaram por emigrar para o Brasil? Em que medida eles vislumbraram no Brasil, este país imaginário? Até que ponto o personagem Nanetto Pipetta, espelho do imigrante italiano, dotado de sentimentos, costumes e atitudes próprias a este grupo, sendo ele mesmo, um imigrante da região de Vêneto, traduz os sonhos e as decepções vivenciadas pelos seus conterrâneos? Nanetto, como já visto, veio para o Brasil para “*catere la cucagna*”, ou seja, emigra acreditando que no Brasil encontraria a abundância e fartura prometidas. Mas a realidade se mostra adversa do sonho e Nanetto, na verdade, depara-se com inúmeras dificuldades, passando por momentos de privação, sofrimento e dor...

Através do *fabliau*¹² de **Cocanha**, o imaginário do imigrante italiano que, como Nanetto Pipetta, veio ao Brasil em busca da felicidade e fortuna, poderá ser investigado. O poema relativo ao país utópico¹³ da Cocanha é uma publicação francesa do século XIII, e que possui representações em vários países e em várias línguas, além de versões iconográficas. No Nordeste do Brasil foi publicada sua versão brasileira em meados do século XX, o cordel **Viagem a São Saruê**, de

¹² Não há uma definição precisa do que seja exatamente um *fabliau*, segundo Franco Junior (1998 a), que apresenta opiniões de estudiosos. Bédier o define como “contos em versos para rir”; Jodogne declara que o *fabliau* se acerca de temas do cotidiano, dando-lhes uma conclusão moral; Boutet diz que ele provoca o riso e pode se valer de motivos maravilhosos. E Brusegan afirma que ele utiliza o elemento surpresa, o estupor e o maravilhoso.

¹³ Considera-se Utopia, nesta dissertação, a representação das profundas necessidades de uma época, segundo os padrões de uma dada sociedade. Refere-se aos ideais tanto do presente como também do futuro, e expressa a visão de algo ideal, perfeito, fantástico.

Manoel Camilo dos Santos, que não será vista detalhadamente neste estudo, embora nos traga elementos para reflexão. Ambos falam de um país imaginário em que os alimentos são abundantes, não há pobreza, nem carência; as pessoas não envelhecem nem adoecem; são livres para fazerem o que desejarem, sem restrições, todo o tempo – trata-se do *país do Carnaval*, o *país da Cocanha*.

Na obra de Sergio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, pode-se vislumbrar a demanda do Paraíso entre os descobridores ou conquistadores latinos, que viam nas terras recém-descobertas, uma cópia do Éden.

Vita e Stòria de Nanetto Pipetta - Nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica per catare la cucagna¹⁴ foi publicada semanalmente em tirinhas no jornal, em *talian*. Em 1937, os episódios foram compilados e publicados em livro e, comprovando a popularidade do personagem até os dias atuais, em 2009 foi lançada a sua 10ª edição, de onde se extraíram os fragmentos originais, em *talian* contidos nesta dissertação e que constam em notas de rodapé. Para facilitar a compreensão do leitor, será utilizada no corpo do texto, a edição em português, traduzida por Maria Adami Tcacenco e Alberto Víctor Stawinski, editado pela EST/EDUCS, em 1988.

Em 1999, inicia-se nova trajetória de Nanetto Pipetta, assinada por Pedro Parenti. Após sua morte, em 2000, diversos autores vêm escrevendo “*Il ritorno di Nanetto Pipetta*” [o retorno de Nanetto Pipetta], que continua divertindo os leitores do Correio Riograndense. Diante deste sucesso, questiona-se o quanto os descendentes de imigrantes italianos sentem-se, hoje, vinculados às questões referentes à imigração italiana. Quão importante é, para eles, a trajetória dos pioneiros da colonização do Rio Grande do Sul? Em que medida estão preservados os valores e tradições culturais dos ítalo-brasileiros? Como se encontra a subjetividade destes descendentes? Estariam eles lidando existencialmente com os temas de enraizamento e pertencimento? Como estão lidando com as questões relativas às identidades étnica, cultural e nacional?

Este trabalho debruça-se sobre essas questões e procura investigar dados que nos possam conduzir a uma melhor compreensão acerca do significado da emigração em massa dos camponeses do vêneto, e do imaginário destes emigrantes, em sua maioria, agricultores pobres, em relação ao que eles esperavam

¹⁴ *Vida e História de Nanetto Pipetta* – nascido na Itália e vindo para a América para encontrar a Cocanha.

encontrar em terras tão distantes, tendo em vista a identidade que assumiriam com a experiência e a herança identitária que legariam a seus descendentes.

Procura-se neste estudo, discernir as questões relativas à identidade do imigrante italiano e de seus descendentes, pelo viés da fenomenologia, através das narrativas presentes na literatura especializada no fenômeno da imigração italiana para o Rio Grande do Sul e em Nanetto Pipetta, numa interface entre psicologia, literatura e história.

Walter Benjamin (1994) apresenta o gênero narrativo como modalidade de pesquisa fenomenológica, expressão da experiência do próprio indivíduo ou daquilo que é relatado pelo outro. E, devido a sua oralidade, ela conserva as tradições.

A pesquisa fenomenológica e existencial nos remete ao que foi experimentado pelo indivíduo em algum momento, enfatizando tanto a dimensão existencial do viver humano quanto os significados vivenciados. Postula-se, pois, que ela seja um instrumento viável de investigação da subjetividade dos imigrantes italianos e seus descendentes, verificando o seu imaginário através da observação da narrativa de Aquiles Bernardi, na medida em que esta tenta sintetizar a experiência do imigrante em seu personagem Nanetto Pipetta.

Valorizamos a relação entre literatura e história, considerando-se que Aquiles Bernardi trouxe elementos da realidade¹⁵ vivenciada pelos colonos para a sua narrativa. Consideramos a literatura como testemunho histórico, de acordo com Chalhoub & Pereira (1988), produto social que exprime as condições da civilização em que ocorre (Cândido, 2000), atravessada pelas questões sociais de sua época (Ewald, 2007), resultado de elementos que foram construídos coletivamente, e que expressa visões de mundo coletivas de determinados grupos sociais (Facina, 2004).

Ao longo de toda dissertação, tomar-se-á o personagem Nanetto Pipetta como mote para as reflexões acerca da construção da identidade e do imaginário dos camponeses pobres do Norte da Itália que vieram para o Sul do Brasil. Trata-se daqueles que vieram com o objetivo de colonizar o Rio Grande do Sul. Sabe-se que os que tinham melhores condições sócio-econômicas, ainda que instalados no Sul do Brasil, não ocuparam lotes como os camponeses, e sim, instalaram-se nas sedes coloniais, exercendo outras profissões, que não a de lavradores.

¹⁵ Há uma diferenciação entre realidade e real. A primeira consiste nas coisas, na natureza. O real é a representação que se faz das mesmas, atribuindo-lhes significado.

A organização dos temas aqui abordados terá a seguinte forma:

No primeiro capítulo, serão apresentadas reflexões que nortearão o pensamento ao longo deste trabalho, traçando um paralelo entre a realidade vivida pelo imigrante italiano e as aventuras do personagem de ficção Nanetto Pipetta. Nele, também serão discutidas as interfaces entre literatura e história; literatura, cultura e sociedade, e o papel da literatura e da ficção como retrato de uma realidade.

O segundo capítulo é dedicado ao fenômeno migratório, no que toca a experiência dos e/imigrantes e seus sentimentos desde a decisão de emigrar, suas vivências durante a travessia e o impacto da chegada ao Novo Mundo.

No terceiro e último capítulo, serão abordadas questões identitárias dos imigrantes vênnetos e seus descendentes, envolvendo o senso de desenraizamento e de pertencimento e as consequências psico-afetivo-sociais deles decorrentes, bem como serão abordadas questões relativas à cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

1 NANETTO PIPETTA VEM AO BRASIL EM BUSCA DA COCANHA

A América, que será esta América? Pensava Nanetto Pipetta com seus botões. Que ela seja uma grande "cocanha" [...].

Acho que sim ... ela deve ser como a nossa sala de visitas, onde não falta nada, não porém assim como a nossa, porque aqui não há quase nada, ao passo que lá deve haver de tudo.

A América, penso eu, deve ser um jardim de delícias, que Deus fez; deve ser uma região onde a gente só come rosquilhas e a minha tarefa será endireitar rosquilhas, como disse o meu avô, e todas as que se romperem, serão para mim e para ele [...] (BERNARDI, 1988, p. 48)¹⁶

Nanetto Pipetta, como referido anteriormente, era um jovem veneziano com treze anos de idade, que se aventurou a emigrar sozinho para o Brasil, em busca da cocanha. Garoto levado, ele cresceu ouvindo seu pai dizer que o mandaria para a América, para que criasse juízo. Naquela época, Brasil e América para os emigrantes italianos eram o mesmo lugar.

- A senhora queira dizer-me, por favor, onde é que estou agora.
- Estás no Brasil!... ou quererás fazer troça de mim?!
- Mas como será possível, se eu vim para a América?!
- Exatamente! Pois tu te encontras na América do Brasil.
- Mas, ninguém nunca me falou assim, nunca mesmo!
- Mas, eu é que estou te falando.
- Mas, eu não sei nem mesmo assim aonde estou... (Bernardi, 1988, PP. 97-98)¹⁷

¹⁶ La Mèrica, pensava Nanetto Pipetta, cossa sarala sta Mèrica! Che la sipia na gran cucagna?! Mi digo de si! ... la ga da èssare come el nostro tinelo ndove no ghe manca gnente! ... ma nò próprio come el nostro, parché in del nostro a no ghe ze gnente squasi e là invense a ghe ga da èssare de tuto.

La Mèrica, mi digo, Che la ga da èssare um brolo pien de gràssie del Signore, el ga da èssare on paese ndove se magna solo bussolà, e el me mestiero sirà de drissar bussolà come ga dito el nono, e tuti quei Che se rompe i ze par mi e elo. (Bernardi, 2009, p. 20)

¹⁷ - Disime par carità: Andove son mi adesso?

- In Brasile te si... o feto posta par torme in giro?

- Ma come?!... mi son vegnudo in te la Mèrica mi!

- Ma seguro?!... in te la Mèrica del Brasile pó!

- Ma gnessuno me ga mai dito cossita è?!

- Ma te lo digo mi?!

- Ma mi no sò gnanca istesso andove ca son è! (Bernardi, 2009, p. 62)

A confusão em que Nanetto se encontra quanto ao lugar onde está deve ter ocorrido com muitos imigrantes que, muito provavelmente, não haviam recebido informações geográficas precisas quanto ao continente americano.

Em seu imaginário, a América era um lugar de muitas delícias, onde havia tudo de mais apetitoso e em grande quantidade e fartura. Esta alusão ao Brasil-América – enquanto o país da Cocanha – provavelmente povoava o imaginário dos italianos em geral, graças a uma extensiva propaganda que objetivava aliciar imigrantes para as terras brasileiras. Havia grande curiosidade em torno do desconhecido e misterioso Novo Mundo. É possível que, como Nanetto Pipetta, muitos italianos tivessem ouvido falar da América, mas não do Brasil.

Em seus pensamentos, Nanetto a imaginava como uma sala de visitas, onde haveria de tudo, em oposição à continuada privação pela qual seu povo vinha passando há séculos. O garoto vivia num tempo e lugar em que imperavam a fome, a miséria e a exploração dos trabalhadores braçais e camponeses, pelos seus patrões.

Seus pais nutriam a crença de que o pouco juízo de Nanetto se devia ao seu nascimento em dia de quarto minguante. Seu pai lhe dizia que, na América, a lua “nunca minguia”, o que talvez fosse mais uma expressão da fartura e abundância vislumbradas no novo continente, onde nem mesmo a lua era diminuta e escassa, como as condições de vida de sua gente.

Tendo ouvido falar sobre a Cocanha, como o país do carnaval, dos prazeres e da liberdade, e considerando o discurso de seu avô, Nanetto pensa a América como um lugar em que também seu trabalho será leve, divertido, prazeroso, o qual, como se pode observar nos pensamentos de Nanetto, na página 17, consistia em “endireitar e comer as rosquinhas que se quebrarem”, ao contrário das condições de trabalho dos camponeses vênetsos naquela ocasião.

Vita e stória de Nanetto Pipetta tornou-se fonte de entretenimento dos emigrados da Região de Colonização Italiana, mantendo a atenção e o interesse do leitor presos à narrativa episódica com que se desenrolava a ação da estória, recurso técnico típico do folhetim do século XIX.

Assim, o público fiel de Nanetto permanecia vinculado à estória, pela curiosidade gerada pela divisão em capítulos, e aguardava o desfecho das aventuras do personagem, mantendo expectativas de conhecer a continuidade e a conclusão de suas peripécias, que, segundo Candido (1971, apud Ribeiro 2005,

p.33), são acontecimentos que governam “tiranicamente o personagem”, impondo-se a ele e influenciando tanto em seu destino quanto no curso da narrativa.

Foi José de Alencar quem inaugurou o espaço do rodapé do jornal para escrever o folhetim: uma mistura de temas, destinados ao entretenimento, mantendo um tom de sonho, de fantasia, a fim de não enfadar o leitor, escritos “ao correr da pena”, para serem lidos “ao correr dos olhos”, como revela Souza (1988, pp. 124-125). Seu gênero era ágil, informativo, crítico e, ao mesmo tempo, tinha um “tom ligeiro”, privilegiando a diversão em detrimento da informação.

Num primeiro momento, o folhetim continha reflexões sobre os assuntos mais relevantes do seu tempo, e nele eram publicadas variedades, miscelâneas, resenhas literárias, dramáticas ou artísticas. Ou seja, nele eram divulgados os mais variados eventos.

Posteriormente, no espaço se passaram a publicar romances ficcionais denominados *folhetins*. Inicialmente só se publicavam obras prontas, aos pedaços no jornal, a fim de se aguçar a curiosidade do leitor para saber a continuação das histórias dos romances. Mais tarde, foram criados novos romances para serem publicados da mesma maneira no jornal, quando se passou a adotar o termo para esta nova modalidade textual – o *romance-folhetim* –, caracterizado pela tipologia textual em narrativa com a presença dos diálogos; pelo elemento *suspense* de episódio para episódio, a fim de atizar a curiosidade do leitor; pela presença da figura do Herói; e pelas oposições binárias (maniqueísmo): bem x mal, felicidade x amargura, perseguidor x perseguido, generosidade x mesquinhez, resolvidas pela ação heroica de um indivíduo poderoso.

Ao figurar no interior da seção, o *romance-folhetim* começou a se constituir como uma modalidade textual específica, na medida em que deixava ser mero veículo de divulgação para se tornar um espaço de produção discursiva.

Ariane Ewald, em sua obra *Crônicas folhetinescas: o nascimento da vida moderna no Rio de Janeiro* (2005, pp. 47- 48) esclarece que a primeira aparição do gênero *romance-folhetim* ocorreu no Rio de Janeiro, no *Jornal do Commercio*, em 31 de outubro de 1838, publicado na coluna intitulada *Variedade*, destinada aos mais diferentes assuntos, e não no rodapé. A palavra folhetim, naquele período, referia-se, especificamente, a “um romance publicado aos pedaços no jornal, totalmente isolado das matérias jornalísticas abordadas na folha”. Já em 1840, utilizava-se esta palavra tanto para designar romances publicados no rodapé, quanto críticas teatrais.

E, a partir de 1852, utilizava-se o espaço do rodapé para a publicação do *romance-folhetim* o folhetim crítico-teatral e a crônica folhetinesca, assegurando o espaço do entretenimento na folha.

Para Ariane Ewald, em seu artigo *A vida da crônica e a crônica da vida. Psicologia Social, literatura e circulação da notícia* (2007, p. 178), a crônica folhetinesca “demarca seu espaço físico no jornal”, e revela, coloquialmente, “os modos de agir e pensar de uma época”. As crônicas revelavam uma nova forma de pensar e de se relacionar com o mundo, e o cronista procurava, em seu texto, eternizar o seu olhar sobre a vida em movimento.

Aquiles Bernardi, ao criar o seu personagem Nanetto Pipetta, tinha a intenção de entreter o público leitor e de estimular o aumento da venda do jornal, veículo utilizado para disseminar subliminarmente as tradições, ideais religiosos e pregações da Igreja Católica, uma vez que os capuchinhos faziam seus sermões através do jornal, de acordo com Perotti (2007).

A fim de realizar tais objetivos, Bernardi publicou sua estória em capítulos, com várias características do folhetim: a publicação em capítulos e em pequenos episódios; a presença de personagens; um grande senso de humor, o qual proporcionava, além de diversão e entretenimento, a criação de expectativas para os próximos episódios, “linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves” (CANDIDO, 2000, p. 33).

Através do jovem aventureiro, ele procurava, também, desmistificar a imagem da América, difundida na Itália como o País da Cocanha, revelando a realidade encontrada pelos imigrantes vênets, muito distante do sonho da fortuna facilmente encontrada, com que sonharam antes de atravessar o Atlântico. Talvez o autor tencionasse transmitir que a fortuna poderia ser obtida sim, mas através do trabalho e do compromisso, como ocorrera com outros personagens emigrados – a família de Gelina e os patrões de Nanetto.

Produzido como texto impresso, numa época em que muitos imigrantes eram analfabetos e outros tantos não dispunham de poder aquisitivo para comprar o jornal, Nanetto era conhecido por praticamente todos na colônia, que acompanhavam as suas aventuras através da transmissão oral nos *filós*¹⁸, nas

¹⁸ Os filós eram encontros sociais informais realizados geralmente à noite, após o trabalho, onde os colonos conversavam acerca dos mais variados assuntos da comunidade.

praças, na bodega, em todos os lugares. Seus leitores se transformaram em núcleos multiplicadores do texto. E os ouvintes se converteram em contadores das histórias.

O entretenimento proporcionado pela narrativa era vivido, num primeiro momento, pelo leitor que, ao contar as histórias que lera aos seus ouvintes, estendia este benefício a todos. E o ouvinte, ao mesmo tempo em que constituía a assistência, transformava-se em narrador potencial das peripécias de Nanetto.

O colono tinha acesso ao exemplar do jornal aos domingos, na saída da missa, revela Gardelin (1988), quando as aventuras do jovem imigrante eram lidas em família. Elas eram o assunto do dia, e contadas e recontadas ao longo da semana, tornando-se parte da oralidade daquelas pessoas acerca das histórias sobre a América e o País da Cocanha.

Através de Nanetto, podemos conhecer a comunidade italiana instalada no sul do Brasil, no início de sua colonização, confirmando a declaração de autores como Chalhoub & Pereira (1988) e Facina (2004), de que podemos estudar as sociedades através da literatura, uma vez que a obra literária é fruto de seu tempo, historicamente situada.

Concordando com Facina (2004), Bernardi, como todo escritor, produto de sua época e de sua sociedade, está sujeito aos condicionamentos impostos pelo pertencimento a uma classe, a uma origem étnica, a um gênero e a um processo histórico de que faz parte. Nanetto Pipetta, como tantas outras criações literárias, é um produto histórico que busca expressar realidades históricas, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inscrito nela por meio de múltiplos pertencimentos. Bernardi, descendente de imigrantes, nasceu na Região de Colonização Italiana; sua narrativa era, pois, fruto de sua experiência, naquele determinado momento e lugar. Ao conceber seu personagem e tecer sua trama, o autor expressava as visões de mundo coletivas daquele grupo social, em consonância com a afirmativa de Facina de que aquilo que se transformou em literatura, foi construído coletivamente.

“Nanetto Pipetta” era dedicado a um público peculiar, composto basicamente por imigrantes analfabetos, e Bernardi dava voz a Nanetto e ao narrador da ficção, utilizando-se de uma mescla de dialetos falados pelos emigrados, com todos os seus trejeitos e expressões típicas; além disso, era publicado no jornal de forma coloquial, de modo que fosse facilmente acessível aos colonos, facilitando sua

reprodução oral para os que não pudessem adquirir o periódico ou não soubessem ler, corroborando o pensamento de Facina em que

é preciso situar histórica e sociologicamente autores e obras, definindo o lugar social de onde elas eram escritas, em que veículos eram publicadas, quem era o público a quem o autor se dirigia, quem eram seus interlocutores, com quem polemizava, etc. Os olhares desses escritores sobre a sua sociedade e sobre os debates públicos mais importantes de sua época precisam ser contextualizados. (FACINA, 2004, pp. 43-44)

A obra de Bernardi, sua popularidade e a repercussão alcançada atestam a afirmação de Candido (2000, p. 22) de que a literatura, como um produto social, exprime as condições de cada civilização em que ocorre, pois há forças sociais condicionantes que guiam o artista, determinando a ocasião e a necessidade de a obra ser ou não produzida, bem como se esta vai ou não se tornar um bem coletivo. Em sua concepção, *autor, obra e público* estão indissoluvelmente ligados. Bernardi criou seu personagem antecipando as comemorações do cinquentenário da imigração italiana para o Rio Grande do Sul, preparando, por assim dizer, o estado de espírito do colono para este momento. Através de Nanetto, o emigrado, identificando-se com o personagem, foi revendo sua trajetória – desde os dias de carência na Itália, passando pelos sentimentos relativos ao desenraizamento, pela travessia oceânica, até a chegada ao Brasil e tudo o que foi vivenciado desde então –, narrando suas experiências aos descendentes, com um toque de humor, trocando com os vizinhos e amigos; foi ressignificando sua história e passando a valorizar sua escolha pela aventura de emigrar para o Brasil.

Tanto os valores, quanto as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe, influem na obra, sobretudo quanto à forma, determinando suas possibilidades de atuação no meio, aclara Candido (2000). Desse modo, houve uma influência decisiva do jornal sobre a literatura, fazendo com que surgissem novos gêneros literários, como a crônica em seu feitiço atual, ou fossem modificados os já existentes, como o romance. E quando Gustave Planche criou na França, em meados de 1820, o folhetim¹⁹ romanescos, alterações foram feitas, tanto na técnica narrativa e no estilo, quanto nos personagens.

¹⁹ Do francês *feuilleton*, termo utilizado para designar “os romances publicados em capítulos nos rodapés dos jornais”. (EWALD, 2005, p.48)

Sabe-se que cada povo tem as suas próprias história e cultura, ou seja, tem um processo social fundamental, que modela modos de vida distintos e específicos. O termo *cultura*, com o qual se traduz a individualidade de um povo, delimita e enfatiza as diferenças nacionais e as identidades particulares de grupos, e tem como foco o estabelecimento de fronteiras e identidades. Ele implica necessariamente realizações e diz respeito a fatos intelectuais, artísticos, religiosos e a produtos humanos, tais como obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, como conceitua Facina (2004). Assim, na obra de Bernardi, está representada a cultura do emigrado italiano para as colônias do Rio Grande do Sul, em seus valores, falas e experiências.

Aquiles Bernardi nasceu em 1891, em Caxias, na 9ª légua. Seu pai, natural de Treviso, emigrou em 1874, com 14 anos. De sua mãe, sabe-se que era proveniente de Pádua. Aos 13 anos de idade, deixou sua família e ingressou no seminário. Em sua vida religiosa, teve oportunidade de conversar com muitos colonos, o que facilitou que captasse seu modo de pensar e de falar. (Gardelin, 1988; De Boni & Costa, 1984). Passou os últimos anos de sua vida em Caxias do Sul, onde faleceu em 1973.

Bernardi, portanto, vivenciou profundamente a cultura do imigrante italiano, do primeiro ao último de seus dias, seja devido ao local onde nasceu e à sua filiação, seja enquanto frade na Região de Colonização Italiana, onde a religião católica era mantida fervorosamente. A história de vida de Bernardi estava mesclada com a história de vida de todos ali, fossem eles os pioneiros da imigração ou seus descendentes. Sua identidade estava marcada por questões similares – étnica e socioculturalmente – às que acometem os descendentes de imigrantes italianos, o que provavelmente os aproximou em níveis muito profundos; daí a sua narrativa expressar, com tanta precisão, a experiência do emigrado.

Seu personagem era fiel às experiências dos imigrantes. Nanetto Pipetta reproduzia a fala, o pensamento e os gestos dos imigrantes, suas manifestações culturais e religiosas, suas relações familiares e vinculações ao trabalho, seus objetivos, suas esperanças e desilusões diante da realidade encontrada no Brasil. Bernardi levou os elementos desta realidade à ficção.

As experiências de Nanetto retratavam, com muita similitude, aquelas vivenciadas pelos colonos, revelando os temores, a curiosidade e a estranheza que os imigrantes sentiam frente à imensidão das matas brasileiras, seus animais e seus

frutos; e também diante dos índios, dos negros, enfim, de seu povo e seus costumes.

A este respeito, o que teria se passado no imaginário do imigrante italiano? Teria ele acreditado, como Nanetto, que, ao deixar sua vida e sua história para trás, encontraria de fato tudo aquilo que se dizia do Brasil? Ou teria ele sido levado por motivos mais “realistas”, como afirma Franzina (2006); Gardelin (1988), emigrando para *fare l'América*²⁰?

Nanetto é levado a confrontar o seu desejo – a América idealizada – com a realidade efetivamente encontrada. E quanto ao imigrante? Quais teriam sido suas vivências ao se confrontarem com a realidade de uma terra que, embora fértil, exigia deles – para desfrutarem de suas benesses – que se abrigassem na selva brasileira e a desmatassem com recursos escassos? Bernardi declarou que criou Nanetto Pipetta após ter lido diversos romances vênnetos, que referiam a América como local de fartura e prosperidade. Sua intenção era a de revelar a verdadeira América aos camponeses pobres, italianos que se desfizeram de tudo o que haviam conquistado, com rapidez equivalente a sua crença na ventura na terra da cocanha.

Infere-se que os imigrantes vivenciavam certa catarse ao ler ou ouvir as surpresas, os infortúnios, as descobertas do crédulo, ingênuo e iludido Nanetto Pipetta, o qual revelava suas experiências e, talvez, inconfessados sentimentos, transformando sua desventura em algo risível, engraçado. Bernardi se valeu do poder terapêutico do riso e apostou na sabedoria de rir da própria sorte, inserindo-a na narrativa que ofertou aos imigrantes. Qual teria sido a experiência de Bernardi junto aos seus pais? O que ouvia em casa, quanto a suas ilusões e desilusões? O que teria movido seus pais para que emigrassem? Caberiam a sua família as mesmas indagações referidas acima aos emigrantes italianos em geral?

Gardelin (1988) revela que as aventuras do jovem emigrante favoreciam a que pais contassem aos filhos, avôs aos netos, as confusões em relação à língua e aos costumes brasileiros; suas primeiras vivências na América, nos primórdios da colonização no sul do Brasil, narrando os detalhes de sua saga – da partida à chegada ao lote e à construção da casa.

²⁰ Construir, fazer a América.

Nanetto vivenciava o processo de acomodação e assimilação comum a todo imigrante; a história da chegada dos primeiros colonizadores foi pontuada por inúmeros episódios tragicômicos. Mas, apesar de todas as dificuldades encontradas, talvez houvesse em sua avaliação – a partir de experiência compartilhada com os demais imigrantes e estimulada pelas aventuras de Nanetto – um saldo positivo.

O humor, a comicidade, a faculdade de provocar o riso – características do estilo de pregação dos frades, como aponta Perotti (2007) – são elementos fundamentais na narrativa de Aquiles Bernardi, que conhecia muito bem os códigos daquela cultura e sabia discernir o que era engraçado e o que provocaria o riso, naquele contexto. Há, portanto, em sua narrativa, princípios doutrinadores, característicos da cultura clerical, embutidos subliminarmente. Em primeiro plano, encontra-se o risível, o engraçado e o divertido.

Bernardi se valeu de alguns recursos para tornar cômicos os episódios de Nanetto Pipetta²¹. Destacam-se o estilo desajeitado e um tanto avoado do personagem, que vive se metendo em encrencas; seu jeito infantil, ingênuo, rústico de lidar com as situações, enfrentando-as direta e impulsivamente, colhendo resultados adversos.

Bom conhecedor das normas de convivência daquele grupo, Bernardi se utiliza com propriedade das técnicas evocativas do riso em um texto escrito. Ribeiro (2005) afirma ser o cômico decorrente da própria linguagem, o traço mais peculiar de comicidade em Nanetto Pipetta. Perotti (2007) aponta que o riso, na ficção de Bernardi, não resulta apenas das situações, mas também da construção da linguagem na qual foram representadas; destaca a sonoridade e a graça dos trocadilhos, tão importantes quanto a própria mensagem, presentes na narrativa e intraduzíveis (RIBEIRO, 2005).

Para melhor visualização da comicidade através da sonoridade em Nanetto, atente para a versão original, em talian, em que o leitor ri porque se identifica com essa fala e sotaque embaralhados, numa mistura inexata de várias línguas, vendo-se projetado em Nanetto:

²¹ Para uma visão mais ampla dos recursos e técnicas cômicas utilizadas por Aquiles Bernardi, em Nanetto Pipetta, veja Perotti (2007).

- Tu sei pazzo?
- In Mèrica passo sicuro!..
- E Il passaporto?
- Ma romai lo go passá Il porto! (p. 28)

Versão traduzida para o português:

- Estás louco? [...]
- E para chegar a América que é que se exige?
- Exige-se o passaporte.
- O passa-porta ?! (p. 56)

Vale observar a afirmação de Ribeiro (2005, p. 26) de que “o ciclo de *Vita e Stòria de Nanetto Pipetta* foi cumprido num processo inverso ao que se dá com a literatura de inspiração popular que, recolhida da tradição oral, ganha foro de obra impressa”. O jornal foi o suporte material para Aquiles Bernardi criar seu personagem e propagar suas aventuras; e os ouvintes ofereceram as condições necessárias para transformá-lo em texto oral.

O imigrante, assim como Nanetto, pode ter se atrapalhado ao se embrenhar pelas matas, ao derrubar árvores gigantescas, ao tentar se comunicar, por exemplo, no porto de Gênova, onde se ouviam o idioma italiano e outros dialetos, ou com outro colono que falava dialeto distinto, no navio ou já na colônia.

Nanetto não apenas repete a escolha pela e/imigração, mas o faz caricatamente. Ele diverte pelo absurdo de sua motivação constante, obsessiva de suas crenças e atos. Os imigrantes, a esta altura, já se encontram desiludidos. Sabem que a natureza nestas terras oferta frutos de forma abundante, a quem se dispuser a colhê-los. E sabem também que, para realizar o seu sonho de prosperar, de obter a posse de sua terra, terão de trabalhar e muito. Talvez por este motivo, eles riem de Nanetto, que continua iludido, acreditando que vai ter tudo o que desejar, sem se esforçar. Que basta procurar para encontrar a cocanha. Eles riem de cada confronto de Nanetto com a realidade, talvez como um conforto para o seu próprio desconforto neste confronto... e por já se saberem menos ingênuos, portanto, mais preparados para a luta da integração na nova terra. Eles já perderam a inocência – no sentido de não mais acreditar que seria tão fácil como pensavam – e, por isso, riem do ingênuo.

A narrativa de Aquiles Bernardi a respeito das experiências dos imigrantes italianos nos ajuda a compor uma atmosfera da vida nas colônias, dos sentimentos,

das lembranças, do imaginário destas pessoas; além disso, reproduz sua linguagem e contém traços da cultura da imigração italiana inseridos no universo da ficção, que retratava de forma cômica a experiência do colono em suas mais variadas situações, levando os imigrantes a adotá-lo como elemento de identificação, e também de distração e diversão, o que favorecia a interação social, ao proporcionar temas para animadas conversas e trocas de experiências entre os habitantes das colônias.

As aventuras de Nanetto terminaram quando ele se afogou no Rio das Antas. Mas essas aventuras, além de terem sido publicadas em livro e reeditadas muitas vezes, foram recriadas por Parenti e continuam a figurar no *Correio Riograndense* até os dias atuais, assinadas por diversos autores²². Grupos teatrais têm encenado suas peripécias e, assim, ele tem permanecido sempre atual, preservando e veiculando a cultura e a vida dos imigrantes nas colônias do Rio Grande do Sul – dos pioneiros aos seus descendentes.

1.1 A Trajetória de Nanetto Pipetta

A fim de familiarizar o leitor com a história de vida de Nanetto Pipetta, segue-se um breve resumo de sua epopeia, desde o seu nascimento até sua morte.

Nanetto nasceu na lua minguante, no dia 22 de julho, em Veneza. Este fato é destacado por se acreditar ser este o motivo de ele ser azarado, levado, desajeitado e resistente a aprender as orações que sua mãe tentava, em vão, lhe ensinar. Seu pai volta e meia lhe dava um corretivo com o chicote e dizia que o mandaria para a América para que criasse juízo, pois se dizia que lá, a lua nunca minguava. Nanetto passa a sonhar com este misterioso lugar, imaginando-o como uma grande cocanha.

Aos 13 anos, Nanetto se ocupava apenas de brincar e fazer malandragens, mas, com o agravamento dos conflitos familiares, ele foi até a estação de trens de Veneza informar-se sobre o meio de ir para o sonhado paraíso das delícias.

²² Silvano Santin, Sergio Ângelo Grando, Antônio Baggio, Rafael Baldissera, Luiz Bavaresco, Eduardo Gríngolo, Mário Gardelin e Ivo Ângelo Dal Moro; ilustrações de Derli Dutra.

Após mais uma de suas traquinagens, seu pai o manda embora – momento em que ele decide fugir de casa e emigrar em busca da cocanha.

O jovem consegue esconder-se em um vagão do trem e, assim, chega ao porto de Gênova, acreditando já ter chegado ao cobiçado destino. Apercebendo-se do seu engano, ele se informa a respeito dos procedimentos para sua viagem e descobre que é necessário o passaporte; não sabendo, porém, do que se trata, procura descobrir como obter o passaporte, mas é mal interpretado pelo agente, que lhe dá um “passa-fora”.

No momento do embarque, Nanetto aproveita-se da confusão causada pela multidão e consegue passar por entre as pernas do funcionário que controla os passaportes, e vai esconder-se entre as bagagens. O viajante clandestino é descoberto e mantido preso até o final da viagem.

Após trinta dias de travessia marítima, Nanetto avista o horizonte e se dá conta de que chegara à América. Ele consegue escapular pela janela e vai nadando até a praia. Assim se dá a travessia de Nanetto: um *continuum* de fugas.

Em terra firme, novas aventuras: nas casas de algumas pessoas ele consegue alimento, pouso e trabalho, mas continua fugindo de um lugar a outro, e assim sucessivamente. Em sua trajetória, depara-se com vários elementos que lhe causam surpresa: a selva brasileira com seus animais, frutos e frutas, pessoas com costumes diferentes e pertencentes a outras raças, etc.

Lá pelos seus 18 a 20 anos (a idade não é precisa), Nanetto parece ter criado algum juízo: está prestes a conseguir sua própria colônia e a se casar, quando morre afogado no Rio das Antas...

Em diversas passagens, Nanetto sintetiza o retrato dos emigrantes italianos do vêneto, típicos camponeses daquela época: pobre e maltrapilho, traçado por Aquiles Bernardi com um realismo contundente, como, por exemplo, no momento da partida no porto de Gênova.

[...] em Veneza, junto à estação da via férrea, chegava um rapazote mal trajado, sem casaco, com a camisa rasgada nos cotovelos, as calças remendadas e superremendadas com retalhos de panos de diversas cores, calçando um par de sapatos usados, um de cor branca e outro de cor preta, esbranquiçado com farinha de trigo para emparelhar com o de cor branca. Era ele o nosso Pipetta, já pronto para ir à América. (Bernardi, 1988, p. 50)²³

²³ [...] a Venèssia davanti la stassion del bapore ze capità on putelo mal vestio, sensa iacheta, co la camisa rota ai gomi, Le braghe tute pesse de colori diferente, taconae e strataconae; on par de scarpe vece, uma Bianca e

Há provavelmente nesta cena a intenção do autor de provocar o riso diante de tal figura que, a despeito de sua situação de penúria, apresenta-se da melhor forma que pode, com certa astúcia até, tentando disfarçar o irremediável.

É bem provável que o camponês nascido no Vêneto no final do século XIX, de fato, vestiria tal figurino, cujas vestes do cotidiano seriam rotas, cheias de remendos; talvez tivesse também alguma peça um pouco melhor apresentável, para as ocasiões especiais – a missa de domingo, por exemplo, ou a festa do padroeiro da sua aldeia, ou quem sabe, um casamento, ou batizado de algum parente ou aldeão. E teriam eles pares de sapatos? Seus trajes atestam que Nanetto era, como o seu leitor-ouvinte, um tipo comum, o típico camponês.

Uma vez aqui, na sonhada América, teriam eles mantido o mesmo padrão de vestuário? Para quem, segundo Pozzobon (1997), ouvira promessas de que na América todos se vestiam com roupas de seda... Que sentimentos tal descrição indumentária teria evocado nos imigrantes? Teriam eles aplaudido a saída criativa de Nanetto naquela situação?

Bernardi revela a visão dos imigrantes a este respeito, através da carta que Nanetto escreveu à família. A carta era o veículo de comunicação mais comum entre os imigrantes e seus familiares e afetos que permaneceram na Europa. Nela, Nanetto contou a sua mãe, além das novidades advindas da relação empregatícia que já perdurava por algum tempo, também que seu patrão o presenteara com roupas e um par de tamancos “à moda italiana”, a fim de evitar que sujasse os lençóis ao se deitar. (Bernardi, 1988, p. 106). Ele escreve:

Itália,

*Estou na América, a qual não é como lá longe e estou bem com a família de Berto e o boi Bragado morreu, ele me machucou muitas vezes aquele danado, porque eu o guiava, com meu trabalho ganhei alguma coisa seja em roupa seja em tamancos, porque tenho trabalhado bem e agora estou fazendo fortuna e espero arrumar--me, quando eu ficar rico irei visitar-vos, e agora quero ensinar-vos um pouco a fala brasileira da América, porque quando eu vos chamar para a América, como eu, não vos extravieis no mato com os negros: vou começar.*²⁴

nantra scura impatinà de farina de formento par sbianchedarla anca quela. El zera el nostro Pipetta, pronto par andare in Mèrica! (p. 22)

²⁴ Itàllgia, Sono in Mèrica, la quale no ze come oltra e stago bene co la famégia de Berto, e el Bragado sono morto e el me ga fruscà tante volte, sto mostricio, parche mi lo menava, col me mestiero che go ciapà on fia de calcosa tanto in roba come in tamanchi, parche gano laorá bem e desso fasso fortuna e spero de rangiarne, co sirò sioro a vegnarò catarve, e desso vógio insegnarve on poco de bresilian de la Mèrica parche co vê ciamo in Mèrica cofá io, no ve perdi tel mato coi nigri; scomissio... (Bernardi, 2009, p. 69)

Nestas notícias, Nanetto discorre sobre situações que podem ser reveladoras de pontos importantes a respeito da realidade vivida pelos grupos e/imigrantes. Pode-se observar, corroborando o exposto acima, a expressão do contentamento com o *feedback* positivo ao seu trabalho e o reconhecimento demonstrado pelo patrão – que o presenteia com roupas e tamancos – deste jovem, que fez a travessia oceânica com um calçado de cada cor e maltrapilho, e que andava descalço pelas matas. Ele parece orgulhoso de si neste relato, além de querer mostrar aos pais, nesta carta, que está mudado, apesar de continuar desejando melhores posições.

Mantendo o desejo de enriquecer, começa a pensar em chamar seus pais para o Brasil, prática muito comum entre os imigrantes daquela época, pois, após mudanças nas legislações brasileiras e italianas, só poderiam emigrar quem tivesse “carta de chamada” e condições de arcar com as despesas da viagem.

Na carta de Nanetto, estão presentes também, sinais de certa assimilação da língua portuguesa, a qual pretende começar a ensinar aos pais, em consonância com o que em geral ocorre nas famílias de imigrantes, em que os filhos, mais jovens e em idade escolar, aprendem a língua do novo país mais rapidamente, acarretando em algumas famílias uma inversão na hierarquia familiar, pois o conhecimento adquirido lhes proporciona certo poder e *status* com a dependência dos mais velhos para a aquisição destas informações através deles.

Chama-nos a atenção sua motivação para ensinar aos seus pais as poucas palavras aprendidas na nova língua, para que eles não se perdessem na mata, junto com os negros. Bernardi, em sua narrativa, explicita a dificuldade do imigrante italiano em conviver junto ao negro, estigmatizado como preguiçoso, que não gosta de trabalhar. Este estigma parece ter causado certa estranheza a um povo que foi se reconstruindo e constituindo sua identidade através do trabalho – embora trabalho livre e emigração voluntária, em oposição à emigração forçada e ao trabalho escravo a que foi submetido o elemento africano no Brasil.

Após várias peripécias, como já visto, Nanetto acaba descobrindo que é preciso construir, fazer a cocanha, tal como os demais colonos. Nesse processo de desilusão, ele amadurece. Maduro, seus desejos são de outra ordem: como seus leitores e ouvintes, Nanetto agora pensa em obter a posse de seu lote de terra, através de seu trabalho. Bernardi leva, pois, seu personagem a desmistificar a *cucagna* paradisíaca e reafirmar o valor ético da realização do homem pelo trabalho.

Assim como os demais imigrantes, que procuravam se enraizar, criar vínculos e laços sociais, Nanetto também deseja se casar, e mantém o desejo de trazer sua mãe, validando a importância dada pelo imigrante à família, ao trabalho e às tradições.

Nanetto, com dez mil-réis no bolso, julgava-se um ricoço.

– Eu garanto – - dizia ele – que esta vez irei fazer fortuna!... [...]

Ficou com todos os bolsos cheios de dinheiro, tanto assim que tinha dificuldade de caminhar.

– Todo este dinheiro vai-me bastar para cem anos; e ainda talvez me vá sobrar!... Se minha pobre mãe – coitadinha! – estivesse aqui, eu lhe daria um montão de dinheiro. E ela, então, me diria:

– Meu caro filho! Agora estou vendo que estás, de fato, na América, sim!... O que é que tens feito para ganhar tanto dinheiro assim? Até estou com receio de que o dinheiro te fure os bolsos. E eu então:

– Não há perigo, não! E se os bolsos se furarem, vou mandar fazer novos, bem novinhos, e maiores. Pois ganhar dinheiro fica por minha conta. E ela, coitadinha, me advertirá, dizendo:

–Toma cuidado com dinheiro, meu filho! Pois dinheiro roubado é dinheiro malbaratado. De minha parte direi:

– Mãe, eu só roubei uma batata-doce, mas logo restituí, digo, arremessei-a contra as pernas de seus donos. Todo este dinheiro eu o fui amealhando, aos pouquinhos, com trabalhos, fadigas e escornadas. Foi só assim que o ganhei. Um vintém por dia foi a minha paga. E não pensei que pudesse ganhar tanto!

E ela retorquirá:

– Bravo! Trabalhaste, como todo homem bom deve trabalhar. E eu vou responder:

– Mamãe, tudo isso são belas congratulações. Mas quanto ao trabalho existe um rifão americano: –Trabalha bem e não olhes a ninguém!

– Estou vendo que até aprendeste provérbios americanos.

E a minha resposta será esta:

– Aqui na América não se brinca... Na América a gente trabalha, ganha dinheiro e faz fortuna. Falei? Tá falado! (Bernardi, 1988, pp. 124-125)²⁵

²⁵ Con diese fiorini in scarsela?!... Nanetto el credeva de èssare on sioro!...

- Sta volta garantisso mi Che fasso fortuna!... I gera tuti de um soldo o do. El gaveva tute Le scarsele piene... Intrigà a caminare!...

- Com tuti sti soldi qua?! A ghin'ho par sento ani; e ancora star a védare se min'vanza?!

Se me poara mama, poareta! La fusse qua adesso; che scarselada de soldi ca ghe darial!...

E ela!... – Caro el me putelo, a ze próprio vero ca te si in Mèrica, si! ... coss ghe to fato, par ciaparte tanti soldi cosita?... A go paura che te me sbregghi tute le scarsele, a go!

E mi: - no stè vere paura de gnente vu, che le faremo nove fiamante, e pi grande; che par ciapar soldi?! ... asseme pensare a mi.

E ela, poareta: - varda, seto, ca no te li gai robadi eh? Parche: roba robada, roba sbregada.

E mi: - Mare, a go robà sol na patata; e pó ghe la go data ancora, sioè, ghe la go sgianventada te le gambe dei so paroni. Li go ciapadi tuti uno a uno, sti soldi qua, a forsa de laori e strüssie e scornae, a li go... On soldo al di la gera la me paga; e no credeva tanto!...

E ela: - a te ghè laorà próprio co fa on omo; a te ghè...

E mi: - Mama, questi i ze complimenti, ma par laorare!... e pó: numarare e non petare!... come molto bem dise on provérbio merican.

E Ela: - anca proverbi a te ghè imparà?

E mi: - In Mèrica no se schersa... In Mèrica se laora, se ciapa soldi e se fa fortuna. Go Ito a!...(Bernardi, 2009, p. 83)

Pode-se observar, neste diálogo interno de Nanetto, o quanto suas escolhas e conduta na vida são regidas por valores éticos e morais. O infantil, atrapalhado, sonhador e malcriado personagem parece ter crescido, “criado um pouco de juízo”, como teria dito seu pai. Parece que a América realmente lhe fez bem, neste sentido, pois Nanetto mostra que as experiências vividas no novo mundo contribuíram não só para o seu amadurecimento, como também reafirmaram valores e contribuíram para elevar a sua autoestima.

De modo diverso à experiência dos camponeses em suas aldeias e vilarejos natais, em que eram explorados, aviltados e permaneciam em condições de miséria, apesar de intensa e constante labuta, o trabalho, para Nanetto, no Brasil, lhe confere um ar de dignidade e respeito. Ele até se surpreende por ter recebido tanto dinheiro. Em resposta a sua mãe, neste diálogo subjetivo, ele diz claramente que aqui o trabalho leva à fortuna. Nanetto enfim, entendera o sentido da América, já antevisto por Pero Vaz de Caminha: “Nesta terra, em se plantando, tudo dá”.

É possível que também os colonos tenham tido uma experiência em relação ao trabalho, ao dinheiro e à cocanha, semelhante à vivência narrada por Nanetto. Sentimentos de crescimento, dignidade, respeito em relação ao trabalho, vividos pelos imigrantes italianos que se dirigiram aos estados do Sul, no período da colonização.

Até o momento em que começou a demonstrar esses valores e condutas, Nanetto se posicionava de modo oposto aos valores coletivos, tanto do colono, quanto do narrador, pois o trabalho era o valor ético mais apreciado pelo herói coletivo, ou seja, pela totalidade dos imigrantes (RIBEIRO, 2005).

1.2 O Fantástico, Utópico e Imaginário País da Cocanha

Assim como o personagem Nanetto Pipetta, o imigrante nutria sonhos e expectativas em relação à vida que teria no Brasil. Esta dissertação busca apreender, dos conceitos de imaginário e utopia, recursos para a compreensão destes sonhos e os ideais, crenças e experiências dos e/imigrantes italianos e seus descendentes, que vieram para o sul do Brasil, na ocasião de sua colonização, pela trajetória de Nanetto Pipetta e imagens do País da Cocanha.

Se na Itália, àquela época, o Novo Mundo, a América e o Brasil eram retratados como o país imaginário da Cocanha, em desdobramento se aborda o tema da *Fome* e seu contraponto, o *desejo* de *Abundância*, como elemento propulsor da imigração de camponeses pobres da região do Vêneto, a partir de uma compreensão da História da Alimentação na Europa e do momento sócio-político-econômico em que a Itália se encontrava na ocasião da *Grande Emigração*.

E se a emigração tinha a finalidade de buscar a sobrevivência e qualidade de vida em outras terras, a *esperança* – elemento fundamental da utopia, segundo Bloch (2006) – de se *viver mais e melhor*, talvez tenha sido o maior fator de impulsão para o movimento migratório.

Através da análise do poema utópico francês, o ***Fabliau de Cocagne***, e seu correspondente brasileiro, ***Viagem a São Saruê***, publicado em 1947 – ambos apresentados na obra de Franco Junior (1998a e 1998 b), citada recorrentemente –, visa-se, aqui, pensar o *significado da emigração em massa* do povo italiano, e o *imaginário do e/imigrante* em relação ao que ele esperava encontrar em terras tão distantes, tendo em vista a identidade que assumiria com a experiência e a herança identitária que legaria a seus descendentes.

A narrativa envolvendo a Cocanha surge na Idade Média Europeia e, segundo Araújo (2008), reúne elementos oriundos da tradição oral, folclórica. Franco Junior aponta que, embora o primeiro registro escrito tenha ocorrido no século XIII, sua narrativa oral já existia, provavelmente, desde o século XII, fruto da composição de material mítico, enraizado na cultura e no imaginário ocidental, há muito tempo. No ***fabliau da Cocanha*** estão presentes, passagens bíblicas *descontextualizadas*, ou com seu sentido alterado por um caráter hedonista, bem como por elementos das culturas céltica, muçulmana e cristã medieval. Ele é, portanto, “um reaproveitamento de heranças multiculturais e plurisseculares adaptadas pelo poeta anônimo ao seu presente histórico”. (FRANCO JUNIOR, 1998 a, p. 50).

Acredita-se, pois, que o *fabliau* da Cocanha tenha sido uma criação coletiva, sob forma oral, em que cada um acrescia fragmentos aos elementos do poema que conhecia, provavelmente pertencentes aos séculos X a XIV, numa troca em que o ouvinte se torna coautor da obra, reunindo-se, assim, vários textos sobre o mesmo gênero, numa reescrita e criação contínuas, em que os trechos do *fabliau* eram lidos em voz alta e cada poeta reforçava o que os outros haviam dito, fazendo as suas próprias adaptações, seleções e traduções, razão pela qual se encontram variantes

de uma mesma narrativa, produzidas pelo mecanismo de “ouvir-memorizar-alterar-repetir-ser ouvido”, que ocorre ao longo de gerações (FRANCO JUNIOR, 1998 a, p. 52).

Devido à extrema opressão e controle exercidos pela Igreja naquele período, a saída encontrada pelo povo se dava pelo maravilhoso, o qual oferecia um contraponto ao cotidiano e opunha resistência à ideologia cristã oficial, devido a sua função compensatória em relação ao previsível e ao conhecido. Considerado algo inédito, inconcebível, jamais visto ou ouvido, causava admiração e espanto, e, ao mesmo tempo, tinha algo de possível e real. O *fabliau*, portanto, foi tecido com fios do maravilhoso e assentado no inverossímil, o que proporcionava o surgimento do excepcional, no cotidiano – o país da Cocanha.

No país do conto, do fantástico, podem-se distinguir, de acordo com Held (1980, p. 77), três elementos dominantes: um país *inventado*, fruto do exercício da imaginação, a partir de elementos conhecidos e exóticos; um *país real*, conhecido, sempre presente, onde se vive e se enraíza; e, ligado ao precedente, o que se chama de *paisagem afetiva*, que é, quase sempre, um lugar de infância, “mítico, idealizado, visto através do prisma dos sentimentos, das lembranças, das experiências de um adulto, mesmo deformado se necessário”. A paisagem fantástica, imaginária, construída a partir de elementos geográficos e culturais, surpreende o leitor, ultrapassando, em relação ao conhecido, seu meio natural, o que é recebido como estranho, *exótico*. Ela reúne, ao mesmo tempo, em nosso lugar de infância real, os desejos e nostalgias do leitor, seja ele criança ou adulto.

Nanetto constrói uma imagem da América baseada nos elementos que ouvira seu avô dizer e em elementos fantasiosos que ele vai mesclando aos do seu *habitat*: ele concebe a América como o país da Cocanha e sua tarefa, neste *jardim das delícias*, como já vimos, era a de endireitar rosquilhas (sic). E qual teria sido o impacto, o significado de ganhar (e dividir com seu avô), todas as rosquilhas que se quebrassem na execução de sua tarefa, levando-se em conta que ele era um garoto que vivia num local onde o alimento era escasso e as guloseimas nada acessíveis? Além disso, para ele a Cocanha seria como a sua sala de jantar, só que, ao invés de ela ser (como em sua casa), destituída de tudo, lá, ela teria de tudo. Lá na América, ele acreditava, nada lhe faltaria.

O fantástico e o maravilhoso estão presentes em *Vita e Stòria di Naneto Pipeta*, no *fabliou da Cocanha*; e, em sua vertente brasileira, no cordel *Viagem a*

São Saruê. Nestes últimos, as mais variadas iguarias são profusamente oferecidas, em tempo integral, de forma incondicional e ininterrupta. Nestes locais, o sonho de Nanetto se delineia imaginariamente como a utopia do Paraíso terrestre.

Como muitos imigrantes, Nanetto Pipetta, ao se arremessar em sua viagem clandestina ao longínquo e desconhecido Brasil, lançou-se numa aventura fantástica em busca do imaginário país da Cocanha, um local onde:

[...] de carne assada e presunto
São cercados os campos de trigo;
Pelas ruas vão se assando
Gordos gansos que giram
Sozinhos, regados
Com branco molho de alho.
Digo ainda a vocês que por toda parte,
Pelos caminhos e pelas ruas,
Encontram-se mesas postas
Com toalhas brancas,
Onde se pode beber e comer
Tudo o que se quiser sem problema;
Sem oposição e sem proibição
Cada um pega tudo o que seu coração deseja [...]
(*Fabliau da Cocanha* - Franco Junior, 1998, p. 29)

Mas, Nanetto, aqui chegando, desperta de seu sonho para a realidade da vida – trajetória, talvez, de muitos imigrantes italianos, que continuaram desejando o que as mãos não alcançaram, ou só o fizeram em resultado a um contínuo e intenso trabalho.

O País da Cocanha se popularizou e alcançou o status de *utopia popular* devido ao reaparecimento, no século XV, da extrema carência que fora controlada na Idade Média Central. Desde então, até o século XVIII, houve um incremento das desigualdades socioeconômicas, e, apesar de a Europa ter-se mantido fundamentalmente agrícola, com a quase totalidade de sua população devotada a essa atividade, a fome não foi vencida; ao contrário, ela foi uma das maiores ameaças à sobrevivência naquele intercuro, com períodos recorrentes de escassez alimentar, fato retratado pelo “duplo sistema alimentar da época moderna, baseado no pão dos príncipes e no pão dos cães”. (FRANCO JUNIOR, 1998a, p. 197).

A Cocanha, utopia popular, camponesa, quebrava com a hierarquia social, em que a quantidade de alimento ingerido era proporcional ao nível social. Na Itália, já

fortemente urbanizada, salienta o autor, a Cocanha era a expressão *utópica* de uma população citadina, paupérrima.

Em contrapartida, o país da abundância era a sonho produzido pela Europa medieval, que tinha problemas para produzir alimento suficiente para sua população crescente. E, mais que uma resposta à fome, era expressão de um insaciável desejo de comer. Além disso, outras carências da população mais pobre foram retratadas e, na Cocanha, roupas e calçados são distribuídos gratuitamente:

[...] Há tecelões muito corteses,
 Pois todo mês distribuem
 De bom grado e com prazer
 Roupas de diversos tipos [...]
 [...] A terra é tão feliz
 Que tem sapateiros [...]
 Que cheios de delicadeza
 Distribuem calçados com cadaço
 Botas e botinas bem feitas;
 Quem quiser as terá,
 Bem moldadas aos pés
 Se quiser, 300 delas por dia
 Ou mesmo mais, obterá:
 Tais sapateiros existem lá.
 (*Fabliau da Cocanha* - Franco Junior, 1998, pp. 32-33)

Como no País da Cocanha há abundância e fartura de tudo, também os calçados distribuídos atestam a opulência do reino mítico.

Outro ponto importante na Cocanha refere-se à oposição a uma rotina de trabalho árduo, com um calendário só de domingos e festas. A total liberdade sexual desafia a rígida moral cristã. Como antídoto para a natural condição humana de envelhecimento e morte, há uma fonte da juventude. Ou seja, a Cocanha representava, no plano da imaginação, a superação das limitações da sociedade medieval, em vários planos.

- Ó Nossa Senhora, eu vos prometo que quero ser um bom cristão! Mas dai-me um bocado de comida... E quando eu retornar da América, vou comprar uma carruagem pra mamãe, um automóvel para o papai e uma bicicleta para o vovô, coitadinhos! E chega de comerem polenta, pois já comeram até muito demais, pobres criaturas de Deus! (Bernardi, 1988, p. 59)²⁶

²⁶ - Ah! Si, Madona, vê lo imprometo... ca voi èssare on bon cristian... ma deme da magnare on bocon de calcossa... E co tornarò da la Mèrica a voio cromprarghe na carossina ala mama, on automòbile al popà e on velossipide al nono, poareti... e basta magnar polenta, poareti... che i ghinà magnà anca massa tanta, poareti da Dio! (Bernardi, 2009, p. 29)

É nítido o contraste entre o fragmento do *fabliau* da Cocanha em que se pode comer à vontade tudo o que se desejar e o apelo feito por Nanetto a Nossa Senhora, implorando a graça de comer alguma coisa – qualquer coisa. E revela o sonho de muitos imigrantes de voltar da América abastados e presentear seus familiares, provendo-lhes conforto e alimentos!... Nanetto expressa o desejo de tirar seus pais da condição de comer somente *polenta*²⁷. Esta foi uma realidade europeia, por um longo período, que culminou num surto de pelagra – uma avitaminose severa, pela ingestão de um único alimento. Eles não chegavam a morrer de fome, mas sim, das consequências da ingestão exclusiva da polenta.

Franco Junior (1998 a) resume os quatro temas principais do *fabliau* da Cocanha: abundância, ociosidade, juventude e liberdade. Destes, sobressaiu--se a abundância alimentar, provavelmente pelo fato de que, diante da miséria e escassez alimentar que assolavam a Itália, na Idade Média, a sobrevivência figurava em primeiro plano.

A Cocanha se destaca, dentre as várias utopias que surgem com o intuito de superar imaginariamente a fome, como aquela que se dedica ao tema mais explicitamente. Outro motivo pelo qual o país da Cocanha tenha sido reduzido a um fator essencialmente gastronômico foi o desejo de se opor à dupla limitação alimentar – a causada pela produção limitada da natureza e a imposição da igreja –, de que se fizessem constantes jejuns e abstinência, nos vários períodos de Quaresma, em que a alimentação era rigidamente controlada. A Cocanha era, pois, “o ideal anticristão da ‘comilança’ e um *sonho de protesto* contra “a domesticação das pulsões individuais e coletivas”, uma vez que a Igreja, no século XIII, regulamentava os princípios e práticas religiosas, objetivando enquadrar a sociedade, a qual se voltava para o mercado de trabalho e aquisição de dinheiro.

São várias as tradições folclóricas que relatam sobre o país da Cocanha, encontrando-se em francês, inglês, gaélico, alemão, espanhol, italiano, finlandês, sueco, polonês e russo. Franco Junior (1998 b, p. 9) cita denominações do termo Cocanha em várias línguas: “Cocagne, Cockaygne, Cuccagna, Bengodi, Cucaña, Chacona, Jauja, [...] São Saruê”. E, no sul do Brasil, devido à influência da imigração italiana, a temática da Cocanha é bem conhecida até os dias atuais, referindo-se a um local muito próspero e rico.

²⁷ A polenta, originalmente, na Itália naquela época, era uma espécie de mingau feito de leite e água. (ZANINI E SANTOS, 2008)

A razão desse sucesso, para Franco Junior (1998 a), deve-se ao fato de a Cocanha ser um reino imaginário, maravilhoso, projetando no futuro as expectativas do presente, e que faz uma inversão da realidade vivida, ou seja, pelo fato de ela ser uma utopia, construída com material mítico. Ele pondera que a longevidade das utopias é proporcional à quantidade de mitos utilizada na sua constituição, pois o mito da Cocanha é formado por peças de várias procedências e, conforme a época e o local, utilizaram-se fragmentos específicos.

A despeito das mudanças de enfoque e ênfase de cada versão, região e época, a Cocanha expressou os sonhos coletivos de diversos segmentos sociais, por cerca de setecentos anos, devendo ser vista como “elemento pleno de significação histórica e social”. (Guerreau-Jalabert, apud Franco Junior, 1998 a, p. 27). O *fabliau* da Cocanha era a expressão das inquietações e desejos de vários segmentos sociais dos séculos XII e XIII, e desempenhava função compensatória para três camadas sociais: para o campesinato, representava o sonho não realizado da fartura total; para a burguesia, a concretização de ambições materiais enquanto riquezas ilimitadas; para a aristocracia, a fuga das iminentes e indesejáveis transformações econômicas e sociais.

Pode-se, aqui, refletir sobre a valorização que se fazia, na Europa daquela época, não apenas do necessário alimento que sacia a fome e equilibra as funções fisiológicas, mas também de tudo que havia e que não estava ao alcance da maior parte da população. De acordo com Simmel (apud Álvaro & Garrido, 2006, p. 72), “o valor dos objetos depende da distância que nos separa de sua posse”. Assim, no *fabliau* da Cocanha e na Viagem a São Saruê, são expressos os desejos de se ter acesso a roupas, calçados, mesas com toalhas finas, vinhos e licores, enfim, a uma série de produtos que proporcionam conforto e prazer, mas que eram inacessíveis à população pobre e, por isso, tão valorizados, que no imaginário popular “jorram abundantemente” e de modo incondicional.

Peter Burke (apud Franco Junior, 1998a, p. 203; 1998b, p.12), se referiu à Cocanha como uma visão da vida semelhante a um longo Carnaval, afirmando que este “é uma Cocanha passageira”. Ambos, Cocanha e Carnaval, foram concebidos como a antiquaresma, e se opunham à privação penitencial, através do incentivo à exuberância de comida, de bebida e de sexo.

Se o Brasil hoje é referido como o País do Carnaval, em acepção mais ampla também o era na época da emigração, em que a América era vista como o lugar da

alegria, onde tudo há; para onde os emigrantes se dirigiam em massa, a fim de conquistarem, além dos vitais alimentos, o direito ao descanso, ao prazer, à liberdade e às atividades sociais.

Há entre Nanetto e seu público vínculos tanto no plano real, quanto no do imaginário, pois todos são emigrados e têm o mesmo objetivo de *fazer* fortuna, encontrar a sorte, a bem-aventurança. Ribeiro (2005) chama a atenção para o fato de que a grande diferença entre eles se dá quanto à representação da *cucagna*: Nanetto, como já visto, imaginava a *cucagna* como algo pronto, ao alcance de suas mãos, em que tudo estaria a sua disposição, sem a necessidade de qualquer esforço para conquistá-lo. Já os emigrantes vieram atrás de uma *cucagna* que conquistariam com o fruto de seu trabalho, sabedores de que seria através dele que obteriam a posse de suas terras.

Nanetto, um sonhador, talvez tenha obtido a simpatia do leitor-ouvinte porque estivesse permanentemente em busca da cocanha idealizada e, assim, acabasse por reavivar o popular País da Cocanha no imaginário coletivo, reacendendo o sonho e trazendo à cena as necessidades do imigrante.

As necessidades primordiais da humanidade, ou seja, a busca incessante, a grande aventura humana, são expressas através da narração fantástica (Held, 1980), a qual representa um saber que está em contato direto com o mundo, que é manifestação, testemunho e tradução dos desejos e aspirações do homem. O conto fantástico seria a realização dos grandes sonhos humanos, transformando o universo de acordo com a sua vontade, como se pode constatar no *fabliau da Cocanha* e na *Viagem a São Saruê*, em que é possível realizar toda sorte de desejos. Como qualquer outro gênero literário, elucida Held (1980), a obra fantástica está assentada numa experiência cotidiana, com personagens conhecidas, acontecimentos vividos. É a vida cotidiana – com seus problemas, sua comicidade, seus ridículos – que vivifica o fantástico. Uma história fantástica só nos interessa porque nos ensina algo sobre a vida dos povos e dos seres, reunindo, assim, nossas preocupações e nossos problemas. Por outro lado, a literatura fantástica se caracteriza por obras em que temática, situação, atmosfera e linguagem nos introduzem num outro mundo diferente, estrangeiro, estranho à percepção comum.

Bernardi teceu com muita desenvoltura a trama entre o banal, o cotidiano e o espetacular. Para o imigrante, toda aquela exuberância que seus sentidos registravam – da arruaça feita pelos papagaios, macacos e tigres na imensidão das

árvores; da abundância dos frutos ao sabor e aroma do chimarrão e ao clima exótico das terras do Novo Mundo – tudo isso era surpreendentemente inusitado para ele e lhe proporcionava a experiência do extraordinário.

Diante de um pinheiro, que o surpreende por ser “uma árvore gigantesca e alta como o campanário de Veneza”, Nanetto exclama:

–“Caramba! [...] com tais frutas a gente na América não morre de fome não!”. (Bernardi, 1988, p. 86; 88)²⁸

Em outro episódio, muito conhecido, Nanetto se surpreende ao avistar uma – até então desconhecida para ele – bananeira. Eis sua reação:

*- Quem sabe lá que nessas árvores eu possa encontrar algo para comer. Encaminha-se para lá e enxerga um troço parecido com uma penca de salames suspensos em redor de um ramo, vergado sob o peso dos mesmos.
Ué! Uma árvore salameira! Como não deverão ser gostosas essas frutas?! Havia verdes e amarelas, grandes e pequenas. (Bernardi, 1988, p, 132)²⁹*

A Cocanha se consagrava também como um espaço de ociosidade, o local do não trabalho sonhado pelos trabalhadores de todas as épocas (FRANCO JUNIOR, 1998 a, p. 14). Na versão holandesa, ela é tida como “terra da preguiça e da gula”. Na versão espanhola, o trabalhador é punido; e em diversas versões italianas, segundo aponta o autor, há uma prisão para quem ousar trabalhar na terra da ociosidade.

O imigrante italiano é caracterizado como ordeiro e trabalhador e, com seu suor, conquista, paulatinamente, a sua cocanha, nas colônias do Rio Grande do Sul. Na Itália, era explorado pelos donos das terras em que trabalhava. Franzina (2006, p. 323) apresenta trechos de canções entoadas pelos emigrantes no início da travessia, em que eles se vingavam dos patrões:

*Iremos para a América
No tal belo Brasil
E aqui os nossos senhores
Trabalharão a terra com a pá!!!
Pago o necessário para a inscrição e na espera espasmódica
“de ser lançado do outro lado do mar”.*

²⁸ [...] e tò che a poca distansa el vede on pianton grandò, ma grandò; el sirà alto come el campanil de San Marco de Venèssia [...]. - Orpo, el dise, in Mèrica de fame no se more nò co sti cossi. (Bernardi, 2009, p. 51; 53)

²⁹ - Chi as che no le me daga da magnare calcossa ste piante... El ze ndavo live, el vede come dei salami picadi tuto intorno a on ramo, che el ghin podeva pi dal peso. – Orpo, na pianta de salami! Che boni che no ga da èssare? Ghenera de Verdi e de daí, grandi e de picollì. (Bernardi, 2009, PP. 89-90)

Em *Viagem a São Saruê*, exalta-se a terra maravilhosa, em contraste com a escassez da região, com suas prolongadas secas e o poder concentrado nas mãos de poucos, gerando pobreza e dependência da maioria da população.

Franco Junior (1998 a, p. 223) acredita que a versão brasileira da Cocanha tenha sido inspirada por relatos orais introduzidos pelos invasores holandeses e franceses na região. Havia, naquela ocasião, no nordeste do Brasil, escassez de quase todo gênero alimentício, sobretudo de farinha e de carne, devido à monocultura de cana-de-açúcar. A fome foi uma constante, gerando doenças de subnutrição e provocando mortes por inanição. Assim, eram importados da Holanda “carne-seca, tocinho, manteiga, queijo, peixe seco, farinha de trigo, azeite, vinho, presunto, salmão, bacalhau, arenque, cerveja, figos, passas, amêndoas, aveia, feijão – justamente os alimentos que são abundantemente encontrados em São Saruê, como uma forma de compensação imaginária –, “além de tecidos de vários tipos, sobretudo de linho”.

Enfim, a Cocanha – em todas as suas versões e línguas e em todos os países – buscava superar, no plano imaginário, a carência alimentar das camadas mais despossuídas, caracterizando-se como o Paraíso da classe pobre, em que a abundância alimentar se destacava dos demais elementos com os quais o poema francês foi originalmente concebido. O mesmo ocorre no cordel *Viagem a São Saruê*, em que os alimentos mais escassos e mais desejados existem em abundância.

A carne, ao longo dos séculos, era considerada alimento dos nobres e, portanto, rara na mesa do homem simples, cujo pão era escuro, manufaturado com cereais de qualidade inferior; apenas o pão do rico, branco, era feito com trigo. A carne de vários tipos foi referida em ambas as fontes literárias, ressaltando-se a possibilidade de se comer sem restrições ou proibição.

No fabliau da Cocanha,

[...] Os caibros lá são estunjões,
os telhados de tocinho,
as cercas são de salsichas.
Existe muito mais naquela terra de delícias [...]
(Franco Junior, 1998 a, p. 29)

A história da alimentação europeia é marcada por inúmeros momentos de carência, de penúria, em que a fome – e o medo da fome – estabeleceram parâmetros para atitudes e comportamentos alimentares a eles condicionados. O desejo da abundância, como elemento compensatório diante da escassez de alimentos, imprimiu, milenarmente, no psiquismo, o sonho de consumo desenfreado e, quando possível, levou aos reais excessos alimentares, que originaram as sátiras e paródias contidas no *fabliau* da Cocanha.

Importa ressaltar que a fome “não traz obrigatoriamente a morte; ela ocorre apenas em casos extremos e prolongados de inédua, como raramente se verifica. Muito mais normal é *conviver* com a fome, suportá-la, aparelhar-se para combatê-la dia após dia” [grifo do autor] (MONTANARI, 2003, p. 16). Prova disso são as *técnicas de sobrevivência* desenvolvidas pelos europeus durante o que se chamou de “Estado de Emergência”, que perdurou por alguns séculos, iniciando-se no século III e intensificando-se nos séculos IV e V; na Itália, o período crítico ocorreu no século VI, destacando-se o consumo de ervas e raízes exóticas, a fabricação do pão com toda a sorte de cereais, o consumo da carne das mais diversas espécies animais.

As regras monásticas exigiam equilíbrio e discrição individual, e o preceito dietético fundamental era a abstinência da carne. Aos camponeses, desejosos de uma alimentação farta, era vetado comer em abundância. Assim, a população pobre se restringia apenas a *sonhar* com a comilança. O *medo* da fome os levava a ingerir com sofreguidão, quando havia o que comer.

Tais regras, rigorosas, impunham diversos períodos de Quaresma, em que era obrigatória a abstenção de carne; em certos dias da semana e em dados períodos do ano, eram proibidos todos os produtos animais; noutros, era imperativa a realização de jejuns.

Diante de tal quadro, emerge a crítica bem-humorada, reunindo elementos do imaginário popular – e projetados no *fabliau de Cocanha* – em que não há Quaresmas, e todos os alimentos – abundantemente à disposição, caindo do céu, das árvores, brotando em qualquer lugar – podem ser consumidos sem restrições ou proibição. Era o sonho da comilança em oposição à total privação. Sonho de Nanetto Pipetta e de milhares de imigrantes, desejosos de se alimentar bem – eles e seus filhos.

O consumo do pão – como já foi referido – passa a ser outra marca de distinção social: o pão branco, feito de trigo, era considerado um produto de luxo, destinado, portanto, ao consumo dos senhores; o pão preto, feito a partir do centeio ou de outros cereais, era próprio ao consumo dos servos e dos camponeses.

No início do século XI, o pão assume uma posição de destaque na alimentação das classes populares, e os demais alimentos são encarados como complementos, ou seja, como algo para “acompanhar” o pão. E, sob este ponto de vista, a falta de pão é vista como sinal de alerta de que se está vivendo um estado de emergência, mesmo se houver outros produtos que possam assegurar a sobrevivência. O hábito de se consumir pão se dissemina ao ponto de, nos períodos de crise produtiva, se procurar fabricá-lo com qualquer ingrediente que estivesse disponível.

No século IX, houve um inesperado aumento da população, provocando a necessidade de se dilatarem os espaços cultivados. A dependência das colheitas torna a população vulnerável às intempéries climáticas. Ocorreram, então, várias crises produtivas e alimentares. Entre 750 e 1100, foram registrados 29 períodos de carências generalizadas na Europa; no século XI, somente na França, foram 26 os períodos de escassez. A fome se tornou uma ameaça de morte para quase toda a humanidade; todas as pessoas, de todas as classes sociais, foram atingidas pela insuficiência brutal de alimentos e, assolados pela fome, passaram a ingerir o que fosse encontrado – de animais mortos a coisas imundas.

Estabeleceu-se a diferenciação social do alimento, em que a alimentação das classes inferiores se baseava em alimentos de origem vegetal (cereais e verduras). O consumo de carne em geral e, sobretudo, das carnes de caça e fresca, consolidou-se como privilégio das classes mais abastadas, estabilizando-se como um “*status-symbol*”. (MONTANARI, 2003, p.64)

A partir dos anos 1270, houve uma grave interrupção do crescimento econômico europeu, devido ao desequilíbrio entre aumento demográfico e crescimento produtivo, fase denominada por Jacques Le Goff de o “retorno da fome”.

A Itália viveu o ápice da crise alimentar entre os anos 1328-30 e novamente em 1347; nesses períodos de extrema escassez, os famintos camponeses vagavam pelas ruas das cidades à procura de comida, tentativa no mais das vezes infrutífera.

Em Roma, toda a população saiu dos seus castelos e fugiu para os campos, na esperança de lá encontrar alimento.

Devido aos recorrentes estresses alimentares a que a população europeia foi submetida na primeira metade do século XIV, instalou-se “um estado de subnutrição e de debilidade fisiológica, preparando o terreno para a epidemia de peste que devastou o continente entre 1347 e 1351”. (MONTANARI, 2003, p. 94)

Na segunda metade do século XIV, a carne, até então consumida apenas por nobres e burgueses, tornou-se acessível, também, às camadas inferiores da sociedade, devido ao recuo da cultura dos cereais e ao incremento das propriedades especializadas na criação de animais, resultando na baixa dos preços. A distinção social passou a ser feita pela espécie de carne consumida, uma vez que a carne estava presente na mesa dos camponeses dos séculos XIV e XV.

Devido ao aumento e à generalização do consumo de carne, a Igreja decretou um período de abstenção de carne por aproximadamente 140-160 dias ao ano. O peixe se tornou, assim, “símbolo da dieta monástica e quaresmal” (MONTANARI, 2003, p. 104).

Nos sonhos mais profundos dos esfomeados, eles se empanturravam a não mais poder, realizando de fato o sonho nas raras ocasiões em que tiveram oportunidade de fazê-lo. O sonho, então, segundo Montanari (2003), atua como um poderoso e eficaz antídoto contra o medo da fome: o sonho de tranquilidade, de bem-estar alimentar, de abundância, da comilança, ou seja, o sonho de um país da Cocanha, onde a comida seja inesgotável e sempre ao alcance das mãos.

No início do século XIV, surgiram diversos textos literários na Inglaterra, Alemanha, França, Espanha e Itália, em que o tema alimentar protagonizava a utopia, em detrimento dos demais temas retratados. E, após o século XVI, como não se podia comer na proporção da própria fome, o *fabliau* da Cocanha se foi restringindo a um fato gastronômico, em detrimento de seus outros elementos.

No Setecentos, a Europa passou por problemas semelhantes aos dos séculos XI, XII e XVI, em que a produção agrícola, insuficiente, não foi proporcional à expansão demográfica. A população europeia chegou à soma de 145 milhões em meados do século XVIII, e 195 milhões, ao final. A fome assumia proporções gigantescas. Períodos de grande carência ocorriam frequentemente, sendo que o de 1709-10 atingiu toda a Europa: Espanha, Itália, França, Inglaterra, da Alemanha à Suécia, e os países do Leste.

Nos anos do século XVIII, o permanente estado de subnutrição foi incorporado, tanto fisiológica quanto culturalmente, como se fosse uma condição de vida normal. As pessoas não morriam de fome, pois o arroz, o milho e a batata se tornaram a alternativa aos cereais tradicionais, destinados à alimentação das camadas populares.

Entre os séculos XVIII e XIX, a massa exerceu a função de encher o estômago, configurando-se como o regime alimentar das classes pobres urbanas. Conjugava-se certo teor proteico desejável com volume alimentar, na combinação massa com queijo. Neste período, apesar do aumento populacional europeu, que chegou a 288 milhões de pessoas em meados do século XIX, conseguiu-se suprir a demanda alimentar, através do crescimento da produção agrícola. Entretanto, houve um significativo empobrecimento da dieta popular, reduzida ao consumo de alguns poucos gêneros alimentícios, gerando “o estado de subnutrição endêmica e as dramáticas patologias causadas em tantos países pela monofagia do milho”. (MONTANARI, 2003, p. 182). Nanetto Pipetta se refere constantemente ao consumo de polenta, muitas vezes o único alimento disponível ao povo europeu.

No final do Oitocentos, ocorreram mudanças relevantes no padrão de vida populacional. O regime alimentar baseado nos cereais vai sendo substituído, passando-se a consumir proteínas e gorduras, fornecidas em considerável medida por alimentos animais, exceto na Itália e na Espanha, cuja alteração alimentar só veio a ocorrer em meados do século XX.

E foi somente na segunda metade do século XX que a carne passou a ser servida abundantemente, inclusive nas classes populares, saciando tanto a fome quanto o desejo de consumi-la, o que perdurou por todos esses séculos.

A relação que se estabelece com a comida ultrapassa a fronteira da necessidade. A comida nos remete aos nossos hábitos alimentares familiares, à vivência de cuidados e maternagem recebidos, às tradições de nossa cultura, à disponibilidade de alimentos relativa às condições locais e sociais. Essa relação é fortemente vinculada aos parâmetros estéticos ditados pela moda, além do prazer que proporciona aos sentidos.

Devido à carência permanente de alimentos, causando a fome no Velho Mundo durante séculos, o alimento tem uma representação suprema no *fabliau* da Cocanha, enquanto meio de sobrevivência e como elemento do desejo. O poema expressa o anseio oprimido e insatisfeito da maior parte da população, de poder

saborear tudo de bom que havia no mundo – privilégio de poucos afortunados. Em tom irônico, faz-se uma contundente crítica social.

Montanari (2003) elucida as consequências físicas, psíquicas, existenciais e sociais para o ser humano diante da devastadora vivência de se passar fome continuamente. Através de sua obra, pode-se melhor apreender o sentido e a função social do *fabliau* da Cocanha, além de se compreender as razões que levaram milhares de camponeses vênnetos a emigrar para o fecundo e próspero Novo Mundo.

Nanetto Pipetta não viveu a fome absoluta. No seu tempo, a Europa, conforme visto em Montanari (2003), vivia a monofagia do milho. A popular polenta lhes enchia o estômago. Em consequência, muitos adoeceram. Nanetto queria saborear outros paladares, “cessar a broca” que corroía seu estômago e, por isso, aventurou-se em busca do País da Cocanha, lugar em que a variedade alimentar parecia certa.

[...] ... Bah! Que morte cruel a morte de fome!
Ter fome e não poder comer. Estar com o estômago vazio, murcho, murcho e ter que esperar, esperar e ainda esperar e nada de aparecer comida!... [...] E ter de tornar-se magro que nem um cachorro vira-lata e ser obrigado a roer os dedos das mãos e dos pés!... Ter de esmolar um bocado de comida pelas sagradas chagas de Nosso Senhor, morto na cruz!... E nada de comer!... [...] (Bernardi, 1988, p. 68)³⁰

O momento acima foi vivenciado por Nanetto durante a travessia oceânica, em que foi mantido prisioneiro numa minúscula cela. Mas este desabafo poderia ter sido feito por qualquer um dos camponeses miseravelmente explorados por seus patrões, em troca de um *salário de fome*. De acordo com Franzina (2006), a emigração oferece a possibilidade de libertação da necessidade e da exploração, inerentes à vida no campo.

A emigração de Nanetto Pipetta e de tantos outros foi, pois, motivada pela crença de que encontrariam na América – lugar abençoado “onde não se trabalha, há dinheiro aos montes” (Veritas, 1895 apud Franzina, 2006) –, a fartura, a

³⁰ ...Oh! che bruta morte, morir de fame! Aver fame e no poder magnare. Sentire el stòmego vodo, suto, suto e spetare, e spetare e pó spetare ancora e gnente... e ciama e siga, e osa?!... [...] e ridusirse magri come can rabiosi da cognare a magnare i dei dele e dei pie!... Dimandar on bocon par le sante piaghe del Segnore benedeto, morto sassinà anca elo! E gnente! (Bernardi, 2009, p. 37)

felicidade, a fortuna, o país mítico e imaginário da Cocanha. E, assim como a Cocanha permanece ativa no imaginário dos mais diversos povos, Nanetto Pipetta é recriado continuamente, seja no meio literário, seja no teatral. Mas, o que vem a ser o Imaginário, o Mito, a Utopia?

Nesta dissertação, toma-se emprestado o conceito de imaginário de Gilbert Durand (1998), para quem o imaginário é uma espécie de arquivo de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir.

Em sua concepção, o pensamento humano é uma simbolização de todos os medos, esperanças e seus frutos culturais (Durand, 1998), e o *imaginário* “é um conjunto de *imagens* e relações entre *imagens* que constituem o capital do pensar do homo sapiens”. (DURAND apud BEZERRA, s.l., 1900?, p. 67); (AUGRAS, 2000, p. 119).

As *imagens* são construções realizadas com as informações envolvidas em nosso pensamento; sendo parte do ato de pensar, não constituem algo concreto. Ou seja, a *imagem* que temos de um objeto é uma faceta daquilo que sabemos sobre esse objeto, e se baseia nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores e não no próprio objeto externo. Portanto, as *imagens* produzidas em nosso universo mental são a forma como podemos perceber tanto as pessoas e a vida social, quanto a natureza. Todas as *imagens*, de acordo com Berger (1999), são cenas recriadas ou reproduzidas, feitas pelo homem. Laplantine & Trindade (2003) afirmam que o que sabemos ou acreditamos sobre as coisas influencia na maneira como as vemos.

O imaginário, por sua vez, é identificado como um conjunto de ideias, como um sistema de conteúdos representativo de uma dada sociedade num período histórico determinado. Nele estão contemplados tanto o presente histórico e o presente imaginado, quanto o futuro mítico.

O imaginário de um povo abarca as representações e práticas ideológicas ocorridas num determinado contexto histórico; as alegorias, metáforas e práticas que expressam os sentimentos individuais ou coletivos mais profundos e inconscientes; e os desejos em relação ao futuro, as utopias, as quais, para ele, vão além da realidade concreta, abarcando, pois, a visão mística de um paraíso desejado.

Busca-se, na Europa, encontrar este paraíso concretamente, a partir do final do século XV, pois, com a descoberta do Novo Mundo e o crescente interesse pela geografia, procura-se localizar, com precisão, o país da Cocanha, processo

evidenciado na literatura italiana da época. E em meados do século XVI, o Novo Mundo se tornou um receptáculo de vários elementos do imaginário medieval; a América, recém-descoberta, tornou-se forte candidata a ocupar o posto desse país imaginário, como comprovado pelo imenso contingente que imigrou – majoritariamente e numericamente, nesta ordem – para os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil.

Assim, Nanetto Pipetta imaginava a América como uma praça cheia de doces, onde as crianças vivem a brincar, onde a lua nunca mingua, em conformidade com o que ouvia de seu avô, pai e, provavelmente, das demais pessoas de sua cidade natal. A América, para Nanetto era portadora de representações do prazer.

Tanto a *imagem* como o *símbolo* constituem *representações*, ou melhor, rerepresentações – isto é, uma outra apresentação do objeto percebido de um jeito novo e com significados diferentes.

Para a escola antropológica e filosófica substancialista – representada por Gilbert Durant, Paul Ricoeur e Mircea Eliade, e também pela psicologia analítica de C. G. Jung –, as *imagens* e o *imaginário* são sinônimos do *simbólico*, sendo que as primeiras contêm sentidos afetivos universais ou arquetípicos, cujas explicações remetem a estruturas do inconsciente (Jung, Campbell), ou mesmo às estruturas biopsíquicas e sociais da espécie humana (Durand). Estes autores relegam as especificidades históricas e socioculturais a um segundo plano e, por isso, tanto as *imagens* quanto a sua dinâmica – o *imaginário* – são identificadas aos *símbolos*.

Na medida em que o inconsciente é depositário dos significados, os homens precisam desvendá-los através da expressão e da manifestação das formas das *imagens*, que, devido as suas características de universalidade e de emergência do inconsciente, são, ao mesmo tempo, produto e produtora do *imaginário*. E, como os homens atribuem significados aos objetos, considera-se a ideia – enquanto representação mental de uma coisa concreta ou abstrata – como o elemento consciente do universo simbólico.

O *imaginário* se apoia no *real* para transfigurá-lo, recriando e reordenando a *realidade*; encontra-se, pois, no campo da interpretação e da representação, ou seja, do *real*; assim, possui um compromisso com o *real* e não com a *realidade* (vide nota de rodapé), a qual consiste nas coisas que existem realmente na natureza. O *real* é interpretação, a representação que os homens atribuem às coisas existentes e à natureza, atribuindo-lhe significados. Em suma, o *imaginário* é construído e expresso

através de *símbolos* e deles resulta, colocando-se “na fronteira entre o pensamento racional e o simbólico” (Bezerra, s.l., 1900?, p. 116). A *simbolização*, portanto, para ele, ocorre devido ao pensamento e se expressa através da linguagem.

Quanto à *imaginação*, esta não apenas é resultado da memória, como também possui uma função criadora; compõe o *imaginário*, criando e associando imagens, e trabalha baseada em *símbolos*. Imaginar, assim como pensar, é um ato de *simbolização*. Ela é o caminho que nos permite atingir o *real*, e vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se *realidade*.

Segundo Pradines (apud Bezerra, s.l., 1900?), há uma íntima relação entre o *imaginário* e a liberdade de criar, de fantasiar em bases espontâneas. O *imaginário* abrange o sonho e o devaneio, a fabulação e a inspiração. A representação *imaginária* está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas, e vai do retrospecto (memória) até a *imaginação*, funcionando como processo de prospecção ou como antevisão do futuro.

Bezerra (s.l., 1900?, p. 89) aponta a futurologia, proveniente do século XVI com a *Utopia* de Thomas Morus, como a mais arrojada aplicação do *imaginário*, a qual abrange

[...] um imaginário a serviço de ideias predeterminadas, que se expressam em uma ação à primeira vista fantasiosa, mas que seria uma fuga compensatória, em que os erros desaparecem e tudo se harmoniza (a cidade da Utopia [...])

Quanto ao *status* das sociedades imaginárias, Franco Junior (1998 a) declara que a historiografia atual admite que se deva procurar reconstituir sua história da mesma forma que a história das sociedades concretas, identificadas no tempo e no espaço, uma vez que é arbitrária a fronteira que as separa, havendo uma interpenetração de elementos de cada uma na outra, em que não se pode compreender uma sem a outra. A história social do imaginário leva em consideração os modos de influência do imaginário na vida das sociedades históricas, bem como avalia os condicionantes sociais nas produções imaginárias. O autor explicita que a sociedade é uma rede de significados; logo, um produto cultural.

Nas sociedades concretas, sempre há o que Franco Junior (1998 a) chama de um amplo espectro de miragens do que se considera uma sociedade perfeita, em algum segmento social. Por outro lado, nas sociedades imaginárias, quase sempre são encontrados indícios de uma sociedade concreta, seja pelo exagero, seja pela

inversão de suas características, ou mesmo pela negação de seus medos; ou, ainda, pela projeção de seus desejos.

Podemos identificar no país da Cocanha os elementos acima, em relação às sociedades imaginárias, tendo em vista que há, em primeiro plano, o exagero expresso pela abundância, pela total ausência de limites em relação à quantidade e qualidade de alimentos à disposição de qualquer um, incondicionalmente. Vemos também, pela presença ilimitada de todo tipo de alimento, em qualquer lugar, a inversão das características das sociedades europeias: naquela época, em que faltavam alimentos, as pessoas morriam de inédia ou eram severamente subnutridas; ou, quando havia alimentos, não havia variedade. No país imaginário da Cocanha, fica evidente a negação dos mais fortes temores do ser humano – que lhe faltem recursos para garantir sua sobrevivência (alimentação, saúde, condições para viver um processo de amadurecimento e envelhecimento saudável, o medo da morte, das consequências do desemprego e a falta de recursos materiais, etc.) –, sendo, portanto, evidente a projeção dos desejos humanos primários do direito à vida, à possibilidade de se alimentar adequadamente, à saúde, à liberdade. A Cocanha é, na acepção de Racine (apud Franco Junior, 1998 a), a expressão do imaginário da perfeição social, em que não há sofrimento, não se trabalha, nem se envelhece, mas se dispõe de total liberdade sexual.

Através das expressões literárias e artísticas dos sonhos sociais, pretende-se a substituição do conhecido pelo desejado. E, pela história social do imaginário, busca-se o esclarecimento, no âmbito do coletivo, das ligações entre os elementos objetivos e subjetivos, materiais e psicológicos. Em toda obra literária ou iconográfica ocorre uma recriação social. Atente-se para que o imaginário não seja confundido com atividade psíquica individual, nem tampouco com a somatória de imaginações.

Franco Junior (1998 a) defende que o imaginário intermedeia a realidade psíquica profunda da sociedade e sua realidade material externa; ambas, segundo ele, são responsáveis pela instalação dos comportamentos coletivos, e pelos sucessivos acontecimentos históricos; e ele explicita que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Assim, seja um local, um personagem ou mesmo um fenômeno imaginário, todos estes elementos são frutos de uma trajetória e possuem funções históricas.

O *imaginário social*, elaborado e consolidado por uma coletividade, é uma das saídas que esta encontra para os seus conflitos, divisões, violências, sejam elas reais ou potenciais, segundo Baczko (1985). Assim, o *imaginário social*, ao informar acerca da realidade e instruir os comportamentos, assume a função reguladora da vida coletiva e, ao mesmo tempo, converte-se em *lugar* e *objeto* dos conflitos sociais.

Dentre as funções dos *imaginários sociais*, destacam-se a organização e o controle do tempo coletivo no plano simbólico, intervindo ativamente na memória coletiva; ele opera na produção das visões futuras, na projeção de angústias, esperanças e sonhos coletivos para o futuro.

Há uma produção coletiva, mítica – que põe em relação símbolos, arquétipos e esquemas –, a qual se diferencia da capacidade de síntese criadora presente na arte – esta, uma produção individual. O *mito*, na concepção do Durand (apud Augras, 2000), facilita a apreensão do jogo mútuo entre a *imaginação simbólica* e a racionalidade, que se encontra presente na articulação do discurso.

Os mitos, especificamente, os mitos políticos e as religiões, as utopias e ideologias, segundo Backso (1985), são sistemas complexos que contêm os *imaginários sociais* e os *símbolos* em que eles se assentam, formando lugares privilegiados em que se constituem os discursos que veiculam os imaginários sociais e empregam as mais diversas linguagens, destacando-se a religiosa, a filosófica, a política e a arquitetônica.

Reafirmando o caráter coletivo de uma esperança e um fenômeno cultural onipresente, encontra-se, de acordo com Backso (1985), secularmente retratada, a utopia da abundância em oposição à realidade da pobreza, da miséria, da desigualdade e da exclusão sociais, conforme Franco Junior (1998 a).

A respeito da utopia, Baczko (1985, pp. 347-348) afirma que nada pode ser mais sério do que criar uma representação da melhor sociedade possível, na qual se dá a felicidade realizada. Franco Junior (1998 a) relata que, na opinião de Baczko, as utopias, representantes das profundas necessidades de uma época, são visões globais, coerentes e estruturadas do mundo.

Buscar definições e conceituações a respeito de Utopia é importante para a nossa reflexão, uma vez que o personagem Nanetto Pipetta vai em busca de um País Imaginário, que é, evidentemente, uma utopia.

Desde Hesíodo, no século VIII a.C. – que descreveu a “*raça de ouro*”, a qual desconheceu a velhice e viveu em grande fartura –, e também em Thomas More, no século XV – que criou o reino imaginário da *Utopia* – e em Fourier, no século XIX – que idealizou o *Falanstério*, onde viveriam harmoniosamente, de 2000 a 3000 pessoas, e cada um trabalharia conforme suas paixões e vocações – encontram-se referências do sonho de se viver em um lugar onde haja abundância, paz, prazeres eróticos e gastronômicos, onde não haja fome, nem miséria, nem pobreza – assim como no país da Cocanha, no século XIII e em São Saruê, no século XX.

A obra de Holanda, *Visão do Paraíso* (1996) proporciona a observação de que a utopia do Paraíso Terrestre atravessa séculos, movendo o homem – regido pela esperança de viver em melhores condições - em direção ao novo, ao incógnito. O autor aponta que na ocasião dos descobrimentos marítimos, era muito difundida a imagem do Éden, sendo a ocupação do Novo Mundo pelo povo europeu, em particular a América hispânica, tingida por este imaginário.

O Paraíso Terreal, para os teólogos da Idade Média, representava uma realidade ainda presente em sítio recôndito e acessível e não, um mundo inacessível, perdido no começo dos tempos. Este lugar era, portanto, buscado pelos viajantes, exploradores, navegadores e peregrinos, e o próprio Colombo acreditava ter comprovado sua existência. Suas primeiras narrativas de viagem, bem como, seus tratados descritivos, reforçavam as visões do Paraíso, veiculadas desde fins do III ou começo do IV século de nossa era, pelo poema latino atribuído a Lactâncio, *Phoenix*, e duzentos anos mais tarde, pela obra de Santo Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, que atravessa toda a Idade Média e alcança os tempos modernos.

A primavera incessante das terras recém-descobertas era interpretada pelos seus primeiros visitantes como uma cópia do Éden, onde tudo era obra de Deus. No paraíso americano, a natureza era dadivosa, entregando suas dádivas incondicionalmente, em contraste com a avareza atribuída à natureza no Velho Mundo, onde somente os previdentes, diligentes e pacientes eram recompensados.

Diferentes modalidades assumidas pelo tema - desde Santo Agostinho e Lactâncio, até o Renascimento e a Reforma, que deslocam o paraíso para um futuro mais ou menos distante - estão presentes na ocupação da América do Norte pelos anglo-saxões, com a lembrança constante do paraíso perdido entre os colonos puritanos.

Os europeus, obedecendo a um paradigma comum fornecido pelos motivos edênicos, traçaram um quadro do Novo Mundo na era dos grandes descobrimentos, assim distribuído: castelhanos e portugueses de um lado, e anglo-saxões de outro. Os que se destinaram à América Latina foram atraídos pela esperança de achar, em suas conquistas, um paraíso feito de riqueza mundana e beatitude celeste, que a eles se oferecia como um dom gratuito e sem que lhes fossem exigidos maiores trabalhos. Já os primeiros colonos da América Inglesa tinham como objetivo vencer o rigor da selva e do deserto para *construir* uma comunidade abençoada, onde poderiam realizar o puro ideal evangélico, livres das opressões civis e religiosas a que foram submetidos em sua terra de origem.

Correntes religiosas ou míticas sustentavam as ideias migratórias à época dos descobrimentos. Colombo, além de numerosos cronistas, retratava as Índias, e em particular, os indígenas do Novo Mundo, segundo modelos edênicos literários, ou de acordo com os temas utilizados pelos gregos e romanos para exaltar a idade feliz, no início dos tempos, em que o solo, generoso, ofertava espontaneamente, os mais saborosos frutos, a exemplo das *Metamorfoses* de Ovídio e a obra de Hesíodo, que discorrem sobre as quatro idades cronológicas da mitologia clássica (a idade do ouro, da prata, do cobre e do ferro), cada qual menos civilizada e menos feliz que a anterior. E em fins do século XV e início do XVI, surgem versões castelhanas das *Metamorfoses*.

Certas obras imaginárias, escritas aproximadamente na mesma época, opõem à degradação da Natureza e do mundo, a nostalgia das imagens idílicas. Assim, tem-se por um lado, a ideia de corrupção do mundo e da natureza, em consequência do Pecado e da Queda, implantada no sentimento cristão, cujas raízes se encontram nas Sagradas Escrituras, no Gênesis. Por outro lado, a corrente que defende a teoria da excelência do estado natural, oriunda da idade do ouro, virgiliana e ovidiana, e as opiniões eclesiásticas e cristãs sobre o estado de inocência, compreendidas na *Suma Teológica* de S. Tomás de Aquino, que se referem a um tempo em que predominava a concórdia perfeita entre os homens, sem que a ira ou a tristeza os perturbasse – uma visão utópica, portanto, da vida.

Uma definição de utopia apresentada por Magris (2001) aponta que não devemos nos render às coisas do modo como são e, sim, lutar pelas coisas como elas deveriam ser. Assim, há um caráter de *projeto* na utopia, segundo Franco Junior, a partir “de elementos contidos no patrimônio mítico da sociedade” (1998 a,

p. 22, grifo do autor); estes ganham consistência social, alcançando a consciência coletiva, devido às necessidades de um certo grupo, num dado presente histórico. Enfim, tem-se que as manifestações utópicas são fundamentalmente produtos coletivos, concebidos numa longa gestação.

Há um traço lúdico em toda utopia, o pensamento utópico, que segundo Raymond Ruyer (apud Franco Junior, 1998 a, p. 22) realiza “uma dissolução das estruturas sociais” no campo imaginário. Franco Junior acrescenta que este elemento lúdico reorganiza a realidade vivida, através dos elementos da crítica, idealização, desconstrução, reconstrução e imaginação.

Outro elemento presente na utopia, de fundamental importância, é a esperança. Péguy (apud Magris, 2001) via na esperança, a virtude maior, afirmando a necessidade de se crer num amanhã melhor. Para Block (2005), ela é projetada no futuro, a fim de reconciliar o homem com sua história e com a natureza, ou seja, com suas próprias possibilidades e pulsões, pois há sempre outras potencialidades atrás de cada realidade.

A utopia, na concepção de Block (2005), é um *fenômeno cultural onipresente*, constante, que se manifesta em qualquer esfera em que a imaginação extraia do presente o que há dele no futuro, como nas obras de arte, nos movimentos sociais, nas aspirações religiosas, no saber crítico. Ela evidencia, portanto, um apelo permanente do futuro de que, no presente, haja uma abertura para a atividade criadora regida pela Esperança.

As esperanças coletivas, contidas nas utopias, na opinião de Baczkó (2005), estão sempre em busca de uma ideia moral e social, e mantêm múltiplas e complexas relações com as ideias filosóficas, com as letras, com os movimentos sociais, com as correntes ideológicas, com o simbolismo e com o imaginário coletivo.

Toda utopia é uma “manifestação sócio-cultural-psicológica” sempre presente, que responde às carências de cada momento, além de manifestar oposição a uma situação tida como intolerável, conforme Franco Junior (1998 a, p. 19), para quem o *fabliau da Cocanha*, fruto de uma sociedade que não conseguia superar suas deficiências, tinha a função de suprir as suas carências, tanto materiais quanto psicológicas, construindo situações perfeitas, imaginariamente. Ao contrário da noção de Paraíso cristão, as maravilhas do país da Cocanha estavam disponíveis incondicionalmente, qualquer que fosse o comportamento do indivíduo.

O *fabliau da Cocanha* era lido em voz alta nas festas, cortes feudais, praças públicas, tavernas, em todo lugar, e era uma recriação da realidade de sua época. As imagens míticas reaproveitadas por ele rompiam os limites do real, quebravam a rigidez dos fatos históricos e eram um meio de acionar a função utópica do riso – risos críticos e profundos; o homem, por estes fragmentos de tempo, reencontrava Deus, pois o riso é uma atividade sagrada, que exerce uma função fundamental na cultura folclórica medieval, enquanto atividade libertadora, criadora, que regenera e purifica.

Em contrapartida, a fome e a desgraça do faminto levam o ser humano a perecer, motivo pelo qual, segundo Block (2005), a privação e o desejo ligado a ela, assim como seu anseio, são evidenciados e precisos, não podendo sua pulsão ser recalçada por muito tempo.

Assim, o ser humano nunca se livra do desejo de ver as coisas melhorarem. Os que sofrem privação sonham constantemente com a realização de seus desejos. Bloch afirma que, no sonho desperto, o eu se encontra cheio de vida e anseios, pleno da vontade consciente para uma vida melhor e daquilo que um ser humano utopicamente gostaria de ser e tornar-se.

O eu do sonho desperto pode se expandir a ponto de representar os outros, pois o sonho diurno visa à melhoria pública, seus ideais são os de interesse geral. Nos sonhos diurnos, os ideais planejam um mundo melhor, ou ainda um mundo esteticamente elevado, sem desilusão.

Há uma esperança que move o imigrante, rumo à utopia de encontrar – e viver – num mundo melhor. A utopia da abundância alimentar mantém-se viva no imaginário do homem, qualquer que seja o tempo, o espaço e a cultura a que pertence. O tema atravessa séculos na literatura e nas artes em geral. Assim, onde quer que haja escassez, privações, fome, desigualdade e exclusão social, o homem sonha com o Paraíso terrestre.

Os elementos oníricos do imaginário, o sonho, o mito, a imaginação são valorizados por Durand (1998). A dinâmica dos fluxos do imaginário se compreende entre o regime diurno da imagem, ou seja, as relações históricas concreta e o regime noturno da imagem, o transcendental, mágico e misterioso.

As mudanças na história, segundo o autor, ocorrem através de eventos curtos mais ou menos isolados, ou em eventos de duração média e mais homogêneos; ou, ainda, através daqueles que perduram por períodos de tempo mais longos.

Estas mudanças são situadas por Durand através da utilização da metáfora da bacia fluvial, a qual se assemelha ao curso de um rio e ao fluxo de seus afluentes: do mesmo modo, uma dinâmica sociocultural é formada por diversas influências (em analogia aos afluentes do rio) e por um curso principal. A imagem é a de uma interpenetração contínua entre as águas, num fluxo ininterrupto, embora haja uma corrente central – o leito do rio.

Para o autor, a vantagem do uso da metáfora é que ela ajudaria a integrar as evoluções do imaginário de uma região, seus estilos, mitos condutores, utopias, motivos pictóricos, modas, temáticas literárias, suas tradições orais e sua moral.

Um sistema sociocultural imaginário sempre se destaca de um conjunto mais amplo e contém conjuntos mais restritos, e assim sucessivamente. Durand (1998) descreve seis fases da “bacia semântica”.

A primeira fase chama-se **escoamento** [*afloramento das pequenas correntes*]. Ele afirma que em todo conjunto imaginário se desenvolvem pequenas correntes, que são descoordenadas e antagonistas. Dizem respeito ao imaginário instalado, congelado em códigos, regras, convenções.

A segunda fase da “bacia semântica” é a **divisão das águas**, momento em que são unificados certos escoamentos que se opõem aos estados imaginários precedentes e a outros escoamentos atuais.

Nesse momento, vem à tona a terceira fase, as **confluências**. Do mesmo modo que um rio é formado por afluentes, uma corrente [estabilizada] precisa ser reconhecida, receber apoio de autoridades, personalidades e de instituições.

A quarta fase, **nomeação** [*o nome do rio*], desenha-se quando um personagem real ou fictício caracteriza toda a bacia semântica.

A quinta fase, a **organização dos rios** [*contenção das margens*], consiste numa consolidação teórica desses fluxos imaginários.

Enfim, a sexta fase da “bacia semântica”, **o esgotamento dos deltas e dos meandros**, ocorre quando a corrente mitogênica – isto é, inventora de mitos, que conduziu o imaginário específico por todo o curso do rio – atinge, como diz Sorokin, uma saturação “limite” (DURAND, 1998, p. 114).

Quanto à questão da duração de uma “bacia semântica”, constata-se que, a partir de seus primeiros escoamentos percebidos até seus meandros finais, seriam necessários de cento e cinquenta a cento e oitenta anos, ou seja, pelo tempo de três ou quatro gerações que veiculem a informação de modo familiar, transmitido do avô

ou da pessoa mais velha ao neto. A esta duração se acrescenta o tempo requerido para a institucionalização pedagógica, de cinquenta a sessenta anos, que permite a um imaginário familiar, sob a pressão de acontecimentos extrínsecos (mudanças políticas profundas, guerras, etc.), se transformar num imaginário mais coletivo, permeando, assim, a sociedade ambiente global.

As “bacias semânticas” permitem que se compreenda aquilo que é inerente ao homem – o imaginário, que se define como a representação, a faculdade de simbolização, de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente, desde o surgimento do *homo erectus*.

Adaptada aos propósitos desta dissertação, a metáfora das “bacias semânticas” de Durand pode ser utilizada para dois fluxos maiores e principais e seus afluentes, em que campos inteiros de imagens poderiam se reunir em torno do País imaginário da Cocanha e do personagem Nanetto Pipetta.

Assim, o ***País da Cocanha***, visto como o leito do rio, teria como afluentes: o imaginário do imigrante que visualizava a América como um lugar de fartura, riquezas e abundância e que desejava viver mais e melhor ao emigrar para o Brasil; o desejo de comer abundantemente e não precisar trabalhar à exaustão para obter saborosos alimentos com fartura e variedade; o desejo de que tal abundância não esteja condicionada às imposições religiosas; o descanso, a ociosidade e o lazer, elementos desconhecidos na vida que se levava nos campos da Itália do século XIX; a liberdade para ir e vir, para plantar o que se deseje e na sua própria terra, para alimentar os seus; a liberdade para escolher suas atividades, conhecer elementos e pessoas de outra cultura, liberdade para viver.

Nanetto Pipetta teria como afluentes: sua procedência como emigrante do Vêneto. As razões para sua emigração: a fome e o desejo de alimentar-se abundantemente, em quantidade e qualidade; a curiosidade sobre a América; a idealização da vida no Novo Mundo; os desejos gastronômicos. A travessia: aventura; coragem; desprendimento; esquecimento. A chegada ao Novo Mundo: adaptação, aculturação, identidade; choque cultural; estranhamento, ansiedade e medo diante do novo e face aos seres primitivos – os índios, a densa floresta e os animais selvagens; os trabalhos na colônia; os alimentos do Brasil.

1.3 O Brasil é o País da Cocanha: o aliciamento e o imaginário dos emigrantes italianos

Quando habitava em sua terra natal, Nanetto Pipetta, como já vimos, ouvira falar muitas vezes a respeito da América. Em casa, eram frequentes os comentários feitos pelo pai e pelo avô. Em seus constantes pensamentos, Nanetto questionava:

A América, que será esta América? Pensava Nanetto com seus botões. Que ela seja uma grande "cocanha"? [...]

Eu penso, ainda, que é uma grande cidade, na qual os pobres são conduzidos de automóvel em busca de fortuna... Deve ser uma enorme feira, onde quem compra barato, paga pouco, e quem não compra nada, fica com seu dinheiro, conforme dizia o meu padrinho. Que linda coisa a América!

A América, dizia o avô, é para as crianças como uma grande praça cheia de doces e basta plantar uma moeda, para que nasça uma bela árvore e todos podem trepar a elas e apanhar quanto dinheiro quiserem até encherem os bolsos. Nessa praça a gente brinca, corre, salta, vozeia; e quando está com sede, toma água doce, licor de anis, bom vinho, cerveja, gasosa e que mais ainda? Também biter e mel, e refrescos, e quentão e por fim ainda muitas coisas boas... (Bernardi, 1988, p. 48)³¹

A América idealizada por Nanetto possui muitos traços do país imaginário da Cocanha, tanto no que se refere às guloseimas, aos bons vinhos, ao licor de anis, etc., quanto à relação com o dinheiro, que brota facilmente em árvores, à disposição de todos. E, na sua concepção infantil da América, a liberdade inerente ao país da Cocanha era representada como um local onde as crianças viveriam brincando, jogando e se divertindo.

Tais elementos podem ser interpretados como uma crítica social às desigualdades sociais, mas, também, como uma forma de compensação por uma carência absoluta de tudo quanto possa ser desejado numa sociedade de consumo, com seus maravilhosos e abundantes apelos em que os pobres se postam diante das vitrines do mundo, em uma atitude de cobiçosa contemplação.

³¹ La Mèrica, pensava Nanetto Pipetta, cossa sarala sta Mèrica? Che la s'pia na gran cucagna?![...] Mi digo che la ze na gran sità, che mena i poareti in automòbile in serca de la fortuna!... La ga da èssare na gran fiera ndove chi crompa barato paga poco, e chi no crompa gnente va via coi so soldi, me diseva me sàntolo. Che bela roba la Mèrica... La Mèrica, diseva el nono, par i putei la ze come na gran piassa piena de dolsi e basta impiantare on soldo parche ghin nassa na pianta bela e tuti pole rampegarse suso e torse tanti fin da impienare le scarsele. In te sta piassa se zuga, se core, se salta, se osa; e quando se ga sé, se beve aqua dolse, e mistrà, e vin bom, e bira e gasosa e pó cossa ancora?... e biter e miele, e rifieschi e riscaldi, e po e po ancora robe bone! (Bernardi, 2009, p. 20)

[..] - Desta vez vou ficar rico! Agora sim me vou tornar capitalista. Depois irei buscar a Gelina. Depois vamos construir uma bela casa. Depois irei à Itália buscar minha mãe. Depois a levo a chupar cana-de-açúcar e depois... [...] (Bernardi, 1988, p. 229)³²

No momento em que teve início a emigração em massa para o Brasil, a Itália passava por uma forte crise, devido ao aumento populacional, às péssimas colheitas, ao avanço do capitalismo que colocou os agricultores à margem do processo de produção, os quais também não conseguiam encontrar trabalho nas emergentes indústrias urbanas. O camponês se viu obrigado a deixar seu país em busca de oportunidades de trabalho e ascensão social.

Nanetto Pipetta denuncia, nesta passagem, que o imigrante italiano, se não totalmente consciente dos efeitos do capitalismo em sua vida, ao menos não era indiferente e totalmente ignorante a respeito do seu poder, que dividia a sociedade em duas classes antagônicas: a dos possuidores dos meios de produção, e a do proletariado industrial e rural. Nanetto quer enriquecer, fazer fortuna e, portanto, deseja deixar a condição de camponês, madrinheiro de tropa, cozinheiro e todas as outras funções que foi exercendo desde que chegou ao Brasil, para se tornar capitalista [aqui empregado no sentido de “pessoa muito rica”].

Os pensamentos de Nanetto Pipetta revelam o imaginário dos imigrantes vênetsos que aceitaram a proposta de vir colonizar o sul do Brasil, atraídos por promessas de enriquecimento rápido e, portanto, de viverem em melhores condições de vida, podendo inclusive adquirir os alimentos que tivessem vontade de saborear e os objetos que realizassem seus sonhos de consumo. Nanetto foi, ao longo da narrativa, se envaidecendo e deliciando com algumas realizações e posses que teve oportunidade de conquistar.

Após ter recebido *muito* dinheiro pelo longo tempo trabalhado, ele vai embora, vaidoso e com os bolsos cheios de dinheiro, contando a todos com quem cruza em seu caminho que carrega uma fortuna. A certa altura, após um homem – para quem ele tinha se vangloriado –, tentar assaltá-lo, Nanetto compra uma pistola para se defender. Ele então, vangloriando-se, passa a andar por todo canto, com sua “pistolinha” à mostra.

³² - Sta volta me fasso sioro! Sto colpo me fo capitalista, e dopo vago tore la Gelina, e dopo s'impianteremo na bela casa, e dopo vago in Itália a tore la mama; e dopo la meno a ciuciar cana, e dopo... (Bernardi, 2009, p. 166).

Em outra passagem, Nanetto procura um retratista para fazer o seu retrato, com o qual se maravilha. Passa, então, a mostrá-lo garbosamente a todo mundo e escreve para sua família relatando o feito. Neste episódio, Bernardi expõe a necessidade de reconhecimento, de pertencimento inerente ao ser humano, bem como a urgência de se ter sua identidade firmemente estabelecida. Nanetto, como expressão do imigrante desenraizado, revela a necessidade existencial, de o indivíduo reconhecer-se a si mesmo, de se autoidentificar. Nanetto fica maravilhado ao ver sua imagem projetada no papel. A fotografia lhe concede a experiência de um espelhamento de sua identidade, um reconhecimento de sua pessoa. Ele passa a se apresentar, a partir da experiência de se ver nas fotos, dizendo que “ele é ele mesmo em pessoa”, como se a foto fosse uma prova documental de sua existência. Para ele, a foto é a evidência de que ele faz parte da realidade, do fato de que ele existe no mundo. Ela lhe proporciona, pois, o senso de pertencimento, por atestar que ele está incluído, que faz parte da sociedade. A fotografia era, naquela época, um artefato, uma tecnologia recentemente criada, conhecida e acessível a apenas uma parcela da sociedade, o que lhe conferia certo status, do qual Nanetto passa a vangloriar-se mais uma vez.

Bernardi, ao longo da narrativa, vai elencando as vaidades de Nanetto, conquistadas a partir do seu trabalho, tais como as fotos aqui mencionadas – a pistola, os sapatos e as roupas –, bem como, muitos dos símbolos valorizados por aquelas pessoas, naquela época, como a posse da terra, a comida, a família, o humor, a esperança, a religião, o padre, a culpa, etc.

Mas, talvez o maior sonho dos colonos fosse mesmo a posse de suas terras, que esperavam adquirir após certo tempo de trabalho e grande determinação. Mais uma vez, Nanetto revela o anseio de seus compatriotas.

Muitos imigrantes conseguiram comprar suas terras através do trabalho árduo, seu e de sua família. O personagem teve, pois, importante função como representante do imaginário do imigrante colonizador das terras do Sul, em vários aspectos, desde os seus mais profundos anseios até as maiores frustrações; teve também os momentos de surpreendentes descobertas, alegrias, frustrações e incidentes com os elementos estranhos a sua cultura.

[...] Por esse tempo todos os homens, pertencentes ao grupo dos imigrantes, com os quais Nanetto convivera, já se tinham dispersado pelos matos a fim de ocupar cada qual a colônia demarcada para cada família. Ora, Nanetto deliberou, também, garantir o seu futuro. De mais a mais, tinha dito e repetido que viera à América para fazer fortuna [...] (Bernardi, 1988, p. 181)³³

Havia, pois, no imaginário destes emigrantes, que se dirigiram em massa para os países mais ricos da Europa ou para as Américas, a ideia de um mundo novo, paradisíaco. Eles ansiavam encontrar o Paraíso Terrestre, o País imaginário da Cocanha, onde todos achariam magicamente uma solução para os problemas da vida. A propaganda enganosa interferia no imaginário dos futuros emigrantes, que pensavam ser possível encontrar “a cocanha” no Brasil, reforçada, sobretudo, pela emigração subsidiada, ou seja, a viagem gratuita e a garantia de sobrevivência para os primeiros meses nos países transoceânicos, segundo Bigazzi (2006).

Num primeiro momento, Nanetto Pipetta é um adolescente ingênuo e infantilizado, que pensa e age como criança e aspira a brincadeiras infinitas. Sua representação da cocanha é exposta acima; ele acredita que a América é um lugar onde há muitos doces e onde se brinca incessantemente. Ao longo da narrativa, conforme vai passando pelas experiências de vida, sociais e laborais, seus anseios vão se modificando; ele passa a querer possuir uma bela casa, onde será feliz com sua esposa; mas, em meio aos anseios mais maduros e voltados para a realidade concreta da vida, permanece certa infantilidade: ele quer buscar a mãe para “chupar cana”, ou seja, orienta-se pelo prazer...

Enquanto Nanetto Pipetta deseja muitos doces, batatas-doce com leite, “chupar cana”, ter uma bela casa e se casar, no *fabliau* da Cocanha as cobiças são de outra ordem: quer-se liberdade em todos os planos, desde o uso ocioso de seu próprio tempo (para um povo que trabalhava quase que ininterruptamente, em troca de míseras liras diárias, na Itália dos tempos da emigração em massa) à liberdade sexual. Deseja-se a vida eterna, em boas condições de saúde para poder gozar todos os prazeres mundanos.

³³ Tuti quei òmeni che el gaveva bio come compagni de migrassion i se gera sparpaiadi fora par sti mati co la so colônia. Anca el Pipetta el ga pensa de rangiarse. El resto a lo gaveva dito tante volte, che el gera vegnesto in Mèrica par far fortuna. (Bernardi, 2009, p. 129)

Gelina:

Escrevo-te para comunicar-te que te quero muito bem, mas bem mesmo de meter medo. Devo dizer-te que me sinto muito feliz com o nosso noivado. Eu nunca tive muita fortuna, então pensei em trabalhar e ganhar dinheiro, e depois casar contigo. Por isso vou embora a fazer fortuna [...] (Bernardi, 1988, p. 220)³⁴

Aquiles Bernardi levou seu personagem a desmistificar a cocanha paradisíaca, ao longo dos capítulos, e reafirmar o valor ético da realização do homem pelo trabalho. Nanetto, em certo ponto da vida, descobre que se precisa trabalhar para se ganhar dinheiro, e o revela na carta que escreveu para sua noiva e também no trecho abaixo, referindo-se a necessidades muito mais simples, que também clamavam por satisfação:

[...] Nanetto Pipetta, pois, tendo o emprego de mestre-cuca, já imaginava antegozar a fortuna, embora não a tivesse conseguido. De fato, se notava a olhos vistos o seu aproveitamento. Para ele as quaresmas, isto é, os apertos da vida, pode-se dizer, já haviam passado e, até, retornado para a Itália, lá longe além-mar. [...] Durante os dois anos de permanência no acampamento dos agrimensores e na profissão de cozinheiro, Nanetto desenvolvera-se e engordara muito [...] (Bernardi, 1988, p. 190)³⁵

As aventuras de Nanetto Pipetta acompanharam e expressaram os sonhos e as esperanças de tantas gerações. Além disso, a obra contribuiu para transformar em riso a amargura, as decepções e o sofrimento dos imigrantes, que se sentiam representados em seus episódios, levando o imigrante não só a se identificar com as desventuras de Nanetto, mas a rir delas e, por conseguinte, rir de si mesmo, como uma forma de catarse, aliviando sua dor. A arte, por sua vez, tem a capacidade de conduzir o homem a um estado de fantasia sobre a realidade, e a utilização do gênero cômico proporciona a catarse das angústias, dos medos e das inquietações que aproximam o homem da situação trágica. Ao utilizar-se do gênero cômico, Bernardi possibilita a seus leitores imigrantes a saída pelo riso, pois a comédia está sempre muito próxima do trágico.

³⁴ Gelina, A te dirisso sta letarina par visarte che te vógio tanto de quel ben che fano paura. A go da dire che sono felisse de la impromessa. Mi no gano mai buo tanta fortuna e gano pensa de laorare e ciapar soldi e dopo sposarte; la quale vano via a far fortuna. (Bernardi, 2009, p. 158)

³⁵ Nanetto Pipetta, donca, col novo servissio de cogo, romai, romai ghe sembrava de védarla la cucagna, se próprio no la gaveva ciapada. Infati se riconosseva a ócio i progressi. Par elo le quarèsème se pol dire che le gera passada tute e tornade in Itàlgia, là oltra in cao. [...] In do ani che el ga fato sto servissio el ze vegnesto gordo, grosso e grasso che mai. (Bernardi, 2009, p. 135)

Supõe-se que, assim como Nanetto Pipetta idealizava a vida que teria no Brasil, tal aspiração – fomentada pela argumentação dos agentes de imigração e reforçada pelas promessas feitas pelo governo brasileiro durante o processo da abolição da escravatura, com a finalidade de atrair os europeus para que imigrassem para as colônias do Sul e para as fazendas de café paulistas – tenha regido a escolha da maioria dos imigrantes italianos que aqui vieram, desejosos de encontrar a Cocanha.

Gardelin (1988) e Franzina (2006) opinam que não devemos supervalorar a ideia de que os imigrantes vieram iludidos pelo ideal de “*fare l’America*”, pois muitos colonos vieram para o Brasil com um sonho mais assentado na realidade, ou seja, desejavam, enfim, a posse de suas terras e melhores condições de vida, traduzidas pela possibilidade de alimentar e vestir seus filhos, de forma digna e apropriadamente. Havia, sim, o desejo de progredir, e sabiam que, para isso, teriam de trabalhar duro por algum tempo, antes que pudessem colher os frutos. De modo que grande parte das famílias vinha preparada para dar prosseguimento à rotina laboral realizada na sua aldeia, de jornadas de trabalho coletivo, em que todos os familiares faziam as lidas da roça, homens, mulheres e crianças, indistintamente.

Aquiles Bernardi compactuava com a opinião destes autores e tinha em mente desmistificar o ideal de encontrar grande fortuna na América; para isso, contava com o apoio da comunidade colonial, à época em que se dedicou a escrever as aventuras de Nanetto.

Os chamados “aliciadores”, assim como os que desejavam vir, todos tinham suas ambições quanto à América, pois, na ocasião da Grande Emigração, a Itália passava por grandes tormentos: fome, peste, tempestades, desemprego, carências de toda ordem. Em meio à tamanha privação, diversos agenciadores de imigrantes, padres, homens cultos, bodegueiros e mesmo outros funcionários das prefeituras, contratados pelas companhias de navegação, pelos fazendeiros e pelo governo, faziam promessas e afirmavam que o País da Cocanha se situava na América.

O personagem de Bernardi, quando já no Brasil, interpreta como “árvores salameiras” as primeiras bananeiras que avistou. Esta passagem deixa entrever que, no imaginário de Nanetto, os alimentos cresciam e pendiam em árvores, fossem pinhões ou salames, como bem poderiam ser gansos, tocinhos e salsinhas, sempre ao alcance das mãos, conforme o imaginário do europeu familiarizado com o mito da Cocanha.

A partir da última década de 1800, começaram a chegar à Itália cartas de jornalistas, religiosos e dos próprios imigrantes que procuravam convencer outros camponeses a emigrarem para o Brasil – descrito como o Paraíso, a Terra Prometida. Simultaneamente, ocorria um movimento contrário, em que se procurava dissuadir os interessados em emigrar, para que permanecessem na Itália. Muitas vezes, “os próprios parentes, em suas cartas de chamadas, não tinham coragem de contar a situação precária que estavam vivendo no Brasil, omitindo uma realidade muito pior que a esperada”. (BIGAZZI, 2006, p. 175)

Dentre os fatores que estimularam a vontade de emigrar, de se deixar influenciar pelos mitos das Américas, destacam-se as imagens transmitidas por crônicas, cartas e panfletos produzidos pelas agências de viagens. “Documentos da época, como artigos de jornais, cartas pessoais, cartões-postais, fotografias, gravuras, diários e lembranças narradas pelos velhos imigrantes, incentivaram para o incremento da Grande Emigração”. (BIGAZZI, 2006, p.177)

Nesta época circulavam pela Itália, fotografias veiculando o mito do País da Cocanha, o paraíso terrestre, fotos contendo imensas cenouras, cebolas e outros alimentos, além de arbustos que davam gigantescas moedas. Difundia-se a América como um lugar onde se vive com saúde, alegria e bem-estar. Realmente, algo tentador para os miseráveis, exaustos e famintos camponeses, que ouviam constantemente toda a sorte de maravilhas existentes na América.

Todos estes ingredientes colaboraram para moldar o imaginário do imigrante. O camponês se sentia oprimido, explorado pelo seu patrão, recebendo uma mísera quantia por um trabalho árduo, executado em uma longa jornada diária. Isto quando havia trabalho, pois em épocas de geadas, tempestades e outras intempéries, não havia trabalho, levando-o a migrar para regiões em que encontrava trabalho temporário, em condições também muito precárias.

Piccarolo (1911, p. 51, apud Ianni, p. 22) esclarece que os representantes das companhias de navegação “ganhavam de cinco a dez liras por cada emigrante que aliciavam e mandavam ao porto de embarque para ser transportado para Santos”. Azevedo (1982) revela que as companhias de navegação ofereciam gratificações a quem lhes trouxesse candidatos, de até de 20 liras por pessoa, atraindo 10.000 ou mais agentes.

Ianni (1972); De Boni & Costa (1984) contabilizam dezenas de milhares de agentes de emigração, espalhados por todos os lugares, da bodega à paróquia.

Alvim aponta cerca de 7.000 agentes e subagentes, totalizando 20.000 pessoas a serviço do aliciamento para a emigração de italianos. A tarefa do agenciador era bastante simples:

Basta dizer aos camponeses que dentro de alguns meses terão dinheiro aos montes, que num par de anos serão proprietários de latifúndios, que, de trabalhadores braçais, tornar-se-ão patrões, e conseguir persuadir uma meia dúzia dos mais importantes, o apostolado está completo [...]. E assim, aos gritos de “viva a América” [...] “morreram os patrões”, levas de emigrantes deixaram a região dirigindo-se para o Brasil. (ALVIM, 1986, p. 44)

A verdadeira cocanha foi encontrada por estes agentes e companhias de navegação, que fizeram fortuna com o desespero e esperança de milhões, pois não havia legislação específica que regulasse o fluxo de saída dos emigrantes e suas condições, e que também contivesse estes abusos.

Mas, em 1902, através do Decreto Prinetti, o governo italiano decidiu proibir a emigração subvencionada, numa tentativa de pôr fim ao lucro das companhias de navegação. Mas foi ludibriado, pois os agentes restituíam o valor da passagem paga pelos emigrantes, quando eles chegavam a São Paulo.

Os italianos emigraram atraídos pelas promessas do governo brasileiro, que acenava com terra fértil em abundância, trabalho nas ricas plantações de café, das quais os colonos poderiam tornar-se proprietários em poucos anos.

Em síntese, estes foram os motivos que contribuíram para a formação do imaginário do imigrante italiano que veio ao Brasil, entre as últimas décadas do século XIX e as iniciais do século XX, em busca de enriquecimento, prosperidade, bem-estar.

A partir das primeiras levas, a imigração em cadeia – ou seja, a atração exercida por pessoas estabelecidas nas novas terras, chamando familiares ou amigos – desempenhou papel relevante.

O Brasil recebeu perto de cinco milhões de imigrantes entre 1819 e fins da década de 1940. Os três principais contingentes – italianos, portugueses e espanhóis – somaram mais de 2/3 do total, seguidos pelos alemães e japoneses. Outros grupos foram numericamente menos expressivos, como os russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses (SEYFERTH, 1990).

É provável que os números expressem a força do imaginário contida no apelo para que os camponeses famintos e miseráveis se desenraizassem, na tentativa de lançarem suas raízes em solo mais fértil.

2 A TRAVESSIA DE NANETTO PIPETTA

Quando Nanetto Pipetta embarcou, aos 13 anos de idade, em busca do país da Cocanha, como já sabido, sempre ouvira falar na América; a curiosidade e o desejo de provar as guloseimas do país das delícias cresciam dentro dele, até que partiu para a decisiva empreitada.

Ao se rever o fenômeno da imigração italiana para o Brasil, sobretudo direcionada para o Nordeste do Rio Grande do Sul, pode-se refletir sobre as causas e efeitos dessa decisão, tomada por milhares de italianos da região do Vêneto, em paralelo às peripécias de Nanetto, em sua busca de sorte e fortuna.

A obra de Bernardi foi concebida à imagem dos imigrantes vênnetos e destinada a este público, especificamente. Para melhor compreendê-la e ao imaginário que evoca, portanto, importa conhecer a realidade de vida destes emigrantes e as mudanças pelas quais passaram no final do século XIX, em decorrência dos avanços tecnológicos, que facilitaram o intenso fluxo migratório. Ao que tudo indica, o autor antevia o poder de identificação destas pessoas com o personagem que criara.

O incremento do fluxo migratório no final do século XIX teve como causas, de acordo com Klein (2000), as inovações na comunicação e nos transportes, que estreitaram os laços e encurtaram as distâncias entre a Europa e a América, sobretudo após a instalação do primeiro cabo telegráfico transatlântico e as ligações ferroviárias nos principais países europeus e americanos, que tornavam ágil e barateava, o fluxo entre os dois continentes. A substituição das velas por grande quantidade de navios a vapor viabilizou o transporte de milhares de passageiros por semana, em frequentes viagens, num tempo menor e em maior segurança para atravessarem o Atlântico. A facilidade de comunicação permitia que chegassem ao europeu, informações sobre as condições econômicas e de emprego americanas, num tempo muito menor, como por exemplo, os folhetos de propaganda e as cartas dos emigrados, contando as notícias da América aos seus parentes e amigos.

Nos trechos abaixo, testemunham-se os primeiros contatos de Nanetto com os meios de transporte que o trariam para a América: o trem que o levaria de Veneza até o porto de Gênova, de onde partiria de navio para o encontro de sua tão desejada “Cocanha”. Bernardi apresenta em tom cômico, o encontro de seu

protagonista com o trem. Nanetto, ingênuo e espontâneo, expressou sem reservas a sua admiração e curiosidade sobre o modo de seu funcionamento. E, qual teria sido o espanto, a admiração dos emigrantes, saídos de sua pequena aldeia, diante da imensidão deste meio de transporte, e mais ainda, do navio? Cabe, diante desta passagem, indagar o que teriam eles pensado neste momento.

[...] Nesse meio tempo, em Veneza, junto à estação da via férrea, chegava um rapazote mal trajado [...]. Era ele o nosso Pipetta, já pronto para ir à América ... Lá, passa ele a examinar bem esse trambolho, a fumaça da locomotiva, o rodado, os vagões, etc.

E os bois, pensava consigo mesmo, para todos esse carroções ... estarão com certeza, nos estábulos ...

No entanto, embate-se ele com um fulano senhor e, cumprimentando-o, pergunta: "Por favor, é este o trem que me vai levar para a América?"

- Exatamente, meu caro rapaz.

- Diga-me se são necessários muitos bois para puxar esses carroções?

- Imagina que a estrada é de ferro e por isso é muito pesada.

- E vão partir já para a América?

- Só depois do meio-dia. No entanto, vai para casa almoçar.

- Obrigado, senhor, e passe bem [...] (Bernardi, 1988, p. 50)³⁶

O camponês que, em geral não saía de seu pequeno povoado, estava prestes a atravessar o oceano, rumo a uma vida desconhecida e normalmente, sem volta. Mesmo diante do medo do desconhecido, natural ao ser humano, ele se lançou movido pela urgência de saciar a sua fome e de proporcionar aos seus, a possibilidade de viver uma vida menos sofrida.

A viagem da província até Gênova, por trem, durava cerca de um dia, sendo, portanto, preciso pernoitar em Milão. A esperada chegada a Gênova, segundo relato de De Boni & Costa (1984), era apenas o início das sucessivas decepções e sofrimentos que marcariam sua travessia. Sua expectativa de embarque imediato para a América era totalmente frustrada e a espera pelo embarque durava algumas semanas, pois os agentes de emigração recebiam comissão dos taverneiros genoveses, por encaminharem os emigrantes com vários dias de antecedência,

³⁶ [...] Intanto a Venèssia davanti la stassion del bapore ze capità on putelo mal vestio [...]. El zera el nostro Pipetta, pronto par andare in Mèrica! ... Là el zamina bem la cosa, el bapore Che fuma, le rode, i vagoni, etessètera ... / Ma, i bò, el pensava tra de elo ... par menare tutti sti caretoni ... i sirà in dele stale!

Intanto el cata on sior: - A rivederlo, sior. El diga: zelo questo el bapore Che Mena in Mèrica?

- Sicuro, Il mio ragazzo! / - El diga, e ghin vorlo tanto bò par menare sti caretoni? / - si, figuri Che la strada è di fero, quindi è gran pesante. / - E pàrteli suito par la Mèrica? / - Solo dopo mesiogiorno, intanto va casa disnare. / - Gràssie, sior, e el me staga bem [...] (Bernardi, 2009, pp. 22-23)

expondo-os a todo o tipo de exploração; muitos oportunistas se aproveitavam da in experiência do emigrante, que precisava de um lugar para se hospedar, assim como, de alimentos, até que chegasse a hora de partir; estes oportunistas lhes tiravam, em pouco tempo, quase tudo o que haviam levado anos para conquistar, até seus últimos trocados, que pretendiam lhes assegurar nos primeiros tempos no Novo Mundo.

Também Nanetto Pipetta, chegando à cidade portuária, foi destratado por um funcionário da empresa marítima que, em resposta à sua ignorância quanto ao que vinha a ser o passaporte – necessário ao embarque –, deu-lhe um pontapé. Observe-se o contraste entre a postura um tanto reverente de Nanetto ao se dirigir ao funcionário e o modo grosseiro como este lhe responde.

- Senhores patrões! Ó de casa?!
- O que é que há?
- Oi! O senhor vai bem? Diz Nanetto.
- Ora bolas! Que pretendes?
- Não quero bolas, não senhor!... Não sei se consigo fazer-me entender ... Desculpe-me o atrevimento. Vou perguntar-lhe se a América é aqui?
- Estás louco? Aqui estamos em Gênova!
- E para chegar a América que é que se exige?
- Exige-se o passaporte.
- O passa-porta?!... E poderia o senhor dar-me esse passa-porta?
- Sim, vem cá ... Vira-te, leva este pontapé e vai brincar com os burros, que eu não sou nenhum palhaço, não! (Bernardi, 1988, p. 56)³⁷

Afora a comicidade proporcionada pela desinformação absoluta de Nanetto e da sonoridade engraçada causada pelo trocadilho, este episódio traz à cena, a dificuldade de o personagem de se situar numa cidade grande, o que pode também ter ocorrido com muitos emigrantes. Nanetto não sabia onde estava e se sentia inseguro em comunicar-se, pois não tinha certeza de estar sendo compreendido. No episódio em que Bernardi o leva a perguntar a algumas pessoas, onde se encontrava, acreditando já ter chegado à América, o personagem julgava que a dificuldade de entendimento se devesse ao fato de as pessoas serem americanas e

³⁷ - Paruni? ... Olà de casa! / - Che ci è? / - Arrivedersi, sior. Stalo ben? / - Che vuoi, accidèbole! / - Sior nò, débole ... No sò se me capisso!... El me scusa se me avanso. A ghe domando se ze la Mèrica qua? / - Sei pazzo? A Genova siamo qui!... / - E par rivar in Mèrica cossa ghe vorlo? / - Il passaporto co vuole. / - Il passa porta?!... e me lo dalo elo sto passa porta? / - Sì, vien qua... Voltati, prendi e va scherzar cogli asini, Che io non sono mica um burratino io! (Bernardi, 2009, p. 28)

estarem falando a sua desconhecida língua. É bastante plausível a hipótese de que foi neste momento de permanência prolongada em Gênova que o emigrante, não o personagem, se deu conta da diversidade linguística e cultural dos milhares de passageiros que aguardavam para compor a população das novas colônias do Rio Grande do Sul.

Ainda que confuso e atordoado, o olhar de Nanetto se volta para a beleza da variedade de formas, tamanhos, cores e sons das diversas embarcações atracadas no porto. É possível presumir que essa passagem possa retratar o possível encantamento vivido pelos emigrantes ao avistarem o navio que os levaria para uma nova vida; garoto ingênuo, que mantinha o seu olhar sempre rigidamente fixado na direção de seu desejo, não contemplou a outra faceta da imensa, bela e sedutora Gênova, onde os emigrantes eram submetidos a um longo período de espera e extorsão.

[...] o grupo de emigrantes ia aproximando-se, devagarinho, do porto de Gênova.

Que lindura! Tinha o aspecto de cidade marítima. Aí havia navios enormes e compridos, muitíssimos veleiros, lanchas motorizadas, transatlânticos, barcos, gôndolas, barcas, barquinhas e barças, de todas as cores, de todos os feitios e tamanhos. Ouviam-se apitos de todos os tipos. Do cais do porto há imensa multidão de gente. Um navio está prestes a zarpar [...] (P. 60)³⁸

Transpostas as dificuldades em Gênova, os emigrantes finalmente embarcaram no navio que os levaria à América. Ali eles se aperceberam de que as confortáveis condições de viagem que lhes fora vendida pelos agentes marítimos, como alimentação farta e de boa qualidade, não se cumpriram. Pozzobon (1997) e Lorenzoni (1975), ambos imigrantes e memorialistas, descrevem a travessia: o primeiro evidencia o nojo e horror dos viajantes diante do local úmido, escuro e fétido em que se viram obrigados a permanecer por mais um mês, totalmente lotado, em total desconforto e falta de higiene; o segundo relata que, diante de tais

³⁸ [...] ise ga vissinà al porto de Génova. / Che belessa!... El párea na sita marítima. La se vedeva dei grandi bastimenti longhi ... là dele vele tantissime ... là dei baporetì, là dei piròscafi, là dele navelese, là dele gòndele, dele barche, barconi e barchete de tutti i colori, de tute Le forme, de tute Le grandesse. Se sentiva um continuo visciamento in tuti i mondi. In su la Riva ghè on pòpolo stragrandò. Uma nave gera in punto de partensa [...] (p. 30)

condições, cada qual procurou acomodar-se, colocando seus colchões sobre duas tábuas que lhes serviriam de camas ou, no melhor dos casos, nos beliches que lhes foram apontados.

[...] o navio ia distanciando-se cada vez mais. Já não se via nada mais do que céu e água e céu...
Os passageiros acomodaram-se nos seus respectivos lugares. Os ricos, em seus camarotes bem aseados; e os emigrantes pobres, amontoados de qualquer jeito, apenas com o recato trazido do seu torrão natal.
Também Nanetto dormia, apertado de todos os lados, e ia ruminando muitos planos. De quando em quando, despertava estremunhado e, depois, tornava a adormecer. Tudo isso lhe representava muitas coisas [...] (Bernardi, 1988, pp 63-64)³⁹

A narrativa de Bernardi apresenta um registro das condições em que os emigrantes fizeram sua travessia, ainda que em uma obra ficcional, não deixando passar despercebido tudo a que estiveram sujeitados os viajantes pobres, talvez porque, tenha ouvido muitos relatos dos colonos a este respeito, pois segundo De Boni & Costa (1984), os sofrimentos da travessia foram os que mais marcaram, sendo os recordados com maior intensidade e frequência que todos os demais – aqueles vividos em Gênova e os que sobrevieram, já no Novo Mundo.

Outro ponto destacado nesta passagem por Bernardi refere-se à única e constante visão de céu e água, quando já não mais se podia avistar a sua terra de referência, talvez para sempre e, tampouco, se avistava o novo destino. Quais os sentimentos e pensamentos presentes neste momento em que os viajantes se encontraram, por tanto tempo, diante da visão do vazio, em relação aos pontos de partida e de chegada? Esse momento os teria ajudado a se prepararem para a vida nova, como uma espécie de luto pela perda e a gestação de uma vida nova?

Bernardi destaca este momento, discorrendo sobre as rumações de Nanetto - em que fazia seus planos e ressalta -, que, para o personagem, *tudo isso lhe representava muita coisa...* (p. 64). Assim, o autor talvez tenha tecido uma narrativa em que os imigrantes tenham podido preencher essa lacuna discursiva com sua própria experiência, pois ele não cita o que exatamente *isso* significava para Nanetto.

³⁹ [...] La nave intanto la se slontanava sempre più; romai no se vedeva che sielo e aqua e sielo! / I passageri i se gera messi tuti a cùcio. / I siori in te le so camerete bem puito, e i poari migranti tuti inmuiciadi senza ordene, solo com quela onestà che i ga porta dal so paeseto. / Anca Nanetto el dormiva tuto strucà su, ma la mente la ghe gramolava tante robe e de tanto in tanto el se svegiava de bota, pó el se indromessava ancora e a lu ghe pareva tante robe! (Bernardi, 2009, pp. 32-33)

Prosseguindo em sua narrativa, Bernardi vai descrevendo a travessia de Nanetto e dos companheiros emigrantes, situando outro problema que causaria grande desconforto aos passageiros em geral, mal recuperados do choque inicial em relação às condições a que teriam de se submeter durante a viagem, e que, de acordo com Pozzobon (1997), fez com que se tornassem ainda mais precárias, as condições de salubridade do ambiente. O autor descreve que, pouco depois de levantadas as âncoras, há apenas uma dezena de quilômetros, teve início o “mal do mar”, causando vômitos e vertigens nas pessoas mais sensíveis.

Muito provavelmente, essas tirinhas publicadas no jornal, relativas à travessia, tenham aquecido os debates em família, nos *filós*, nas bodegas, pois certamente o leitor e seus ouvintes passaram por estas experiências, podendo então, acrescentá-las ao relato do narrador acerca das aventuras do personagem.

Em consequência daquela tempestade Nanetto passou a sentir um mal-estar geral, um desfalecimento, um abatimento, uma ânsia de vômito, uma fraqueza e, numa palavra, uma agonia tal que julgou que iria morrer. Era o enjoo, provocado pelo balanço do navio. Quase todos os passageiros estiveram mareando [...] (Bernardi, 1988, p. 69)⁴⁰

Lorenzoni (1975) e Pozzobon (1997) relatam a respeito da terrível sede que todos sentiam na viagem. O primeiro narra que a água disponível era fétida e quente e contida num recipiente de ferro; o segundo descreve tal recipiente como sendo de chumbo, em que todos eram obrigados a compartilhar um único canudo de metal para sorver a água. Pozzobon (1997, p. 66) relata que a comida era insuficiente, a carne servida, “deteriorada e fedorenta” e o feijão, cheio de bichos.

Já o personagem de Bernardi, por sua vez, foi poupado deste dissabor. Sendo descoberto como viajante clandestino, foi mantido preso numa minúscula cela durante os trinta dias da viagem, e a única coisa que lhe serviam, era um biscoitinho e um copo d’água. Bernardi não evidencia se ela era ou não, repugnante, mas em todo o caso, a Nanetto, era servida em uma caneca.

Ao meio-dia, compareceu, como de costume, o já conhecido brutamontes, trazendo-lhe o costumeiro biscoitinho e a costumeira caneca com água [...]. E assim essa penosa situação se foi prolongando por trinta longos

⁴⁰ Con quela gran borasca ghe ze capità dosso a Nanetto on mal stare, on afano, na noia, na volontà de trar in drio, na debolessa, na angonia che próprio lu el credeva da morire. / El gera el aml de maré. Squasi tuti i passageri i lo gaveva buo [...] (Bernardi, 2009, p. 38)

dias, tão longos que lhe pareciam infindáveis [...] (Bernardi, 1988, p. 70).⁴¹

A morte era uma passageira frequente nessas travessias, de acordo com o relato de Manfroi (1975); não havia médico a bordo não obstante as condições de higiene - tanto do navio, quanto dos passageiros - serem péssimas.

Bernardi não relata na viagem de Nanetto, nem doenças nem óbitos. O mais próximo que chegou sobre este tema, foi o medo que o personagem sentiu de que o capitão do navio ordenasse a sua morte. Temeroso pela sua vida, e culpado por todas as desfeitas que havia feito aos pais, ele, como sempre nestes momentos de desespero e perigo, real ou imaginário, chorou e fez promessas a todos os santos.

A travessia parece ter sido em tudo, o oposto do que lhes fora vendido. Tendo comprado a ideia de uma viagem confortável, com alimentação farta, tiveram que enfrentar - até o continente americano - tais condições e todos os sentimentos vividos em resposta àquela situação, pois não havia como desembarcar. Estava feito.

2.1 EMIGRAR OU MORRER

É bastante conhecido e propagado o afeto que os italianos nutrem pela sua terra natal, na qual, assim como a família, a religião e o trabalho são valores da máxima importância. Muitas músicas foram compostas para dar vazão à saudade que esses imigrantes sentiam de seus *paesi*⁴². Mas, apesar desse sentimento, milhões de italianos emigraram para a América. Imagina-se, portanto, que seus motivos tenham sido muito fortes, que eles tenham sido movidos por razões inegociáveis, inadiáveis, por algo da ordem da sobrevivência... Ou, como Nanetto Pipetta, o tenham feito pelo desejo de mudar de vida, enriquecer, encontrar ou fazer fortuna.

Tracemos um panorama da Itália à época da *Grande Emigração*, para que sejam visualizadas as causas do êxodo dos italianos para a América e para o Brasil,

⁴¹ Quando ze capità el medo giorno se ga presentà el sòlito omasso a portarghe el sòlito biscotin, la sÒlita aqua col sòlito bocale [...] e cosi la ga durà per trenta di longhi, longhi che no i finiva pi [...] (Bernardi, 2009, p. 39)

⁴² Aldeias, vilarejos.

em especial, o êxodo dos italianos da região do Vêneto para a região Nordeste do Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e início do XX, sobretudo quanto às causas da expatriação em massa, bem como os seus efeitos naqueles que se viram impedidos a uma convivência com seus familiares, sua gente, e de viverem na terra em que nasceram e que consideravam seu lar.

Como vimos anteriormente, a emigração já era uma prática entre os agricultores italianos, principalmente entre os habitantes das regiões montanhosas, devido às difíceis condições para o cultivo, antes mesmo da Unificação da Itália, em que geralmente homens solteiros ousavam abandonar a pátria em busca de oportunidades, e emigravam temporariamente, durante o inverno, a fim de obterem trabalho nas regiões planas da Itália ou na Prússia, Suíça, França e outros países europeus. Eles deixavam seus vilarejos, sozinhos, para proporcionar aos parentes que permaneciam na Itália, algum conforto e bem-estar.

Foi somente por volta de 1875 que as emigrações transoceânicas tiveram início, tendo como destinos mais frequentes, a América, sobretudo, Argentina, Uruguai, Brasil e Estados Unidos - momento em que os camponeses perceberam que a única opção capaz de levá-los à libertação das indignas condições de vida a que estavam submetidos, era *fazer a América*; decidiram, então, emigrar em busca de abundância e felicidade em uma nova pátria, devido à precária situação nos campos, que foi se agravando e se configurando “em estado de miséria endêmica”, segundo Franzina (2006), atingindo todos os agricultores.

Tal estado de miséria foi exacerbado pelo surgimento das indústrias têxtil e naval e pelas consequências das mudanças na agricultura, anteriores ao *Risorgimento*⁴³, as quais geraram graves crises enfrentadas pelos pequenos proprietários, que, em pouco tempo, perderam seus mercados locais para a concorrência internacional. A Itália ainda se recuperava de um longo período de lutas para se tornar um país unificado, e os camponeses, desassistidos, viviam em condições de exploração e miséria, abandono e descaso por parte das autoridades. E, diante de tamanha crise, foi preciso que algumas dezenas de milhares partissem, para que outros tivessem trabalho e alimentos.

Assim, a emigração para o Brasil lhes acenava como a única alternativa, sendo propagandeada como a certeza de que se tornariam proprietários de

⁴³ Movimento pela Unificação da Itália.

extensos e férteis lotes de terra, doados pelo governo, que também os isentava de impostos; em contrapartida, em suas aldeias, mais de uma família coabitava pequeníssimos lotes; eles eram explorados pelos patrões – os proprietários das terras em que viviam e que lhes usurpava o direito a plantar uma cultura de subsistência, além de lhes serem cobrados vários impostos, sobretaxados.

Se por lá a vida era tão difícil, o Brasil necessitava, com certa urgência, de trabalhadores europeus para substituir a mão de obra escrava, colonizar as terras do Sul e promover o branqueamento do povo brasileiro; por isso, o aliciamento foi maciço.

As sedutoras promessas feitas pelos milhares de agentes aos camponeses surtiram efeito. Diante da miséria e privação, a possibilidade de se conquistar a sonhada independência e condições dignas de vida, fez com que eles se tornassem obcecados pela ideia de partir e enriquecer.

Nanetto Pipetta, jovem emigrante solteiro, aventurou-se solitariamente em terras distantes; receptáculo e difusor do ideal de enriquecimento do emigrante italiano do final do século XIX, em consonância com o costume da época, de os homens abdicarem da vida em família, em suas províncias, pelo bem geral da família, da comunidade e, por extensão, da nação.

Assim que Nanetto chega à América, pede abrigo na primeira casa que avista, entabulando uma conversa e, faminto, pede algo para comer. Depois de alimentado, perguntam-lhe sobre como ele veio parar sozinho na América.

Nanetto lhes conta que deixara os seus em Veneza, embarcando no trem até Gênova, onde encontrou um navio e se enfiou sorrateiramente nele até ser descoberto por um cão. Por isso, passara os trinta dias de viagem na cadeia, onde nada lhe davam de comer, além de um biscoitinho diário.

Em seguida, o questionam a respeito de seus familiares e se eles aprovaram a sua partida. Ele responde:

[...] - E os teus, estavam satisfeitos com a tua saída?

Ao que ele responde:

- Creio que sim, porque a comida era escassa e eu lhes papava tudo!

- E agora que é que irás fazer?

- Sei lá eu! Quero trabalhar, fazer fortuna e, depois, voltar até à casa de minha mãe e trazê-la comigo para a América, para que possa ela também comer batatas-doce com leite. (Bernardi, 1988, p. 76)⁴⁴

Neste diálogo, vê-se a essência do pensamento reinante nas províncias italianas, na época do fluxo imigratório, em que os imigrantes aqui chegavam com o intuito de *Fazer a América*, cuja prioridade, segundo Klein (2000), era a de acumular poupança para então poder desfrutar de uma vida melhor no país de origem.

Nanetto, particularmente, não desejava voltar a viver em Veneza, pois achava a América muito melhor. Seu desejo era o de enriquecer e ir buscar sua mãe para que ela também desfrutasse das delícias do país da cocanha.

As palavras de Nanetto no diálogo acima denunciam a fome que atormentava os camponeses, que viviam em condições de miséria. E, pelas suas respostas, pode-se também observar a prática de o homem solteiro, muitas vezes, o filho mais velho de uma estrutura familiar, deixar a família para tentar a sorte em lugar mais próspero e, de lá, ajudá-la a viver em melhores condições, enviando à família as denominadas remessas que, na opinião de Alvim (1986), afastaram a possibilidade de uma rebelião social; a emigração italiana foi incentivada devido a muitos interesses (Ianni, 1973), sendo responsável pelo equilíbrio socioeconômico da nação (Alvim, 1986). De Boni & Costa (1984) revelam que se procurou favorecer a saída de homens, e não de famílias, em função das remessas e Ianni afirma que tal prática permanece ainda nos dias atuais.

Este talvez tenha sido um dos motivos pelo qual Bernardi tenha criado sua narrativa a partir de um personagem jovem e masculino, perfil da maior parte dos imigrantes italianos no período compreendido entre 1869 e 1875 (vide tabelas abaixo). Podemos observar que o número de imigrantes do sexo masculino é muito maior que o feminino. Do total dos imigrantes, somando-se os imigrantes legais e os ilegais, a porcentagem do sexo masculino é de 96,63%, contra 3,37% mulheres; a proporção entre os emigrantes solitários é de 70,24% contra 29,76% dos que emigraram com suas famílias. Ou seja, tanto no período das migrações temporárias, quanto nas emigrações permanentes, transoceânicas, predominava a saída de

⁴⁴ [...] - E i toi, gèrelì contenti che te vegnessi via? / - Mi digo de sì! Parche poço ghe gera, e mi ghe magnava tuto! / - E desso cossa feto? / - Mai!... vógio laorare, far fortuna, e dopo tornare da me mare e menarla in Mèrica anca ela a magnar patate dolse com late. (Bernardi, 2009, pp. 43-44)

homens sozinhos. Ressalte-se que estes tinham a América como destino, englobando sobretudo, Argentina, México, Brasil e Estados Unidos. Em contrapartida, as emigrações transoceânicas em grupos familiares ocorreram predominantemente para o Rio Grande do Sul, entre 1875 e 1914.

Franzina (2006) faz a ressalva de que tais dados não revelam exatamente a verdade sobre a dimensão do êxodo, pois nem todas as informações fornecidas são confiáveis, e que há diferenças entre os números contabilizados nos portos americanos e as cifras apresentadas por italianos, principalmente pela existência de legiões de emigrantes clandestinos, que partiam dos portos da França ou da Alemanha, não entrando, pois no rol das estatísticas italianas.

1) Emigrantes do Vêneto - Período compreendido entre 1869 e 1875⁴⁵

	Homens	Mulheres	Total	% Homens	% Mulheres
Emigrantes Legais	266.732	8.704	275.436	96,84%	3,16%
Emigrantes Ilegais	34.209	1.784	35.993	95,04%	4,96%
Total	300.941	10.488	311.429	96,63%	3,37%

2) Emigrantes do Vêneto - Período compreendido entre 1876 e 1901

	Partidos Sozinhos	Grupos Familiares	Total	%Sozinhos	% em Grupos
Emigrantes Vênetos	1.337.816	566.903	1.904.719	70,24%	29,76%

3) Emigrantes - Temporários e Permanentes

Período	Emigrantes	Destino	Tipo de Emigração
1876 a 1885	135 mil / ano	Países europeus/ Bacia do Mediterrâneo	Temporária
1876 a 1900	210 mil / ano	Transoceânica	Temporária → permanente (1886 em diante)
1901 a 1912	626 mil / ano	Transoceânica	Permanente
1913	872.598	2/3 vieram para a América	Permanente - 3 mil pessoas / dia útil
1861 a 1970	Mais de 28 milhões de italianos emigrados	-	-
1875 a 1914	80-100 mil italianos	Emigram para o Rio Grande do Sul	Transoceânica
1881 a 1914	7,7 milhões italianos emigrados	-	-

⁴⁵ Tabelas gentilmente confeccionadas por Nailze do Amaral Magalhães, a partir de dados extraídos de Franzina (2006) – tabelas 1 e 2; De Boni & Costa (1984); Alvim (1986) – tabela 3.

Parece que mais uma vez, Bernardi retratou a realidade vivida pelo imigrante em sua narrativa. Pode-se refletir: Como o fato de terem se aventurado sozinhos em terras distantes teria repercutido em sua autoestima e em sua autoimagem? Como tais jovens seriam vistos pelas suas famílias e pela comunidade?

Sabe-se que as autoridades italianas e as classes ricas incentivavam esta prática, pois a emigração era um grande negócio, gerando divisas e livrando o país de 24 milhões de deserdados, de acordo com De Boni & Costa (1984), incluindo-se os que retornaram tempos depois e foram repatriados pelo governo (aproximadamente 48% da população italiana do último quartel do século XX). A emigração era um mal necessário para as famílias e fonte de lucro para comerciantes, banqueiros, agentes de viagem e das companhias de navegação, e também para o governo italiano, que se eximia de procurar resolver o problema de forma definitiva, sem o sacrifício adicional da população. Em sua narrativa, Bernardi teria tido a intenção de denunciar esses abusos? E, principalmente, a narrativa de Nanetto Pipetta teria tido repercussão entre a comunidade italiana imigrada, pela revelação destes, logrando atingir um senso político de pertencimento, ainda que fosse recordando os infortúnios vividos em comum?

Em contrapartida ao costume de se incentivar a imigração de somente um homem da família, os primeiros a se aventurarem a fazer a emigração transoceânica e definitiva - com características de êxodo plurifamiliar e comunitária e total separação do seu local de origem - foram os camponeses, pequenos proprietários e meeiros da área do Vêneto, do Piemonte e da Lombardia, entre os anos 1875 e 1914, que emigraram, para o Rio Grande do Sul, como visualizado na tabela anterior, em grupos de doze a quinze pessoas.

Bernardi, em sua narrativa, retrata esta característica imigratória daqueles que vieram para a região da colonização italiana, através das famílias com quem Nanetto vai fazendo contato ao longo de suas andanças pelas matas gaúchas. Assim que foge de seu primeiro emprego, ele se mete em briga com os dois filhos do dono de uma lavoura, revelando a imigração plurifamiliar. Em seguida, chega à casa de uma família de lavradores italianos, com os quais se senta à mesa e devora a polenta, que na Itália lhe causava fastio e aqui no Brasil, depois de mais de um mês subalimentado, pareceu-lhe tão deliciosa. Continuando em suas perambulações, Nanetto chega à casa da família de emigrantes que o alimentou e o

ajudou a embarcar em Gênova – a família de Gelina, de quem Nanetto ficará noivo tempos depois.

Após 1885, os grupos familiares que emigravam eram menores, e se dirigiam para a lavoura do café. Finalmente, a partir de 1901, o maior número de emigrantes para o além-mar saiu do sul da Itália, de onde também migravam internamente, para as cidades do norte do país, à procura de melhores condições de trabalho, revelam De Boni & Costa (1984).

Em qualquer dos casos, a decisão de emigrar era coletiva, um processo de escolha de toda a família e, mesmo que emigrasse um único indivíduo, esta não era uma decisão individual. Tal decisão compartilhada talvez tivesse como consequência, a sensação de apoio familiar, fundamental para o emigrado que, sempre vivia, num maior ou menor grau, a sensação de desenraizamento.

2.2 O Adeus à Pátria

Salve! Linda América!
Ó terra querida!
Comida e bebida
De montão terás.

Imenso prazer
E a grande alegria
Com muita harmonia
Sempre gozarei.

P'ra América parto. [sic]
Adeus! Mãe querida!
Nesta e noutra vida
Vou pensar em ti!
(Bernardi, 1988, p. 49)⁴⁶

Nanetto não conseguia parar de pensar na – deliciosa – América, mote para a canção acima, que ele entoava em uma de suas brincadeiras, em que ele entra em um balde cheio d'água e se imagina viajando para a América.

O adeus que Nanetto dera a sua pátria e aos seus foi definitivo, ainda que involuntariamente, na medida em que ele não reunia condições materiais suficientes

⁴⁶ Eviva la Mèrica! / Ze grande cucagna. / Se beve, se magna / E liegri se stà.

Pi grando contento, / Pi bela legria, / Che mai passa via, / Mai pi cataro.

Adio, cara mama! / In Mèrica sento / un solo lamento. Nanetto no vien... (Bernardi, 2009, p. 21)

para retornar. Sonhava em ficar rico e voltar para a Itália - não para viver lá novamente, como muitos emigrados, mas para buscar sua mãe -, isto juntamente com o desejo de - pode-se dizer, de quase todos - voltar a viver com os seus entes queridos, fosse em seu antigo lar, fosse em uma nova pátria acolhedora, que lhes oferecia uma vida melhor e mais digna.

Fugido de casa, tomou o trem em Veneza, assegurando-se de que ele o levaria à América. Mas Nanetto não havia se informado sobre o itinerário a ser seguido, nem tampouco, a respeito de onde exatamente se situava a América. Parece que ele não tinha noção de que teria de fazer uma longa viagem e atravessar o oceano.

Depois de desembarcar do trem, Nanetto começou a andar de cá para lá e a perguntar a todos:

- Olá, senhor! Estou aqui na América? Por favor, esse senhor aí diga-me que terra é esta. Estamos aqui na América, não é? (Bernardi, 2009, p.54)⁴⁷

Bernardi retrata a dificuldade de comunicação entre os emigrantes que, oriundos de diversas províncias, se encontravam na cidade portuária. Registra também, a pressa do habitante da cidade, contrastando com o ritmo de vida nas províncias, onde os relacionamentos são mais próximos, pois todos se conhecem e fazem parte da história do local. Estão inseridos, enraizados nesta cultura, e *pertencem* a ela. Isso fica claro no episódio da chegada de Nanetto ao porto de Gênova, quando ele aborda nas ruas algumas pessoas, que lhe respondem mal, grosseira e impacientemente, o que o leva a concluir que fossem americanos e não entendiam a sua língua.

Nanetto encontra uma senhora que passava por ali e lhe pergunta se ela também é americana; e lhe diz em seguida:

-Estou indo para a América, não sei porém, se já cheguei ou falta muito.
- Também estou indo para a América [...] Ah! Eu digo o que todos dizem, que o governo já disse, o que ele dirá aos funcionários que para chegar à América gastam-se trinta dias. E desde esta manhã para cá ainda não se passaram trinta dias. [...] (Bernardi, 1988, pp. 54 a 56)⁴⁸

⁴⁷ Desmontà che el ze dal bapore, Nanettomel ga scominsià zìrar dequà e dela, domandando a tuti: - Cìo, ti, sonti in Mèrica mi? Lu, sior, el diga, par servirlo, che paese zelo questo? No semo mia in Mèrica, vero?! (Bernardi, 2009, p. 26)

⁴⁸ - Mi vago in Mèrica, ma no so as ghe son bele rivà o cossa! - Anca mi vago in Mèrica [...] Ah! Mi digo, che tuti dise, che 'l goerno ga dito, che 'l ghe dirà ai ofissiali, par dirghe ai migranti, che par rivar in Mèrica ghe vole trenta dì; e da sta matina in qua no i ze mia passadi trenta dì gnancora! (Bernardi, 2009, pp. 26 a 28).

Outra passagem na obra de Bernardi - que poderia retratar o sentimento de abandono dos imigrantes no decorrer da emigração, numa alusão à fome constante sentida por aqueles que decidiram emigrar para poder comer – a *emigração da fome*, termo utilizado por Ianni (1972) - é quando Nanetto, faminto, pede algo para comer a outros companheiros do infortúnio de estar numa cidade grande, sem referências entre si inclusive, e percebe que todos eles estão na mesma situação.

Então, Nanetto lembrou-se de sua mãe, de seu pai e de seu avô e de como eles lhe queriam bem e ele, ao invés, sempre malcriado. Recordou como eles deixavam de comer, para que ele não sofresse fome; e ele fazia-os sofrer, respondendo-lhe mal, coitadinhos!... E desabou a chorar como uma criança, prometendo à Nossa Senhora que iria ser um bom rapaz. [sic]. (Bernardi, 1988, pp. 58-59)

Esta foi talvez, a primeira vez que Nanetto sentiu, de fato, a sensação de se passar fome. Foi quando ele se deu conta de que, se até aquele momento não a sentira, isso se devia aos cuidados e proteção de seus pais, para que, ao menos ele tivesse algo para comer.

Se a emigração foi, acima de tudo, uma ocorrência dolorosa, um ato desesperado e sofrido, em contrapartida, de acordo com Franzina (2006, p. 323), eles partiam para a América “com a raiva no corpo e a morte no coração”, mas também, plenos de esperança e de expectativas.

Este momento da partida lembrava a saída para uma festa no vilarejo vizinho, com traços carnavalescos, faixas, bandeirinhas e cantorias, ou um cortejo fúnebre; evidenciava-se o alívio de se livrar de tão opressoras condições de vida e de trabalho, ou então, em primeiro plano, enfocava-se a dor de ter de deixar para trás, tudo e todos os seus afetos.

Bernardi colocou em evidência este marcante momento na vida de todo emigrante:

[...] Uma possante máquina vomitava fumaça por uma chaminé de gigantescas proporções. Havia um mundaréu de passageiros: velhos e jovens, homens e mulheres, meninos e crianças. Todos aguardavam o aviso de embarcar.

Entre eles havia os que choravam e riam, os que gritavam e conversavam e, por fim, os que cantavam [...]

Lá a gente via e ouvia um pouco de tudo. Também Nanetto sentia certo abatimento. É que, naqueles momentos, tinha na mente a mamãe, o papai e o vovô...

Já estava na iminência de explodir em choro, quando um estrondoso apito deu o sinal da partida. Um estremecimento levou-o a esquecer tudo.

- Saída!... Saída!... - bradava um marujo.

Então todo esse mundão de gente começa a movimentar-se.

Generaliza-se a vozeria. Todos se abraçam, todos se beijam, todos se despedem... Adeus! Papai, adeus! Mamãe ... irmãos, adeus!... Passai bem!...

Até a outra vista... na eternidade!... Daqui a alguns anos...

E Nanetto?!... Nanetto não se despede de ninguém!... [...] (Bernardi, 1988, pp. 60-61)⁴⁹

Para um povo afeto a demonstrações de emoções, quais teriam eles experimentado no momento do adeus? Medo, ansiedade, alívio, esperança, tristeza, saudade? E o que se passava em suas mentes neste momento?

Com extrema sensibilidade, Bernardi assinala este momento crucial para o imigrante. Também Nanetto, levado e desobediente, que levava uma vida aquém de seus desejos, nesta hora, pensou em sua família e quase chorou...

Assim como acontecia a Nanetto, era frequente o desconsolo daqueles que embarcavam sozinhos. Franzina (2006, p. 349) cita canções italianas que retratavam a solidão dos que partiam e a dos que ficavam lhes esperando: *Cara Rita ti devo lasciare* [Cara Rita, tenho que te deixar]; *No sta piandar, Catineta* [Não chore, Catineta]⁵⁰. E abaixo, a tradução de um fragmento de uma canção popular que retrata o lamento dos que se despedem:

O marinheiro está esperando
O navio está por partir
E meu amor não te lembras mais da italiana [sic]
Que tanto amor te deu.⁵¹

⁴⁹ Una machinona la fumava fora par on canon de na grandessa próprio granda e po granda ancora! / Tanta gente: veci e zóvani, òmeni e done, putei e bimbi i spetava l'òrdene de imbarcarse. / Chi piandeva, chi rideva, chi osava, chi ciacolava, chi per fin cantava [...] / là se ghe ze vegnuo in mente la mama, el popa, el nono! / Romai, romai el se meteva criare, quando uma vis-ciada spaventosa ga dato el segno de la partensa. On tramasso el ga fato desmentegare tuto. / - Partensa!... Partensa!... osava on marinaio. / Alora tuta sta zente la se move. / Tuti se ciama, tuti se basa, tuti se saluda!... Adio popa, adio mama... fradei adio...steme ben... arrivedersi!... per la eternità... da qua on par de ani... / E Nanetto?!... Nanetto no saluda nessuni! [...] (Bernardi, 2009, pp. 30-31)

⁵⁰ In: *Canti popolari vicentini, raccolti con le musiche da Vere Paiola, ordinati e annotati da Roberto Leydi, con una presentazione di Neri Pozza*, Vicenza, 1975, pp. 373-85 (apud Franzina, 2006, p. 349)

⁵¹ El marinaio lè la ch'el speta / El bastimento l'è per partire / E amor mio non ricordi pi dell'italiana / Che tanto amoré ti há porta.

Era frequente na hora do embarque, o seguinte slogan, segundo De Boni & Costa (1984, p. 95):

Morte aos patrões, e viva a América⁵²

E o canto de despedida no navio mais comum era:

Nós italianos trabalhadores
Alegremente vamos para o Brasil
E vocês, senhores da Itália
Amassem as suas pás
Refrão: Queremos comer!⁵³

Tais fragmentos expressam não apenas as emoções e sentimentos presentes entre aqueles que estão se despedindo, em muitos casos, para sempre, como também, um grito de protesto por toda a dor, humilhação, desigualdade e injustiça social. Nessa hora, talvez o emigrante se deparasse com uma espécie de dor diante da morte - de sua identidade, como agricultor de certa aldeia, da perda do contato com seus parentes, de seu modo de vida, sua língua, seus costumes, dos aromas e sabores de sua província. Morte e renascimento para uma vida nova no Novo Mundo. E, outra língua, outra gente, outros costumes, outros sabores. Outro Eu...

Como já vimos, nesta época em que os camponeses emigravam em massa para a Região de Colonização Italiana no Grande do Sul, a Itália, recém-unificada ainda estava se constituindo enquanto nação; era formada por uma população de diferentes origens e que falava muitos dialetos locais, alguns incompreensíveis entre si. Ao deixarem a pátria, os emigrantes não tinham desenvolvido um sentimento de pertencimento nacional; cada qual se sentia pertencente ao seu *paese*. Maria Catarina C. Zanini (2004) elucida que no momento da *partenza*⁵⁴, tem início um processo de identidade coletiva, em que eles se dão conta de que todos se encontram numa mesma situação – a de emigrados italianos, prestes a embarcarem numa mesma aventura – a travessia. E, ao chegarem ao seu destino - as colônias do Sul do Brasil -, estes imigrantes procuravam manter proximidade com seus conterrâneos, por semelhança de região e localidades.

⁵² "Morte ai padroni, evviva La Mérica".

⁵³ "Noi italiani lavoratori, / Allegri andiamo nel Brasile. / E voialtri d'Italia Signori, / Lavoratelo Il vostro badile", com o refrão: "Se volete mangiare". De Boni & Costa (1984, p. 95).

⁵⁴ Partida.

Foi, portanto, no Brasil, que estes emigrados se descobriram italianos. Zanini (2004) relata que, por medo das repressões a qualquer expressão linguística e cultural estrangeira em terras brasileiras, como vimos, entre 1937-1945, muitas famílias destruíram as provas de seu *pertencimento* à nacionalidade italiana – de fotos a documentos, num movimento por ela denominado “*varredura cultural*”. Este povo, revela Zanini (2004, p. 54), tido como “ordeiro, trabalhador, apegado à família e à fé” - elementos com que se constituiu “o universo simbólico dos imigrantes” - teve de manter a sua identidade estrangeira, silenciada. E assim, elementos preciosos da memória do imigrante acerca do processo imigratório e da história dos antepassados foram omitidos, “apagados” da sua lembrança e não transmitidos às gerações subsequentes.

Neste período, o clima era de medo, pois muitos imigrantes foram concretamente perseguidos, humilhados e repreendidos, simplesmente por falarem sua língua natal. Não se falava o dialeto, nem mesmo na privacidade do lar. E assim, as aventuras do popular Nanetto Pipetta, e as histórias da imigração italiana que através dele se mantinham vivas em cada tirinha, na boca e na memória dos emigrados, tiveram que ser silenciadas.

Nanetto favorecia a preservação da memória coletiva dos emigrados. Através de suas peripécias, e de sua transmissão oral, difundindo-as a todos os colonos, seus descendentes tinham acesso às aventuras vividas pelos pioneiros, na época da colonização. Nanetto foi descortinando, a cada episódio, a vida na Itália, a travessia marítima, a chegada ao Novo Mundo e os processos de adaptação e assimilação cultural vividos pelos colonos, no Rio Grande do Sul.

Talvez a maior importância de Nanetto Pipetta seja a de manter viva – ou reavivar - a memória do colono, imigrante vêneta, quanto à sua cultura, sua história, sua língua; através do personagem, seu autor pôde transmitir valores religiosos e morais aos seus leitores; colaborar com o processo de redefinição da identidade dos emigrados; ressignificar suas escolhas e experiências; e reafirmar os valores presentes em seu imaginário, suas esperanças, sonhos e utopias. Nanetto Pipetta, apesar de todos os seus desenganos, desacertos, frustrações e confusões, proporcionou-lhes, através do humor, a capacidade de encontrarem forças para perseverar, apesar de toda dificuldade encontrada.

A criação de Bernardi ganha importância para o nosso raciocínio, na medida em que - elemento de representação, como toda obra literária - proporciona ao

imigrante, condições para que, ao identificar-se com o personagem, perceba-se como um povo corajoso, que se permitiu aventurar-se em terras longínquas e desconhecidas. Um povo que não pouparia esforços, que não se furtaria ao trabalho de desbravar matas, com seus peculiares perigos (Nanetto se surpreende com papagaios, bananas, quase morre de medo de tigres e macacos, etc.). Um povo vencedor, por acreditar no sonho e conseguir retirar da terra, o sustento para os seus. De fato, muitos enriqueceram e prosperaram socialmente. Ao seu modo, teriam “*feito a América e a Cocanha*” que os impeliu a emigrar.

A lacuna causada pela varredura cultural começou a ser preenchida no centenário da imigração, na década de 70 do século XX, em que a língua e a cultura italiana passaram a ser resgatadas pelos descendentes (com o apoio do governo italiano, e já neste momento, com o assentimento do governo brasileiro), ocasião em que muitas famílias recorreram ao que Zanini (2004) denominou de *memórias em construção*, ou seja, ao processo de remontarem suas histórias familiares e trajetórias de origem, usurpadas pela ocorrência de tal movimento.

Considerando-se a memória como um processo, constatamos que, assim como a linguagem, ela é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas, de acordo com Portelli (1997 a).

Ecléa Bosi (2003) ressalta a necessidade de enraizamento e esclarece que é do vínculo com o passado que se extrai a força para a formação de identidade, e que as fontes de outras épocas repropõem questões sobre o presente. A este respeito, podemos refletir que Nanetto Pipetta, escrito cinquenta anos após a vivência traumática dos pioneiros, foi um agente deste processo. Através dele, Aquiles Bernardi reavivou memórias, incentivou reflexões e trocas e abriu um canal de comunicação intergeracional acerca das vivências destes pioneiros, trazendo à cena, as raízes da identidade dos imigrantes e seus descendentes. Nesse aspecto, vale lembrar a advertência de Marc Bloch (2001, apud Ewald, 2005 b), de que os fatos históricos “são por essência fatos psicológicos”.

Na criação de seu personagem, Bernardi teve a oportunidade de “colher testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época” (Bosi, 2003, pp. 16-17), ao ouvir as conversas e as experiências dos emigrados, traçando, através da ficção, um retrato da realidade destes imigrantes nos tempos da colonização.

Sabe-se que muitos deles vieram para cá iludidos e que não encontraram algo parecido com o que vigorava em seu imaginário. Mesmo assim, um grande número deles permaneceu; alguns prosperaram e fizeram fortuna; outros prosperaram e retornaram; outros tantos desistiram e retornaram logo no início. Aqueles que aqui ficaram tiveram que lidar com uma questão subjetiva muito importante: como restituir as suas perdas, todas? O que fizeram com as lembranças de seu passado em sua pátria-mãe? Como perceberam seu presente e imaginaram seu futuro neste Novo Mundo, agora vivenciado no âmbito da realidade? Em que medida os rituais e a memória social os auxiliou em relação à sua vivência de desenraizamento?

Procura-se encontrar algumas destas respostas tomando-se como apoio o artigo de Olgária Mattos (1992), *Memória e História em Walter Benjamin*, e a obra de Luiz Felipe Baêta Neves, *As Máscaras da Totalidade Autoritária* (1988), na qual o pesquisador encaminha reflexões acerca da “Memória Migrante”.

Mattos (1992) declara haver uma relação com o passado na qual se exerce a função de esquecimento, reparação, cicatrização e de restituição das perdas daquilo que não se desejou perder; ela aponta que Walter Benjamin dizia haver ao menos duas maneiras de nos referirmos ao passado: uma, em que se retorna ao passado através da identificação ou da repetição; e outra, pela construção. Talvez os caminhos destacados por Mattos, sejam apropriados aos imigrantes, que vivem um característico desenraizamento.

Referindo-se à “Memória Migrante”, Neves (1988, p. 150) declara que se imagina que *tudo* proveniente do passado, possa vir à tona no presente, e a qualquer momento [grifo do autor]. O autor também afirma (1988, p. 154) que a *memória social* deseja ser “implementadora da *conservação* como suposta prática de vida”, e que, em tal desejo de conservação em relação à migração encontra-se uma ambivalência, pois esta é “um conjunto de práticas e disposições destinadas à *destruição* de um passado”. A *memória social* existe como lembranças reconhecíveis por um grupo como sendo “suas”, a qual tem o intuito de preservar e expressar da identidade cultural e social de seu povo – ou de uma parcela dele -, e possibilitar a continuidade da memória, o que se dá em situações ritualizadas.

Neves aponta como um problema dessa ideologia da visibilidade, o fato de que ela é um obstáculo ao conhecimento do esquecido social, o qual pode ser

definido como um acervo inconsciente de fatos e seu agenciamento, que mesmo ocultos, permanecem em ação, existindo ainda que apenas potencialmente.

Em relação à ‘memória emigrada’, especialmente para os primeiros tempos e primeiras gerações, observa-se um contraste “entre as ideologias de conservação da herança e as ideologias de adaptação ao novo”, declara Neves (1988). O autor ainda refere que o grupo emigrado permanece em seu novo país ou nova região devido à vitória das “ideologias da adaptação”, como mostra Bernardi em sua narrativa, fazendo com que seu personagem, compare, inicialmente a América com a sua Veneza, e eleja a primeira como seu habitat definitivo. A inserção na nova situação não leva ao esquecimento do passado; ao contrário, pode-se lembrar muito o passado, ou mesmo aspectos do passado que são avessos à nova condição de vida – como uma maneira de reequilibrar uma situação exterior que seja ameaçadora, difícil, tanto no imaginário quanto nas ações grupais. Nanetto, sempre que em apuros, lembrava-se de sua família e da vida que levava junto a ela.

A memória migrante possui, pois, a tendência tanto de se ocupar do passado, quanto de valorá-lo positivamente. Assim, paisagens e passagens do passado são “invocadas e reiteradas como signos de felicidade, de familiaridade”. Seria este o motivo pelo qual os imigrantes italianos expressavam tamanha paixão pela Itália?

E, toda vez que um migrante evoca o seu passado, ele tem consciência de que é um migrante, ou seja, de que ele não está em “seu” país, e que “as comidas, ritos, etc. não estão sendo feitos ou consumidos em seu contexto originário, como se pode observar em relação ao preparo da polenta na Itália e no Rio Grande do Sul, onde se utiliza farinha de milho; ele se conscientiza, então, de que seus bens culturais anteriores, que estão preservados, estão ocorrendo em uma realidade histórico-cultural diversa.

Tais proposições configuram pontos fundamentais para o encaminhamento desta dissertação, uma vez que tratamos aqui, dos registros que construíram a identidade dos imigrantes italianos, em seu expatriamento, com todas as circunstâncias que envolvem suas lembranças, suas referências inconscientes e suas incorporações à nova pátria, onde lacunas da memória coletiva se abrem e se fecham na construção de uma nova identidade, na qual ele deixa de ser, continuando a ser; naquela que ele passa a ser e a que transmite aos descendentes, consolidando uma identidade que abrange elementos híbridos e participa na nova terra, o Brasil, da identidade do próprio país, que por sua vez, já tem como caráter

básico em sua identidade, o hibridismo, composto de lembranças, de memórias, trazidas pelo europeu, pelo africano e ainda herdadas dos povos indígenas. Assim, o imigrante europeu tem que esquecer para poder construir.

Os imigrantes italianos apresentam esta necessidade de preservar o passado, seja através da manutenção de reminiscências pela tradição oral, seja pelas situações rituais, pela alocação em certas regiões geograficamente delimitadas, ou ainda, pela conservação da língua e dos costumes de sua cultura de origem. Seria este um dos motivos de tamanho sucesso de Nanetto? A preservação da memória, mantendo sempre na lembrança dos imigrantes e seus descendentes, as aventuras dos pioneiros? Sua popularidade teria também como causa, certa colaboração para o sentimento de identidade coletiva e pertencimento a um grupo?

Weinrich (2001) declara que o homem está naturalmente sujeito à lei do esquecimento e propõe o exame das diversas metáforas deste que se relacionam com a memória. Lete é o rio do submundo que confere esquecimento às almas dos mortos. Nessa imagem e campo de imagens, o esquecimento está inteiramente mergulhado no elemento líquido das águas. Há um profundo sentido no simbolismo dessas águas mágicas, em que, no seu macio fluir, desfazem-se os contornos duros da lembrança da realidade, e assim são *liquidados*.

[A água daquele grande mar
É a água do esquecimento ...]⁵⁵

A memória pode ser descrita como uma paisagem, e a metáfora do esquecimento a associa aos locais ermos, como os terrenos *arenosos*, em que é *desmanchado pelo vento*, aquilo que deve ser esquecido. Pode, também, ser descrita como um armazém; neste caso, quanto mais fundo descermos a esses porões, mais próximos de obter o esquecimento. E, ainda, talvez o esquecimento seja apenas um *buraco na memória*, dentro do qual cai algo, ou *do qual algo cai* – e a expressão seria *cair no esquecimento*.

O esquecimento que está escondido ou abrigado na profundidade é escuro, e pode ser “*esquecimento trevoso*” (Schiller), ou “*esquecimento sombrio*” (Victor Hugo). Mesmo em campo aberto e na luz do dia, o esquecimento é escurecido por

⁵⁵ L'acqua di quel gran mare è l'acqua dell'oblio...

nuvens (Píndaro) ou por névoa (Jorge Semprún). E isso não precisa necessariamente ter conotação negativa.

Aquiles Bernardi criou uma situação tal, que Nanetto viajou preso num pequeno espaço, durante os trinta dias da travessia, sugerindo que este espaço fosse apertado e escuro. E Nanetto, enquanto viajava nestas condições, talvez fosse se esquecendo de sua pátria, dos familiares, da fome diária. Para ser feliz na nova terra, era preciso desapegar-se da antiga.

A mais eficiente de todas as imagens e comparações do esquecimento vem de um mito dos primeiros tempos gregos, onde *Letes* é uma divindade feminina que forma um par contrastante com Mnemosyne, deusa da memória e mãe das musas.

Os autores antigos concordam em que as almas bebem as águas do Lete para, esquecidas de sua existência anterior, fiquem livres para renascer em um outro corpo. Nesta linha de raciocínio, o imigrante se beneficiaria deste processo de esquecimento de seu passado, para que pudesse se vincular a um novo meio, viver uma nova vida.

Do esquecimento se deseja cura e ajuda, quando dor e sofrimento oprimem um mortal. Weinrich (2001) afirma que poder esquecer sua desgraça já é metade da felicidade.

Mais uma vez, podemos pensar nas duras condições de vida dos camponeses do vêneto, famintos, subnutridos, explorados, mal-remunerados e destratados pelos seus patrões; na fome de milhões de europeus, que perdurou por séculos. Podemos inferir o bem que o esquecimento de seu passado poderia lhes proporcionar. Podemos supor, também, o quão reconfortante poderia ser não mais sentir a saudade de casa, dos seus parentes, dos amigos, dos cheiros, cores e sons da sua cidade, de seu clima, sua música, seus sabores, sua língua. Talvez fosse menos doloroso, esquecer para recomeçar, para aceitar o novo e refazer sua vida.

A Memória Coletiva, descrita por Maurice Halbwachs nos anos 20, tem como conteúdo, o fato evidente de que uma memória individual não é própria de um só indivíduo em todos os seus aspectos, mas formada junto com outras memórias sociais, segundo costumes de cada família, paisagem, classe, religião, grupo profissional e outros agrupamentos sociais.

Na Itália, na época das emigrações temporárias, pais saudosos de seus filhos e queixosos do esquecimento deles - que os deixavam sem notícias - poderiam ser consolados se soubessem que os e/imigrantes precisam esquecer, por defesa

psíquica, não exatamente seus genitores, afetos e cultura; mas que eles estão incluídos neste processo, uma vez que não se consegue filtrar o que exatamente, se quer manter, daquilo que se quer desvencilhar mnemonicamente; não se consegue fechar-se para a dor, sem perder certa capacidade de desfrutar o prazer. Esquecendo-se da dor contida em seu passado, vão também ficando soterrados na lembrança, também, os conteúdos queridos e prazerosos.

Mas, a memória também pode apresentar a narração como estratégia bem-sucedida, de acordo com Walter Benjamin (1983). Assim, na tradição oral, o narrador colhe aquilo que narra na experiência, própria ou relatada, e transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história.

E, quanto mais plenamente as histórias se conformam à experiência pessoal daquele que as narra, maior é sua satisfação em voltar a contá-las. Esse processo de assimilação, que se desenrola em camadas profundas, precisa de um estado de descontração cada vez mais raro. Narrar histórias, segundo Benjamin, é sempre a arte de continuar contando-as. Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, mais fundo se grava nele, a coisa escutada.

A *lembrança* instituiu a corrente da tradição que transmite o acontecido de geração a geração. Ela funda a rede que todas as histórias interligadas formam no final. Uma história emenda na outra. Memória perenizante do romancista em oposição à memória de entretenimento do narrador. A primeira é consagrada a *um* herói, a *uma* odisseia, a *uma* luta; a segunda, a *muitos* acontecimentos dispersos. Em outras palavras, é a *recordação* que, enquanto musa do romance, se alia à memória, musa da narrativa.

Halbwachs (1990) afirma que se nossa impressão puder apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. Mas - ele aclara - nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais somente nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque sempre os temos conosco e em nós. Talvez um grande número de lembranças reapareça justamente porque nos são recordadas por outros homens; e quando eles não estão materialmente presentes, talvez possamos

falar em memória coletiva ao evocarmos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo, que considerávamos - e ainda consideramos neste momento, em que nos lembramos - de um ponto de vista desse grupo.

Na tradição europeia do século XIX e em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, sendo a memória nacional, a forma mais completa e mais fortemente constituída de uma memória coletiva e estudá-las implica preliminarmente a análise de sua função.

Enquanto operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, a memória se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes, como igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. E, principalmente, o que está em jogo na memória é o sentido da identidade individual e do grupo.

Assim, o esquecimento do passado europeu, deixando no inconsciente coletivo do grupo emigrado - e que seria depois transmitido aos seus descendentes - atávicas maneiras, reveladas assistematicamente, na fala, nos gestos, nos pontos de vista, na direção de vida, na linguagem, através de brechas, de falhas que lhes permitem escapular, como se, sem querer, “vazassem”.

Os e/imigrantes tiveram que esquecer um imaginário europeu já formalizado, com produtos manufaturados (moedas, doces, roupas de seda, etc.) e se amoldar a uma realidade cujos bens eram de ordem natural. Era preciso que um novo imaginário, uma nova identidade, um novo mundo fosse construído. O Novo Mundo existia; embora novo para eles. E, para eles poderem “fazer” o Novo Mundo, teriam que trabalhar para construir e amoldar ao seu imaginário, a posse desta terra, ou seja, era preciso apossar-se da *realidade* dessa terra.

2.3 O NOVO MUNDO

[...] Finalmente, numa linda manhã, ao nascer do sol, Nanetto avista lá longe no horizonte, como que tocando o céu, uma faixa de terra marchetada de pequenas montanhas.

- Não será isso a América?!

Estremeceu-lhe o coração e sentiu, da cabeça aos pés, uma espécie de arrepio... A imaginação começou a fervilhar-lhe na mente.

A AMÉRICA!... Essa América tantas vezes sonhada!...A América, país da "cocanha"!... país dos divertimentos... país da lua sempre cheia... país, enfim, rico de todos os bens!...

[...] A terra já estava bem próxima. Via-se algum casebre, perdido no mato. Afora isso, só se avistava um cerrado fechado. O navio prosseguia o seu caminho, costeando e aproximando-se da terra firme... Foi quando um marujo gritou: RIO GRANDE!

Também Nanetto arregala os olhos para enxergar esse Rio. Mas quê? Nem sinal de rio! Ao invés, havia umas poucas habitações espalhadas. As casas, quase todas, eram baixas e cercadas de laranjeiras. Apareciam, ainda, um que outro cavalo, alguns bois e uma jumentinha atrelada a uma galeota e, por fim, algumas crianças, que estavam brincando.

- E as "cocanhas"?! - Nanetto perguntava a si mesmo. Esta não pode ser a América, não!... (Bernardi, 1988, p. 71)⁵⁶

É extraordinária esta descrição de Bernardi sobre a primeira visão que o emigrante teve do Brasil, quando o navio foi se aproximando da costa. O autor deixa expressamente marcado, o contraste entre o sonho de Nanetto, de sua representação de como seria a América, e a realidade avistada. Nanetto não pôde acreditar que a América - país da Cocanha, com suas praças cheias de doces e arbustos de moedas, onde as crianças vivem brincando, saboreando guloseimas e doces de toda espécie, e podendo tomar para si, quantas moedas quiserem - fosse esse matagal, com poucas casas e uma meia dúzia de animais!... Veja-se que, doces, moedas e guloseimas são elementos próprios da cultura e do imaginário europeu que, na obra, são aplicados a uma realidade completamente diferente. Era de se esperar o estranhamento, a desilusão causada por essa disparidade de realidades. O europeu vinha com uma concepção própria do seu mundo, não concebendo o que de fato, encontraria – *outra* realidade, não organizada de acordo com a estruturação de sua aldeia.

⁵⁶ Finalmente, na bela matina, al spuntar del sole, el vede làaa in cao fondo... bem tacà al sielo, el vede una strissa de terra con dei montesei. / - Che la sîpia la Mèrica?! / On sussulto el ghe ga fato trèmare tuto el sangue, e el pel de oca el ghe ze passa in tuto el corpo. / La Mèrica ... che tante volte el gaveva sognà... La Mèrica?... el paese dele cucagne!... el paese dei divertimenti, el paese de la luna sempre piena, el paese insoma de tuti i beni!... / [...] Romai la tera gera vegnesta ben rente. Se vedeva qualche caseta persa tel mato, seno... tuto Bosco... Camina, camina costeando e visinàndose sempre pi a la terà; finalmente um marinaio ga osà: Rio Grande! / Nanetto el osserva anca elo par védare sto Rio, e gnente?... Inverse el ga visto on poche de case sparpaiade; squasi tute case basse in medo a le naransare; qualche cavalo, dei bò, on careto tira da na musseta, dei putei che dugava... / - E le cucgne!... pensava tra de elo Nanetto. Questa no ze la Mèrica èh!... (Bernardi, 2009, p. 39)

E quanto a todos aqueles emigrantes que passaram um mês ou mais apertados num navio desconfortável e insalubre? Quais teriam sido suas primeiras impressões do Rio Grande? Seus pensamentos e sentimentos nesta hora? Eles que, tendo decidido desfazer-se de seus bens e despedir-se, em definitivo, de seus afetos e sua aldeia - para recomeçar num país tão distante que não permitiria arrependimentos, ao menos imediatamente, para reconstruírem suas vidas e se enraizarem num país decantado como local exuberante e fértil e que os acolheria com toda infraestrutura já montada - se depararam com uma paisagem como aquela descrita por Bernardi. De Boni & Costa (1984) afirmam que, se a viagem foi um estorvo, sua chegada não foi menos difícil; e que, para a grande maioria dos emigrados italianos, a América, representou o aumento das privações e não o seu esperado fim.

Chamamos a atenção para esses pontos, pelo lado humano da questão, presumindo o forte impacto que estas pessoas vivenciaram ao longo de toda a trajetória imigratória. O que os ajudou a enfrentar a situação, foi a sua forte fé em Deus, a sua determinação e gana de vencer; mas alguns deles, mais sensíveis talvez, jamais se refizeram do choque, sendo que muitos se deprimiram ou apresentaram outros transtornos mentais.

E, anos mais tarde, quando tiveram oportunidade de entrar em contato com as impressões iniciais de Nanetto ao avistar estas terras, o que teriam sentido? Em que medida, esses pensamentos e palavras proferidas por Nanetto teriam espelhado as vivências destes imigrantes? Quantos depoimentos foram suscitados por esta tirinha de Nanetto? Conversar sobre as frustrações, sobre os prováveis sentimentos de vergonha e arrependimento por uma escolha que a princípio poderia parecer equivocada e irremediável, trocar experiências sobre isso tudo, algum tempo depois, provavelmente os ajudou a liberar a dor que ainda estivesse guardada em si e a cicatrizar feridas.

Através do humor contido na obra, da força e da sinergia do grupo, enfim, do movimento coletivo que envolveu praticamente todos os colonos, infere-se que a obra de Bernardi pôde ter agido como um fator que possibilitou a essas pessoas superarem suas vivências traumáticas, em decorrência do sentimento de desamparo pela desilusão relativa às condições da viagem e às encontradas ao chegar à América, aliado à sensação de ameaça à própria vida e a de seus familiares. Pode-se, então, visualizar a ação da literatura sobre a realidade, em que as pessoas da

vida real têm uma experiência possibilitada pela obra. Desta forma, poderíamos inferir que a obra literária é de grande importância como elemento de estímulo ao homem de poder - pela arte - lidar com sua realidade, questionando se teria a obra de Bernardi, atuado como um elemento estimulador para que o e/imigrante pudesse, através do mundo da fantasia, do fantástico, do mítico, do imaginário, viver um processo experiencial que o levasse a uma catarse.

Mas, exatamente quantas eram estas pessoas? Os primeiros imigrantes com saída registrada pelo governo italiano chegaram ao Brasil em 1871, e os que vieram para o Rio Grande do Sul, chegaram entre 1875 e 1914, totalizando entre 80 a 100 italianos, no período entre 1875 a 1914, conforme tabela 3, na página 76.

Recordemos que Bernardi publicou as tirinhas de Nanetto no jornal entre 1924 e 1925. Ou seja, entre dez a 49 anos da chegada dos emigrados. E o maior impacto foi vivido, obviamente pelos pioneiros, a quase cinquenta anos do início da publicação das aventuras de Nanetto, quando eles se preparavam para comemorar o Cinquentenário da Imigração Italiana para o Brasil. Assim, as aventuras de Nanetto podem ter sido o mote para reavivar a memória coletiva dos imigrantes habitantes da Região da Colonização Italiana do Rio Grande do Sul, proporcionar certa catarse coletiva e, além disso, contribuir para a transmissão histórica, cultural e existencial para os que chegaram posteriormente, bem como para os descendentes.

Historicamente, a imigração italiana foi um capítulo importante também para a realidade brasileira, cujo governo tinha fortes motivos para incentivar e financiar a vinda dos europeus, como a promoção da agricultura e a ocupação da terra; o branqueamento da raça; a organização de um exército que cuidasse da defesa nacional; a criação de uma indústria nativa; a necessidade de se substituir a mão de obra escrava com o processo da abolição da escravatura em curso. Por outro lado, a crise vivida pela Itália naquela ocasião levou grande parte de sua população a emigrar, atraída pelo projeto colonizador do governo imperial, que lhes proporcionaria a realização do desejo de possuir suas próprias terras. Talvez o que eles não soubessem quando partiram para conquistar seus sonhos, é que eles estavam a serviço de propósitos econômicos de ambos os países.

Retomando o relato acerca dos momentos iniciais da chegada do imigrante ao Brasil, verifica-se que Bernardi escreveu uma narrativa de ficção que retratava o processo histórico da cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul, extraindo certos traços de seu contexto real, que foram representados no universo de ficção.

Considera-se, pois, que a história e a ficção são aproximações da realidade, feitas a partir da narrativa, a qual, de acordo com Ecléa Bosi (2003), é a via de acesso ao ponto de articulação entre a História e os fatos da vida cotidiana.

A descrição feita por Bernardi, na ficção, da primeira visão que os imigrantes tiveram, ao aportar no sul do Brasil é muito semelhante à descrição feita pelo memorialista Lorenzoni (1975), no momento em que chegou ao Brasil.

Na narrativa de Bernardi, tem-se que:

[...] Nanetto foi confiado a uma leva de imigrantes, que iria passar por São João do Montenegro, com destino às Colônias de Caxias, Conde D'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves), etc.

A estrada, porém, que conduzia até a essas Colônias estava em péssimas condições: estreita, lamacenta, pedreguenta e esburacada.

Foi uma viagem deveras penosa. [...]

A comida era escassa.

Dinheiro ele não tinha. O Governo dava um pequeno subsídio, mas isso não resolvia a precária situação dos imigrantes.

Finalmente, quando aprouve a Deus, acompanhados de privações e sofrimentos, chegaram às suspiradas Colônias... (Bernardi, 1988, pp. 135-136)

[...]

Quando Nanetto foi embarcado em Porto Alegre com destino à Colônia Italiana, supunha tratar-se de uma região parecida com a de Veneza, onde iria encontrar o bem-estar com casas, estradas, pontes e as demais coisas. Pois sim!...

A subida da serra levou uma porção de longos e intermináveis dias! Até pareceram a Nanetto mais longos do que aqueles que passara na cadeia do navio, sem contar os dias antes do seu embarque.

A primeira etapa da viagem até São Sebastião do Caí, foi feita num lanchão sem motor. Quanta fadiga! Quanta trabalhadeira! Todos tinham de se revezar no remo. Ouviam-se os brados: Força! Vamos! Avante!... A comida era pouca e o trabalho era muito. Mas quem não queria trabalhar, não ganhava comida nenhuma...

Após a chegada em São Sebastião, começava a segunda etapa daquela fatídica andança... Então, cada qual, agarrando a sua trouxa, se põe a andar a pé por um caminho íngreme. As mulheres carregavam suas crianças; e os homens, seus trastes. Não havia bestas de carga [...]

(Bernardi, 1988, p. 136)⁵⁷

⁵⁷ [...] Pò dopo i lo ga intradà co la migrassion verso San Gioan par vègnare te le colònie taliane de Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabela etc. / Ma par vègnare in suso ste colònie le strade gera brute, strete, piene de fango, de sassi e de busi. E ze stà on viaio nefando. / [...] Da magnare ghin gera pochetin. / Soldi no el ghe ne aveva. El governo ghe passava calcossa, ma magra la gera. / In fine dopo tanto tribulare, co ga piasso al Signore, i ze capitadi te le colònie!

[...]

Prosseguindo com o relato acerca das estórias e impressões que os pioneiros tinham para contar aos seus descendentes e aos recém-chegados, o contato com as matas e as florestas brasileiras assombrava seu imaginário, desde o momento em que decidiram emigrar e se preparavam para partir, segundo Maestri (2001). A densa floresta simbolizava para eles, o espaço não civilizado e lhes evocava, material e simbolicamente, o caráter inculto e selvagem dos territórios americanos, que deveriam ser desbravados por eles. Na Itália dizia-se, e se diz até hoje, que nas matas brasileiras havia animais e índios selvagens, além de cobras venenosas, macacos e papagaios.

Em sua narrativa, Bernardi revela a reação de Nanetto Pipetta, diante dos papagaios e macacos, atestando o temor daqueles imigrantes:

No clarear do dia, um bando de papagaios andou sobrevoando por lá. Nanetto, não conhecendo ainda tais pássaros, julgou serem águias americanas. Amedrontado exclama:
- Santo Antônio, que perigo! Que perigo! Meu Deus, eu vos recomendo a alma e a minha pele! Nossa Senhora, ocultai-me e fazei que essas perigosas águias não me enxerguem, a fim de que eu possa retornar e rever minha mãe! (Bernardi, 1988, p. 89)⁵⁸

Na ficção, Nanetto, em seus primeiros dias no Brasil, assim como provavelmente ocorreu com os imigrantes, nos primórdios da colonização, ouvira muitas estórias acerca dos tigres, dos bugres⁵⁹, mas tinha certa vergonha de perguntar o que exatamente, eram esses seres... Não querendo revelar sua ignorância aos companheiros, ele lançou a pergunta:

Quando sto toso i lo ga imbarcà in Porto Alegre, par vénare in te la colônia italiana, elo el se ,aginava che el fusse on paese come a Venèssie, co tute le so comodità de case e strade e ponti e via te sètara. Sì, sì! / Par vèganre in suso ghe ga volesto na mùcia de giornale longhe, ma longhe! E pó pi longhe de quele che el ga passa te le càlsere del bastimento, fora le prime! / In prinsìpio i ze vegnesti tel baporin senza machine, fin a San Bastian. Che fadighe! Che strusti!... Tuti ghe tov=cava ramenare; e su!... e vai... Magnare poço e laorare tanto, seno no i ciapava gnanca quel poço?! / Rivadi a San Bastian, Nantra vita... Lora tuti ga ciapà el fagoto e via!... a pie su par na strada. Le done portava le so crature, e i òmini le robe. Bèstie par cargare no ghinaveva! [...]
(Bernardi, 2009, p 92)

⁵⁸ In sul far del giorno na gran trupa de papagai passava par dela via. El Pipetta no gaveva gnanca pràtica de ste bèstie. El pensava che Le fusse àquile mericane.

- Santantoni che pericolo, che pericolo! Signore, vè ricomando l'ànema e la me pele! Maria Vèrgine, scondime Che no Le me veda ste brute àquile ca possa tornare dala mama! (Bernardi, 2009, p. 53).

⁵⁹ Bugre: nome depreciativo que se dá ao selvagem do Brasil. Bugres: Índigenas não civilizados e ferozes do Brasil, principalmente os de origem tapuia. [dicionário virtual Michaelis].

- Será, então, que esses Bugres nos vão comer?
- Vão, sim! Os rapazes, então, será difícil que lhes escapem.
- Se eu tivesse aqui a minha pistolinha! - pensava ele - eu iria mostrar-lhes!...
- Queres mesmo saber?... Pois, os Bugres são gente do mato.
- Gente do mato?!
- Sim, do mato. Eles ao nascerem, são maiores do que tu [...]

[...] Em dado momento, lançando o olhar para uma árvore, divisa na ramagem uma porção de animais de pelo avermelhado, que soltavam rugidos pavorosos.

Nanetto, em talas, arrepiou-se todo! De susto o sangue regelou-se-lhe nas veias. Ficou, completamente, imobilizado.

- Querido Santo Antônio! Nossa Senhora do Socorro! Ajudai-me! Os bugrinhos! Os bugrinhos!...

Soltou, aí, um berro tão medonho que os "bugrinhos", espantados, começaram a despencar pela árvore abaixo.

Ao notar essa manobra, Nanetto abandona aí o podão e dispara, berrando, chorando e gritando:

- Socorro!... os bugres vão pegar-me e devorar-me! Socorro!... E lá vai ele correndo a toda disparada...

Mas, perto do caminho havia uma enorme ave. E Nanetto, passando por lá e gritando como desesperado, espantou-a.

- Fru...fru, fru, fru... E lá se foi ela esvoaçando. E Nanetto:

- Não me pegues! Não! Não!... E, embrenhando-se no mato, por outro lado, foi correndo, disparando e gritando sem parar: Socorro! Socorro!

Até que enfim chegou ao barracão dos imigrantes.

As mulheres, com esses gritos, saem-lhe ao encontro. Nanetto, ainda, continuava a gritar. Os Bugres! Os Bugres!...

- Onde estão eles?

- Eles estão me acossando! Eles me vão devorar!...

- Minha Nossa! Fugamos, fugamos, porque estamos perdidas! Mas, tu os viste?

- Eu vi, sim. Eram muitos e começaram a perseguir-me. Vamos embora! Vamos embora daqui!... Eles nos devoram a nós todos!... (Bernardi, 1988, pp. 143-144)⁶⁰

⁶⁰ I búlgari!... Cossa zeli sti búlgari? Diseva Nanetto. E pó el pensava... el pensava cossa che i podesse èssare, e no el ghin dava fora... E dimandarghe ai altri el se vergognava, parché elo!... vegnuo in Mèrica prima!... e che longo sto viaio el ghe la contava de questo e de quello... e el ghe la dava da intèndare a tanti! [...] E lora, el diseva: - Ne magnarali sti búlgari!? / - Se i magna!... I Tosi pó, quei sirà fadiga chei possa scamparghe. / - Se gavesse el me rivòlgite!... el pensava, a volaria mostrarghe mi! / - Votu savere?!... Ibúlgari ze òmeni de amto. / - Òmeni de mato?! / - De mato. Lori quando i nasse i ze pi grandi de ti. [...] E el vardà su par na piantona e el vede na rmùcia de bèstie tute rosse che le rudava cofà el demônio. / Nanetto el ze resta impalà!... Tuto el sangue se ga ingiassà te le vene. No el gera pi bon da móvarse... / Santantônio, Madona giuteme!... I bulgareti ... i bulgareti! / E el me te mola on sigo... ma tanto grandò, che tuti i bulgareti spauradi i se mete a saltare zo dela pianta. / Co el ga visto cosi!... impianta là el ronconzigno e via urlando, piandendo e sigando.... / - Aiuto!... i búlgari me ciapa, i búlgari me magna!... Autooooo!... E via!... / Ma anca tornando indrio da rente la strada no ghe iera on oselasso. Nanetto el passava par dela bordelando come on desperà. / - Fruf... fru, fru, fru... Via anca l'oselon. E el toso: -No ciaparme! Nò!...nò!... e drento pal mato dal altra parte;e via!... e curi, sempre osando... / - Aiutooo!... aiutooo!... finché el ze Riva al baracon. / Le 'femene ghe va incontro. Nanetto l' osava ancora: - I búlgari!...i búlgari!... / - Andove zeli? / - I me core driol!... i me magna! / - Biata Vèrdeme, sampemo! Scampemo!... ca semo persi! Li gheho visti? / - Sì i gera tanti e i se ga metesti a córarmendrio! Andemo!... via!... via!... I ne magna tuti! [...] (Bernardi, 2009, p. 98)

Maestri (2001) oferece um contraponto à difundida visão de que o colono estava só e abandonado no meio da floresta, o que teria causado trauma em muitos imigrantes. A sua explanação relativiza essa distância entre os colonos, alegando que cada qual se encontrava a apenas algumas centenas de metros dos seus vizinhos, que também desbravavam seus lotes coloniais. E a distância das sedes era de “apenas algumas *horas de caminhada*” [grifo meu], e que o sentimento inicial de isolamento entre os colonos recém-chegados deve ser considerado tendo como referência, a concentração habitacional vivida anteriormente em suas aldeias, em que mais de uma família coabitava pequenos lotes. Além disso, o autor argumenta que o sentimento de isolamento relativo, vivenciado pelas famílias em suas propriedades, devia-se ao contraste entre as grandes extensões das glebas coloniais e as parcelas agrícolas da Itália.

Pode-se relativizar também este contraponto oferecido pelo autor, pois se tratam de *algumas horas de caminhada* em meio à mata fechada, cujas estradas se encontravam em péssimas condições, e num tempo e lugar em que provavelmente não havia à disposição, recursos em caso de acidentes, nem assistência médica, soro antiofídico e antirrábico, curativos e remédios, ou seja, eles viviam à mercê da própria sorte, sem socorro de espécie alguma.

Lorenzoni (1975), relativamente ao momento da chegada, relata que ao desembarcarem em uma “ilha deserta”, chamada Santa Cruz, 1500 pessoas e seus pertencem foram deixados à própria sorte. Para que pudessem chegar à nova Colônia, tinham que fazer uma travessia de cerca de cem quilômetros, até chegarem à Santa Maria, de onde se podia avistar a cadeia da Serra Geral. Somente no dia seguinte, partiram em carroções para a colônia, viagem que durou cerca de oito dias, até chegarem à entrada do bosque, pelo qual caminhariam até seu destino.

Entramos no dia seguinte no bosque, numa estrada (se estrada se podia chamar) de inferno: buracos e barro que os pobres animais afundavam até quase à barriga [...] enquanto seguindo-as, vinha a fileira de homens, mulheres, velhos e crianças, procurando escolher o local exato para firmar os pés sem afundar naquele terreno barrento e lodoso [...]. Uns caminhavam de cabeça baixa, taciturnos e tristes, outros gritavam, blasfemavam e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil [...] e algumas mulheres havia até que, silenciosamente, seguiam chorando [...] (LORENZONI, 1975, p. 48).

E, finalmente, após este longo percurso, chegaram ao barracão que os acolheria até que construíssem suas casas. Este tinha mais de quarenta metros de comprimento e seis de largura e o teto de folhas e zinco. Cada família ocupava entre dois a quatro metros quadrados, em que estendia seus colchões para dormir à noite.

Em seguida à instalação provisória no barracão, os chefes de família escolheram seus lotes, principalmente pela proximidade de outros imigrantes de sua região ou aldeia da Itália, e iniciaram a construção de suas casas, feitas com madeira das árvores abatidas - com instalações precárias, em que se improvisavam colchões com ervas secas sobre tábuas. O fogo era mantido aceso dia e noite, com o intuito de afugentar animais selvagens. Bernardi retrata este momento na ficção, procurando preservar e transmitir toda a rudeza e crueza da realidade vivida por estes imigrantes.

Nos primitivos tempos da imigração, os coitados dos europeus construía, no coração do mato, uma casinha, exposta a grandes perigos por parte de animais selvagens.

A bicharada selvagem causava enorme dano às plantações. Era, de fato, difícil salvar alguma coisa, especialmente o milho. A metade da colheita era devastada e devorada por animais daninhos. No começo, não possuíam sequer uma arma para se defenderem. Então essa gente foi inventar os fojos, isto é, covas profundas, disfarçadas, na parte superior, com ramos de árvores e terra solta, com o fim de apanhar vivos os animais selvagens e ferozes. A invenção surtiu efeito. Os animais, ao passarem por cima, caíam no fundo do fojo. E assim, esses pobres imigrantes não só defendiam as suas roças, mas ainda conseguiam algo para o seu sustento. Realmente tudo era difícil naqueles recuados tempos. (Bernardi, 1988, p. 110)⁶¹

Além destas dificuldades, Lorenzoni conta que esses imigrantes, famintos e amuados pela má alimentação recebida durante o longo período da viagem marítima, sem se considerar uma vida inteira marcada pela fome constante e avassaladora, recebiam por família, uma provisão semanal, que consistia em: feijão preto, arroz, toucinho, um pouco de bolacha, carne seca, açúcar, mate e sal. Para aqueles que sonhavam com fartura e abundância, ter de racionar alimentos consistia

⁶¹ *Nei primi tempi dele imigrassion sti pori can de ropei i se impiantava na caseta in medo el mato a gran pericolo dele bèstie salvàdeghe. / E la prejudicava grandemente la impiantagion. Zera próprio difissile salvarse calcosa. Mássime milio. Medo lo magnava lore ste mustricie. / In principio no i gaveva gnanca na arma. Alora sta zente i ga inventa a fare busi e dopo i quereva com rameti e foie. Co le bèstie pestava sora le sbrissiava zo. / E cosi, sti pori migranti, i se ciapava calcosa de magnare. Poi tuto zera difissile. (Bernardi, 2009, p. 71)*

em árduo desafio. A situação se agravava com a chegada do inverno, pois as estradas ficaram intransitáveis e não havia como se levar alimentos aos colonos, cada vez mais amuados e deprimidos.

Relativamente ao primeiro contato com alimentos próprios do Novo Mundo, vemos na ficção de Bernardi, que seu protagonista sofre um “choque de realidades” no encontro com outras propostas diferentes da realidade contida no imaginário europeu. Pode-se imaginar a expectativa e a decepção consequente, em relação a certos alimentos. Nanetto adorou comer batatas-doces e beber leite; em compensação, estranhou a farinha de mandioca e detestou o chimarrão, com o qual se queimou ao provar. Experiências desta ordem devem ter ocorrido com a massa de imigrantes que aprovavam certos alimentos e reprovavam outros tantos. Em seus momentos iniciais, após o desembarque, Nanetto fugiu pelo mato e procurou abrigo na primeira casa que avistou, onde se dá o seguinte diálogo:

[...] - Pois eu vos digo que acabo de chegar na América. Não estais vendo que ainda estou todo molhado? [sic]

- Pois é isso mesmo que estou notando... Coloca-te perto do fogo e enxuga-te.

- Se me désseis um bocado de comida, ficaria eu deveras contente.

- Tu chegaste bem na horinha.

- Ô Chico, traze-lhe aqui meia batata-doce.

- Assada nas brasas ou cozida?

- Assada nas brasas.

Comparece aí um rapaz, trazendo num prato uma batata e oferece-a.

- Barbaridade! Que batatona!...

- E esta é uma das pequenas.

- Vou ter comida por uma semana, não é? São todas assim as batatas-doces aqui na América? Mas também que gostosa! Lá na Itália, em casa de minha coitada mãe, nunca provei uma coisa tão boa assim!...

[...] - Dai-me um gole de qualquer coisa, senão me engasgo de novo.

- Chico, vai buscar uma caneca de leite.

- Tu gostas de leite?

- Nem sei o que seja leite.

- Nunca viste leite?

- Tenho visto, sim! Mas lá longe.

- Aqui, o que não falta, é o leite. E quero que tomes à tripa forra, ouviste?

O leite foi trazido num canecão de uns dois litros.

- Mas que coisa boa!... E foi tomando quase sem parar.

Quando estava supersatisfeito, diz:

- Agora sinto que estou, realmente, na América!... Garanto que jamais tive uma comilança igual à da desta noite. Não, nunca! [...] (Bernardi, 1988, pp. 74-75)⁶²

Pela primeira vez em sua vida, Nanetto teve a sensação de estar satisfeito, com seu apetite saciado. Diante desta abundância, ele se sente na sua América idealizada, onde, de acordo com seus sonhos, comia-se a não mais aguentar.

Assim como os primeiros imigrantes chegados ao sul do Brasil que - aos poucos foram explorando as matas, travando certo contato com pessoas que se instalaram antes deles, e assim, foram descobrindo alguns dos alimentos da região, o personagem Nanetto Pipetta, em suas andanças e contatos travados com os habitantes da região - foi conhecendo-os também. O colono foi saciando sua fome com pinhões, disponíveis aos montes e outras frutas tropicais, até que tivesse preparado a sua terra, plantado e tido a primeira colheita. A partir deste momento, sua situação começou a melhorar gradativamente.

A trajetória dos imigrantes italianos pode ser entendida como um desafio: aqueles que souberam enfrentá-lo colheram frutos. A realidade encontrada, como vimos, foi distinta daquela idealizada por muitos. Mas, se por um lado, ouviram estórias e descrições exageradas sobre os milagres da natureza na América - que exacerbavam seu imaginário acerca da Cocanha, que alguns supunham encontrar no Brasil -, por outro, aqueles que acreditaram, perseveraram, lutaram, que, enfim, venceram as dificuldades, alcançaram seus objetivos de viver próspera e dignamente. Realizaram seus sonhos de “fazer a América” e encontrar a cocanha no Brasil.

⁶² [...] – Co ve digo che son pena Riva in Mèrica; no vedi che son ancora tuto mógio! / - A ze ben quel ca osservo... Métite qua rente el fogo, sùgate su. / -Se me dessi da magnare um bocon a seria próprio contento. / - A te si Riva giusto a tempo. Cìò,Sico, pòrteghe qua meda patata. / - Rosta, o Lessa tel aqua? / - Nò, cota te le bronse. / Cápita là on toso co na patata dolse te um piato e el ghe la presenta. / - Orca la mèscola! Che patatona! / - E che la ze picola anca! / - A ghinò par magnar na stimana, ghinò!... zele tute cossita le patate qua in Mèrica? Ma che bona anca!... In Itàlgia da me porá mama a no go mai sercà na roba cossita bona mi! / [...] – Deme on giosseto de calcossa, seno me stràngolo ancora mi?! / - Sico, va, toro n caneco de late. / -Te piase la late? / - A no sò gnanca cosa la sipia mi? / - No te ghè mai visto late? / - Visto si anca, ma pi in là!... / - Qua la late no ze mia quel che manca, e voi che te cavi la voia, voi? / Cápita sta late. On canecon de do litri, seguro! / - Ma che bona!... E bevi, e do late. / Quando po no el ghin podeva pi, allora el dise: / -Adesso sento ca son próprio in Mèrica!... Garantisso mi che no go mai dà na magnada come stasera, a no go! (Bernardi, 2009, pp. 41 a 43)

3 O ENRAIZAMENTO DE NANETTO PIPETTA NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

[...] - Agora, fala Nanetto com os seus botões, eu já entendo a língua americana e aqui as batatas-doces é que não faltam. De fome, pois, eu não morro mais [...] (Bernardi, 1988, p. 85)⁶³

Nanetto Pipetta, viajante solitário, o anti-herói representado através de várias características negativas em consequência de seu nascimento “na fase lunar minguante”, desde que decidira emigrar, movimentava-se continuamente em busca de seu objetivo. Já no Brasil, seus encontros com o outro eram casuais, fugazes – regidos pelo *tempo do desejo* de Nanetto, que não criava laços com as pessoas com quem tinha contato. Sua permanência em um local durava até o surgimento de um desafio; ao experimentar alguma dificuldade, ele fugia novamente, para investir em outro ponto que considerasse mais próspero, sempre em busca da Cocanha. Foi somente anos mais tarde, que ele começou a fazer vínculos e a criar laços mais duradouros.

A certa altura, ele percebe que, além de ser possível sobreviver em terras brasileiras, graças à generosidade da natureza, ele não vai morrer de fome na América. Ao afirmar que já compreende a língua, demonstra certa aculturação. Sentia-se, pois, mais seguro e tranquilo em relação a sua sobrevivência em uma terra estrangeira.

Observa-se, através do pensamento de Nanetto, que a adaptação em outro país envolve desafios, algumas provações, e a aprendizagem de novos recursos e habilidades – especialmente, a aquisição da língua local, requisito fundamental para poder ambientar-se à nova cultura. O e/imigrante precisou também passar por estas experiências para melhor se adaptar à realidade brasileira e, nos momentos em que se viu sem o conhecimento e sem os recursos necessários para lidar com elas, provavelmente “deu uma de Nanetto” – em analogia à expressão típica da área de colonização italiana, no sul do Brasil.

As redes de sociabilidade são apontadas como um aspecto crucial da experiência da migração, nas narrativas dos e/imigrantes. Bodnar (apud Thomson,

⁶³ Adesso, el di el dise, el merican, lo caposso e patate no ghin manca, de fame no moro pi. (Bernardi, 2009, p.50)

2002) os vê como pessoas “transplantadas”, em vez de “desenraizadas”, com suas estratégias de sobrevivência centradas na família e na comunidade.

O e/imigrante italiano que se instalou na região sul brasileira, como visto anteriormente, o fez em grandes grupos plurifamiliares, característica que, se por um lado lhe deu suporte emocional, uma vez que não havia rompido suas redes familiares, por outro, pode ter-lhe dificultado, ou retardado, a integração social e o contato com as demais etnias ali presentes.

Os desdobramentos do fenômeno migratório para o indivíduo e seu grupo familiar, sua comunidade e nação, são visíveis (DeBiaggi, 2004), assim como são permanentes os efeitos do desenraizamento de uma família que se desloca para um novo país, inclusive para as gerações subsequentes, pois, de acordo com Sluski, (apud McGoldrick, 2003, p. 414), a “nossa rede social pessoal [...] constitui um depositário fundamental da nossa identidade, da nossa história e do nosso bem-estar.” Ser imigrante, filho ou neto de imigrantes acarreta o contato com um novo universo cultural, conforme DeBiaggi (2004), remetendo-os a questionamentos sobre valores e relações interpessoais, em que tanto o indivíduo, quanto sua família e grupo social precisam discernir quais novos aspectos “integrar”.

No processo da e/imigração italiana, a adaptação à realidade do novo país fez com que os colonos reelaborassem aspectos de sua cultura de origem, como forma de inserção na nova sociedade gaúcha, recriando sua identidade étnico-cultural, cujas expressões serão vistas no item 3.3 desta dissertação.

A observação sobre os processos de aculturação, formação de identidade e construção de redes sociais do imigrante italiano e seus descendentes nos proporciona uma leitura sobre o legado sócio-econômico-cultural que eles deixaram, ao Brasil e aos brasileiros, quanto à especificidade da marca por eles impressa na cultura nacional, através da comida, da música, das artes, dos hábitos e atitudes laborais; assim como, suas influências recíprocas. Responder à pergunta: “quais são minhas raízes?” é fundamental para o esclarecimento do processo de construção das subjetividades dos indivíduos afetados pelo fenômeno migratório.

São, portanto, inerentes ao fenômeno migratório, implicações políticas, econômicas, sociais e individuais, cujos desdobramentos atingem o indivíduo e seu grupo. O estudo desse fenômeno abarca diversas disciplinas como: antropologia, sociologia, psicologia, economia, ciências sociais; e atualmente, esse tema vem sendo contemplado nacional e internacionalmente, em virtude das migrações

acentuadas pelo fenômeno da globalização, em que se verifica a diluição de fronteiras geográficas, a aceleração e a instantaneidade das comunicações.

Considera-se relevante uma breve conceituação dos certos termos oriundos da Sociologia, recorrentemente utilizados no trato do *fenômeno migratório*. São eles: aculturação, integração e biculturalidade, apresentados por Berry (2004), o qual compreende *aculturação* como os fenômenos que resultam do contato direto e contínuo entre grupos de indivíduos de diferentes culturas, com subsequentes mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos os grupos. Isto ocorre com aqueles que migraram de uma sociedade para outra e que precisam, portanto, viver em uma sociedade na qual não foram criados. O autor esclarece que, numa situação de *aculturação*, são necessárias várias formas de adaptação ao novo contexto cultural para que seja bem-sucedida, sendo a *integração* a mais completa. E a *biculturalidade* diz respeito ao processo em que o indivíduo adquire costumes da nova sociedade, assim como retém os costumes da cultura nativa.

O processo de *aculturação*, de acordo com DeBiaggi (2004), ocorre em dois níveis: grupal e individual. A *aculturação psicológica* se refere às mudanças psicológicas que ocorrem em um indivíduo cujo grupo cultural está coletivamente sofrendo mudanças culturais. Por *mudança cultural* se entende que as crenças, valores e costumes do imigrante gradualmente sofrem uma transformação, pela qual o indivíduo supostamente se adapta ao novo ambiente.

Bernardi contemplou os processos de aculturação e biculturalidade em Nanetto Pipetta, através de situações vividas tanto pelo personagem, quanto pelo grupo de colonos da narrativa. Os primeiros imigrantes, com quem o personagem viveu e trabalhou, alimentavam-se de batatas-doces – desconhecidas por Nanetto, que, até mesmo, como já visto, queria trazer sua mãe da Itália para comê-las. Infere-se desta passagem, que se pode ampliar o desconhecimento de tal alimento, originário das Américas, à população italiana da época. Em contrapartida, seu patrão fazia suas orações em *italiano legítimo*. Outra família imigrante lhe serviu a costumeira polenta, alimento típico consumido pelo italiano, ao mesmo tempo em que os homens exerciam a atividade de tropeiros⁶⁴, percorrendo as densas matas da serra ao litoral do sul do Brasil.

⁶⁴ Aquele que conduz uma tropa, ou bestas de carga ou ainda, manadas de gado grosso, como cavalos e bois. Empresário de transportes por meio de tropas.

Acredita-se que a criação de uma fala comum, a *coiné*, foi um dos elementos que contribuiu para a aculturação destes emigrados oriundos de regiões diversas, com hábitos, costumes e dialetos distintos. Provavelmente, esta nova língua comum contribuiu para a construção de uma identidade deste grupo, se não nacional italiana, ao menos regional vêneta, e de pertencimento à comunidade de imigrantes vênets instalados na região sul do Brasil.

3.1 A Identidade do Imigrante Italiano e seus Descendentes

[...] - Quem és tu?

- Quem? Eu?

- Sim, tu...

- Eu sou Nanetto Pipetta, por causa de meu avô, que gostava muito de cachimbar.

- És filho de quem?

- De meu pai e de minha mãe, que é surda, pois não ouve nada.

- Como se chama teu pai?

- Eu sempre lhe chamei de papai.

- E tua mãe?

- Também ela lhe chamava "de teu pai", pois ela me dizia: - Virá para casa "teu pai"... [...] (Bernardi, 1988, p. 65)⁶⁵

.....

[...] - Olá de casa?!

[...] - Qui zeo que ciama? [Quem é que chama?]

[...] Pois sou eu!... A senhora me entende quando falo, não é?

- Cáspite! Quem és tu?!

- Nanetto Pipetta, por causa de meu avô; cheio de fome, isto é, com a barriga vazia... coisa de não se acreditar! (Bernardi, 1988, p. 97)⁶⁶

[...] Ô de casa! Com licença! ... Posso chegar-me?!

[...] Mas, que há de novo aqui?!...

- Sou eu, eu mesmo.

- Pois sim, és tu. Mas quem és tu?

- Pois sou eu, eu em pessoa.

- Bem sei também eu que tu és tu; mas tu que dizes que és tu, dize-me quem és tu?

⁶⁵ Come te chiami? / - Chi? Mi? / - - Sì, ti... / Mi son Nanetto Pipetta par via de me nono che Ge piaseva tanto pipare. / - Figlio de chi? / - De me popa e de mama, che la ze sorda par via che no la pole sentirghe. / - Come si chiam atuo popa? / - Mi lo go sempre ciamà popa. / - E la mamma? / - Anca ela lo ciamava to popa e la me diseva: - El vegnarà casa to popa... [...] (Bernardi, 2009, p. 35)

⁶⁶ [...] – Olá de casa?! / [...] – Qui zeo que ciama? / [...] – A son mi!... La me capisse co parlo vero? / - corpo de na tecia!... Chi sito ti?! / - Nanetto Pipetta, par via de me nono, pien de fame, sioè senza gnente in tel st'Ómego! Robe!

- Eu sou eu. Demais a mais aqui está o meu retrato, que comprova que sou eu mesmo em pessoa. Até o fotógrafo também disse que sou eu tal e qual. Que é que a senhora quer mais do que isso?
- Quero saber o teu nome e sobrenome e também teus ascendentes e... e... de resto veremos.
- Desculpe-me, sim? Eu não me lembrei de dizer que sou Nanetto Pipetta; aquele mesmo que, há alguns anos, veio para a América [...] (Bernardi, 1988, p. 195)⁶⁷

O personagem Nanetto Pipetta, distraído, preguiçoso, ingênuo, infantil e atrapalhado, parece ter sido concebido como o reverso dos e/imigrantes italianos, identificados como trabalhadores, empreendedores, realizadores, católicos, devotados à família; e também, rudes, ignorantes, miseráveis. Nanetto Pipetta simplesmente era Nanetto Pipetta!... Isto lhe bastava como apresentação. Mas, e quanto ao imigrante? Como via a si mesmo?

Como já vimos, com a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, as evidências de italianidade foram destruídas, com medo da reprimenda policial, pois muitos foram presos e eles, de acordo com Zanini (2004) eram malvistas e rejeitados, simplesmente por serem estrangeiros; tal circunstância certamente causou impacto à identidade em formação do imigrante e de seus descendentes. Zanini (2004) refere uma representação negativa da italianidade e, conseqüentemente, a um comprometimento da sua autoimagem e autoestima, a qual, por sua vez, tenha talvez sido reerguida durante os festejos do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, ocasião em que se pôde avaliar a contribuição do imigrante à economia e à cultura regionais e nacionais.

Em pesquisa realizada em 1997, por Zanini (2004), os descendentes dos emigrados se espelhavam nas representações de seus antepassados e atribuíam a si mesmos suas “virtudes étnicas” (Seyferth, 1993; Renk, 2000, apud Zanini, 2004, p.56), como ascensão social e sucesso, e incorporaram as qualidades de herói civilizador, proprietário bem-sucedido, e outras características positivas atribuídas aos pioneiros, como se tais atributos fossem transmitidos por linha de descendência a sua identidade, o que contribui para o fortalecimento de sua autoestima. Através

⁶⁷ [...] – Olà!... Paruni, compromesso... / [...] – Cossa ghe ze de novo? / - A son mi, a son. / - Te si ti? Ma chi ti? / - Mi pó, próprio mi. / - A so anca mi, che te si ti; ma ti, si, che te disi che te si, chi sito ti? / - Mi son; e pó vardè quà el me litrato, se no son mi fetivo. Eh!... a lo ga dito anca el litógrifo che son próprio mi, cossa volio depì? / - El to nome e cognome e casato!... e... e... e po vedaremo / - Aaa!... me gera desmentegà. Mi son Nanetto Pipetta vegnudo in Mèrica da ani in drìo. (Bernardi, 2009, pp. 139-140)

das narrativas, a travessia dos antepassados, relata Zanini (2004, p.56), era vista como o “mito de origem da condição de ítalo-brasileiro”.

Assim, a identidade dos e/imigrantes e seus descendentes foi afetada tanto positiva, quanto negativamente, de acordo com as diferentes representações relativas à mesma. Thomson (2002) situa a experiência migratória como um processo que continua por toda a vida do migrante e das gerações subsequentes, e adverte que o mais relevante nesta experiência, talvez seja a atualização de suas vivências e o seu relacionamento com a cultura dominante.

Além destas questões envolvendo o relacionamento com o meio, há as de ordem familiar. Os membros da família são afetados de modo diferente, em relação à imigração e ao reajustamento a uma nova cultura; isto depende da fase do ciclo de vida familiar no momento da transição (Carter & McGoldrick, 1995) e das circunstâncias pelas quais a família emigrou. A capacidade de adaptação e aculturação, de um modo geral, é simplificada para os mais jovens, principalmente para aqueles em idade escolar, que terão maior oportunidade na escola de socialização, de aprendizagem da língua e de assimilação dos valores e da cultura local. Já entre os mais velhos, em geral, suas oportunidades de troca com o meio se encontram mais reduzidas em relação aos primeiros. E, esta diferença pode acarretar conflitos familiares em qualquer transição do ciclo de vida, principalmente durante as crises situacionais, em que conflitos de identidade étnica podem fazer com que as pessoas percam o senso de quem são (MCGOLDRICK, 2003).

As diferenças culturais também podem gerar conflitos entre pais e filhos, pois, enquanto aqueles tentam manter os valores da cultura de origem, estes, em geral, têm uma exposição muito maior às normas da nova cultura através da escola e das amizades. Em geral, havia maior status entre aqueles que adquiriram ou se expressavam no idioma corrente do país de acolhimento. Entre os imigrantes italianos no Brasil, valorizavam-se quem soubesse o italiano vernáculo e o português. De um modo geral, há, entre os mais velhos, certa resistência para aprender e falar o novo idioma, talvez como um protesto pelas condições que geraram a necessidade de emigrar; ou, quem sabe, como uma forma de preservação de suas lembranças, das reminiscências de sua pátria...

Bernardi não explorou os conflitos intergeracionais em sua obra, talvez pelos costumes e valores da família italiana, reinantes na época, em que não se cogitava a

desobediência e o enfrentamento à autoridade paterna. Ao contrário, seguiam-se as tradições éticas, morais e religiosas.

Sabe-se que os filhos dos imigrantes precisam conseguir uma negociação entre os padrões e valores abraçados por próprias famílias, provenientes da cultura de origem – mitificados pela distância e pelas recordações (Stevens, 2007) -, e aqueles da do país adotivo. Andolfi (2003) utiliza-se da metáfora do “estar sentado entre duas cadeiras” para representar a situação em que se encontra o imigrante e seus descendentes. Hickey (apud Thomson, 2002) relata a sensação de "identidade dupla" experimentada pelos filhos de imigrantes; e ambos os autores referem que tal condição pode ser, ao mesmo tempo, um recurso poderoso e uma luta dolorosa. Stevens (2007) aponta para a necessidade de se obter um ponto de equilíbrio para as “identidades híbridas”, e para os conflitos de valores e aspirações entre imigrantes e seus descendentes.

As dificuldades vinculadas às questões culturais envolvem o próprio senso de identidade, valores, atitudes, padrões de comportamento, com repercussão na vida familiar, pessoal, amorosa e profissional. Phinney (2004), ao abordar o processo de formação de identidade e mudança entre migrantes e seus filhos, aponta como um aspecto fundamental da experiência migratória, a redefinição das *identidades culturais e nacionais*, que ocorre quando os indivíduos deixam uma sociedade ou cultura e se tornam parte de outra; ressalta também que a resolução das questões identitárias tem importantes implicações para o bem-estar psicológico, tanto individual como social.

Os distúrbios desencadeados pela emigração apresentarão maior ou menor gravidade, dependendo de como se emigra: se só, em grupo, em casal ou com a família. Nanetto Pipetta emigrou só, rompendo todos os vínculos. No início da narrativa, o personagem agia de forma impulsiva; suas ações eram desconexas; seu discurso, confuso, tanto na expressão oral, quanto e, principalmente, em suas cartas. Mais ao final da narrativa, Nanetto “encontra a sua gente”; cria laços afetivos, forma redes sociais, em nível pessoal e profissional. E assim, vai fortalecendo sua autoestima e autoconfiança, estruturando sua identidade.

As decisões tomadas pelo indivíduo e a maneira como age são fatores cruciais, tanto para o *pertencimento*, quanto para a *identidade*, ambos bastante negociáveis e revogáveis (Bauman, 2004). Nanetto, quando mais jovem, parecia não estar ligado a lugar algum, nem vinculado a quem quer que fosse. Inclusive, começa

a ressignificar a relação familiar, somente no instante em que conhece a fome, ocasião em que se dá conta de como sua família era cuidadosa com ele. Talvez esse modo de se relacionar, que parece inerente ao personagem no início da narrativa, tenha facilitado sua conduta fugidia e seu desenraizamento.

O conceito de identidade cunhado por Ferreira (2004) inclui as referências coletivamente compartilhadas, em torno das quais o indivíduo organiza a si mesmo e a sua relação com o mundo e desenvolve um sentido de autoria, determinando sua autoestima e sua maneira de existir. É uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, e está em constante transformação, sendo construída a partir de sua relação com o outro (Ciampa, apud Ferreira, 2004).

Assim, os imigrantes italianos - diante da experiência de estarem no Novo Mundo, com outros hábitos e costumes, outra gente, outros sabores, cores e sons - no momento em que passam a se permitir mesclar aspectos da sua própria cultura com a da região onde se encontram, passam a constituir-se como um novo indivíduo, original, único.

A e/imigração italiana para o Brasil foi um dos maiores fenômenos imigratórios já ocorridos e, com sua presença aqui, ambos - imigrantes e Brasil - modificavam seus costumes. Em seus primeiros anos no Brasil, a maior parte destes imigrantes procurou viver fechada dentro da comunidade étnica italiana, pois muitos tinham o objetivo de juntar dinheiro e retornar à Itália. Nos primeiros anos de colonização no sul do Brasil, os casamentos de italianos fora da colônia eram insignificantes, menos de 10% dos imigrantes se casavam com não-italianos. Essa situação só mudou nas segunda e terceira gerações nascidas no Brasil, a partir da década de 1930, quando os descendentes de italianos passaram a se integrar à sociedade local.

O grau de casamento inter-racial na família também desempenhava um papel nos padrões culturais. Os valores e identificações étnicos são mantidos por muitas gerações após a imigração, e desempenham um papel importante por todo o ciclo de vida familiar. A *etnicidade*⁶⁸ padroniza o pensamento, sentimento e comportamento, desempenhando um papel importante ao determinar o que se

⁶⁸ Utiliza-se, aqui, o termo *etnicidade* na acepção de Barth (1976, apud Villar, 2004), para nos referirmos às categorias étnicas como uma espécie de organização social, em que os atores as utilizam para categorizarem a si próprios e a outros, em uma interação em contextos precisos e bem definidos, em que a autoinclusão e a inclusão do outro são fundamentais, importando *somente* as diferenças que os próprios atores considerem significativas, em cada contexto específico, desde as manifestas, como indumentária, linguagem, etc., até seus valores básicos e normas de moralidade. E, apesar de os aspectos que assinalam a fronteira étnica serem mutáveis, subsiste a dicotomia entre membros e não membros.

comer, como se realizar o trabalho e como se relacionar, numa intersecção com classe, religião, política, geografia, o período de tempo em que o grupo está no país e o grau de discriminação experienciado pelo grupo.

Antes da migração, os indivíduos podem não ter nenhum senso de sua própria etnicidade. A migração torna as diferenças muito salientes, e faz emergir no indivíduo a consciência da identidade de seu grupo. Imigrantes, ao chegarem a um novo país, inicialmente se percebem como estrangeiros, mas, com o tempo, cada vez mais se veem e são vistos pelos outros como um grupo étnico. Esse sentimento de pertencer a um grupo étnico é dinâmico e evolutivo; muda tanto no nível individual, como no nível grupal, em resposta aos contextos pessoal e social.

Conceitualmente, a identidade pode ser qualificada como *identidade pessoal* (atributos específicos do indivíduo) e/ou *identidade social* (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias); esta pode se desdobrar em identidade étnica, religiosa, profissional, etc. (JACQUES, 2005).

O termo identidade, atualmente, é observado sob diferentes prismas e se situa no cerne da tensão entre as concepções essencialistas e do não-essencialistas.

As concepções essencialistas, apoiadas nas teorias clássicas, entendem que se pode buscar alguma certeza nas afirmações da identidade; que há uma verdade fixa, oriunda de um passado partilhado, ou o que se considera verdades biológicas, como por exemplo, o corpo, tido como fonte da identidade sexual. Acredita-se na estabilidade do eu, que permanece inalterável, sempre “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo de sua trajetória de vida.

Em contrapartida, as concepções não-essencialistas afirmam que a identidade é relacional, um processo, em constante metamorfose e transformação, opondo-se fortemente à idéia de uma identidade integral, originária e unificada. Afirma-se que identidade depende, para existir, de algo fora dela, de outra identidade, ou seja, do Outro. Ela é, pois, marcada pela diferença; emerge no interior do jogo de modalidades específicas de poder; produto de marcação da diferença e da exclusão. Concebe-se, pois, a construção da identidade como sendo tanto simbólica quanto social.

Hall argumenta em favor da fluidez da identidade, no senso de “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (Hall,

2007, p. 109). Ele utiliza-se do conceito de *différance* de Jacques Derrida e sugere que o significado não é completamente fixo ou completo, sempre havendo algum deslizamento.

E finalmente, sob este enfoque, as identidades são representações construídas pela “falta”, a partir do lugar do Outro e, construídas pelas práticas discursivas, são uma forma temporária de apego às posições-de-sujeito.

Há autores, como Anthony Giddens, Kathryn Woodward, Sherry Turkle, que se baseiam na perspectiva da identidade pessoal, do nível psíquico das identidades e das subjetividades modernas, vendo a identidade como um reflexo da modernidade que se estende ao núcleo do eu.

Outros autores como Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Douglas Kellner, Néstor García Canclini, referem sua discussão sobre a idéia de uma identidade coletiva, ligada a sistemas culturais específicos. Nesta perspectiva a identidade é compreendida como sendo culturalmente formada, embasando a observação acerca das identidades coletivas, tais como as identidades regionais e nacionais, por compreenderem o caráter de representação coletiva e da identidade como um conjunto de significados partilhados.

Optamos, aqui, pela linha não-essencialista, discursiva, acerca das identidades coletivas, cujo foco centra-se nas identidades culturais, étnicas e nacionais.

Hall (2004, p. 47), afirma que as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de *identidade cultural*; para Ewald & Soares (2007, p. 24) a “*identidade cultural* é uma forma de mediação entre a pessoa e a sociedade, pois a cultura é uma unidade expressiva que orienta a ação individual”. Berry (2004) afirma que a noção de *identidade cultural* se refere ao “conjunto complexo de crenças e atitudes que as pessoas têm sobre si mesmas em relação a ser membros de seu grupo cultural”.

Como se pode observar, também a identidade do e/imigrante entra em processo de mutação, em decorrência de seu deslocamento e de todas as adaptações de que necessita para que se alcance a aculturação necessária para o senso de pertencimento, essencial ao seu bem-estar, autoestima e integração social.

A investigação da identidade, para Taylor (1997, p. 36), deve considerar os compromissos do indivíduo como construtos de sua visão de certo e errado, do valioso e descartável. Assim, Taylor (1994) afirma que a identidade individual de

cada pessoa possui duas dimensões principais: uma *dimensão coletiva*, onde se dá a interseção entre as identidades sociais coletivas (religião, sexo, etnicidade, sexualidade); e uma *dimensão pessoal*, em que prevalece a noção que o indivíduo possui sobre si mesmo, sua auto-imagem e de como ele se relaciona com o mundo no qual vive. Envolve suas características sociais e morais. Identidade é, pois, “aquilo que se é”; o ambiente onde os gostos, desejos e opiniões de cada um fazem sentido, e depende das reações dialógicas estabelecidas com os outros.

A identidade, pois, na acepção de Taylor (1997) pode ser “definida em parte por algum compromisso moral ou espiritual”. O fato de ser dimensionado por uma cultura, por uma comunidade de destino, o humaniza. Para ele, a direção tomada ao escolher as alternativas de ação, e que está conectada à noção de identidade, refere-se ao tipo de humano que se quer ser, e depende da posição em que se coloca.

Infere-se, a partir das conceituações acima, que o imigrante italiano, apesar das mudanças em seu meio e, portanto, em sua identidade social – étnica e cultural -, recebeu valioso estímulo para que mantivesse seus valores éticos, morais e religiosos, através das pregações religiosas declaradas e das veladas, como mensagens “subliminares” transmitidas por meio da narrativa de Bernardi.

Gellner (apud Hall, 2004, p.48) acredita que “sem um sentimento de *identificação nacional*, o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva”, pois o conceito de *identidade nacional* se refere ao sentimento de um indivíduo de pertencer a, e ser parte de, um país ou um estado soberano. A *identidade nacional* é geralmente, embora não necessariamente, associada à cidadania e ao patriotismo, além de ser acompanhada pelo uso de uma linguagem e da adoção dos costumes nacionais. A identidade nacional pode mudar, como quando se sai do país de origem e se desenvolve um sentimento de lealdade a um novo país. Migrantes adultos chegam a um novo país com um sentido bem estabelecido de sua identidade nacional e, na maioria dos casos, nutrem o desejo de voltar ao país de origem, pouco se identificando com o país que os acolhe, e não pretendendo, portanto, ali se estabelecerem permanentemente e nem se tornarem cidadãos daquele local. O que se tem observado nestes estudos é que há maior probabilidade de identificação com o país de adoção, e de enfraquecimento do sentimento de pertencimento ao país de origem. Os filhos dos imigrantes nascidos no novo país tendem a se identificar com ele, de forma que a nova identidade

nacional se torna mais forte em gerações posteriores à que imigrou. (Phinney, 1990, p. 51).

Nanetto Pipetta, talvez movido pelo sonho de encontrar um país mítico e imaginário, ou talvez regido pela realidade de saciar a fome, não hesita em revelar sua preferência pelo novo país. É provável que Bernardi o tenha criado sem uma forte identidade nacional italiana, em consonância com o seu caráter fugaz e com o seu senso de pertencimento reduzido. Ou será que o autor assim o tenha representado como uma alusão à identidade nacional dos imigrantes italianos, ainda em construção naquela época, cuja consciência só se dá no momento da e/imigração?

Em que medida Bernardi conseguiu transferir para o mundo da ficção, o processo de reformulação da identidade dos imigrantes italianos e de estruturação da identidade do ítalo-brasileiro? Os descendentes desses imigrantes instalados no sul do Brasil, se consideram brasileiros, italianos ou ítalo-brasileiros? E como a Itália os vê?

Para Max Weber (apud Cunha, 2007, p. 31), grupos étnicos são “aqueles grupos humanos que detêm uma crença subjetiva na sua descendência comum por causa de similaridades do tipo físico ou dos costumes ou de ambos, ou por causa das memórias da colonização ou da migração”.

Teria tido Bernardi a intenção adicional de resgatar a *memória da imigração* italiana para a região de colonização no Rio Grande do Sul, além daquelas declaradas e anteriormente citadas, de revelar a verdadeira face da América aos Italianos crédulos e de vender mais jornais? Pois, embora obra de ficção, há um fortes semelhanças com a realidade envolvendo a narrativa de Bernardi.

A etnicidade, segundo Eriksen (apud Cunha, 2007), ocorre na relação social entre aqueles que se consideram culturalmente distintos de membros de outros grupos com quem eles estabelecem alguma interação regular. E, quando se encontram diferenças culturais marcantes na interação entre os grupos, a relação social é marcada pelo elemento étnico envolvido. Bernardi explora este aspecto a partir dos intercambiáveis sentimentos de Nanetto em relação aos negros: ele oscila entre um simples estranhamento e certo receio, até a repulsa e o desprezo. E o autor evidencia ainda, o medo dos índios – os chamados bugres, considerados selvagens, e alardeados (ao menos para Nanetto), com características antropofágicas.

O conceito de etnicidade inclui o de identidade, termo utilizado para descrever ou interpretar o indivíduo, do modo como ele se revela e se conhece ou ainda, como ele se vê representado em sua própria consciência. Enquanto que, sob uma perspectiva psicológica, a identidade produz um sentido de ordem na vida do indivíduo, sob uma perspectiva sociológica, ela situa o indivíduo em um grupo – e ambas se complementam. Nanetto, como vimos, se apresentava de maneira simples e direta, anunciando seu nome “por causa de seu avô”. Ao emigrar, passou a compor a categoria dos e/imigrantes; ao chegar ao seu destino, a dos imigrantes. E aqui no Brasil, ele ingressou no grupo composto pelos demais imigrantes que para cá vieram, seus conterrâneos: o grupo dos colonos italianos do vêneto.

Stuart Hall resume este complexo sistema de representação cultural, que produz significados dentro da comunidade simbólica a que podemos chamar de “nação”:

As culturas nacionais constroem identidades ao produzirem significados sobre a “nação” com a qual podemos nos identificar; estes significados estão contidos nas histórias que são contadas sobre ela, memórias que conectam seu presente com seu passado, e imagens que são construídas a propósito delas... Primeiramente, há a narrativa da nação, contada e recontada nas histórias e literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas narrativas oferecem um conjunto de histórias, imagens, paisagens, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que sustentam, ou representam, as experiências, as tristezas compartilhadas, e os triunfos e desastres que dão sentido à nação. (Hall, 2004p. 48)

O conceito de *identidade étnica*, em contraste com a identidade nacional, origina-se na herança ancestral do indivíduo que não pode ser mudada, embora possa ser negada ou ignorada. Uma *identidade étnica* se refere ao *self* do indivíduo, como membro de um grupo étnico, e aos sentimentos e atitudes que acompanham esse pertencimento. Geralmente, um grupo étnico pode ser considerado um subgrupo, dentro de um contexto mais amplo, que afirma seus laços ancestrais comuns e compartilha os seguintes elementos: cultura, raça, religião, linguagem e parentesco.

A identidade étnica constitui um modo particular de identidade social. Construída no contexto da situação interétnica, ela se expressa em um conjunto de representações que um grupo social se faz, delimitando suas fronteiras e marcando suas diferenças em relação aos outros grupos com os quais está em contato. (ORO, 1996). E, os descendentes de italianos - os ítalo-brasileiros, ou *taliani* - que são os cidadãos brasileiros de origem italiana, somam, no final do século XX, cerca de 30 milhões de “descendentes de segunda, terceira e quarta geração, em sua maioria, e de primeira e quinta geração, em sua minoria.” (ORO, 1996, p. 611)

Eles são os descendentes dos pioneiros da imigração italiana no Brasil - o grupo dos trabalhadores, dos corajosos, dos aventureiros, daqueles que podem recomeçar, que aceitam desafios, que querem prosperar, que são pró-ativos, dos que não se resignaram, dos que não desistiram. São herdeiros, não apenas dos bens materiais que aqueles construíram, mas também estão em busca de um legado cultural, de seus bens simbólicos.

Aquiles Bernardi, como vimos, por meio da criação literária, e valendo-se da construção de memórias coletivas dos hábitos e costumes dos e/imigrantes italianos instalados no Rio Grande do Sul, retratou as identidades étnica e cultural destes, num determinado momento histórico, com grande adesão do público leitor que, por sua vez, transformava-se em contador de estórias a uma plateia atenta e muitas vezes emocionada. E se acredita que a ficção tenha fornecido, ao retratar a realidade, um espelho ao imigrante, colaborando com a estruturação de sua identidade e com o fortalecimento do seu pertencimento, ao estimular o estreitamento de laços sociais proporcionado pela transmissão oral da narrativa e os depoimentos que ela suscitava entre os colonos.

3.2 O Incessante Dilema dos Emigrantes: Ficar ou Retornar?

Aqui na América não se brinca... Na América a gente trabalha, ganha dinheiro e faz fortuna [...] (Bernardi, 1988, p. 125)⁶⁹

.....

Ó América, América! Tu me lograste! Tu me atraçoaste! Tu me mataste à míngua e fome!... (Bernardi, 1988, p. 68)⁷⁰

Diversos foram os significados da e/imigração italiana para o Brasil. Para alguns, ela representou enriquecimento, ascensão social, paz, realização. Para outros, decepção. Dentre os decepcionados, há aqueles que permaneceram, e aqueles que retornaram.

⁶⁹ In Mèrica non se scherzo... In Mèrica se laora, se ciapa soldi e se fa fortuna. (Bernardi, 2009, p. 83).

⁷⁰ Ò Mèrica. Mèrica! A te me ghè imbroià, a te me ghè tradio!... A te me ghè copa de fame! (Bernardi, 2009, p. 37)

Vimos que, como característica geral, os vênnetos emigravam definitivamente e em grupos familiares. Já os emigrados do sul da Itália, em geral vinham sozinhos e com a intenção de retornarem abastados (ALVIM, 1986; 2000).

Nanetto Pipetta desejava permanecer no Brasil, considerado por ele melhor e mais próspero que a sua terra natal. Ele desejava ficar rico e voltar à Itália para buscar sua mãe, para também ela desfrutar das benesses da Cocanha.

Os motivos que levavam muitos e/imigrantes italianos a considerarem a possibilidade de retornar - apesar de nas colônias, estarem alocados próximos a outros conterrâneos da mesma província de origem, e de terem a oportunidade de prosperarem - eram, provavelmente, a saudade dos seus afetos, que lá permaneceram, e de elementos de sua cultura natal (a culinária, a música, etc.).

De um modo geral, as famílias que permanecem dentro de uma vizinhança étnica, que trabalham e convivem com membros de seu próprio grupo, tendem a manter por mais tempo sua *etnicidade*, diferentemente daquelas que vivem num ambiente muito heterogêneo e não têm nenhum reforçador social de suas tradições culturais. Talvez, para esses e/imigrantes, seu enraizamento no país de acolhida seja favorecido pelo esquecimento da terra natal ou, paradoxalmente, pela manutenção de sua identidade étnica, reavivada a todo instante, a cada contato com as pessoas com quem se depare na colônia.

Já entre aqueles que e/imigraram sozinhos, o que os move no sentido de retornarem é, certamente, a ausência, a falta de apoio e afeto dos seus entes queridos, devido ao rompimento no nicho social que ocorre com o indivíduo na e/imigração.

Com o desarraigamento dos sistemas de significados culturais, vive-se uma ambiguidade: se por um lado, perde-se o apoio familiar, dos amigos e da comunidade; a facilidade de comunicação através da língua nativa; os costumes; a comida e as conexões com a rede social; por outro, há um incremento da esperança de que as duras condições de vida e trabalho e todo o ônus da migração sejam recompensados pela melhoria das condições econômicas, educacionais, culturais e políticas.

Assis (2004), afirma que as *redes sociais* emergem do próprio processo migratório e das conexões estabelecidas entre os locais de destino e de origem dos imigrantes. Assim, pessoas em diferentes localizações geográficas desenvolvem novas normas culturais, o que se pode atestar em Nanetto Pipetta. Ele parte solitário

e já no porto de Gênova, uma família de emigrantes o acolhe e o convida para embarcar junto com ela, para burlar a falta do passaporte do personagem. Quando chega ao Rio Grande, não lhe faltou acolhida onde quer que ele a tenha solicitado. No entanto, ele se sentiu feliz “em meio a sua gente”, ao reencontrar a família de emigrantes que o integraram ao núcleo familiar no momento do embarque.

Por esse motivo, os imigrantes italianos procuraram se organizar, nas colônias do Sul, segundo seu lugar de origem, onde cultivavam seus hábitos alimentares, festividades, rituais, santos padroeiros, comprovando a importância de se manter forte, a rede social e de se preservar a identidade étnica. Ao chegar às colônias, o primeiro impulso do imigrante era tentar reconstituir a comunidade rural de origem, recompor um ambiente familiar no qual a língua, os conterrâneos, os alimentos conhecidos, lhe devolvessem o sentimento de segurança e de unidade que tinham ficado para trás, além do Atlântico. No início, procuraram transpor, na maior medida possível, elementos e ambientações, muitas vezes subjetivas, da colônia rural em que eles viviam na sua terra natal, com o significado de transplantarem o núcleo de solidariedade grupal, que fornecia proteção e tranquilidade interior, durante o período de aprendizagem da língua e das coisas da terra.

Nas narrativas dos migrantes, Thomson (1997) relata que as *redes sociais* são apontadas como um aspecto crucial da experiência da migração, que proporcionam um círculo social de apoio, com o qual os imigrantes conseguem melhores empregos e lugares para viver, e facilitam a ocorrência do casamento; esses contatos são vitais para a sobrevivência social e econômica, da cultura e da identidade.

Inúmeras foram as contribuições deixadas pelos italianos à cultura brasileira. Com os italianos, surgiu uma sociedade organizada. Eles fundaram associações, clubes, sindicatos, indústrias, colônias agrícolas e até cidades. No seu conjunto, a literatura sobre a imigração italiana no Brasil aponta que eles trouxeram o valor devotado à arte e o trabalho participativo em comunidade. Ajudaram a transformar e moldar a arquitetura da época e deixaram reflexos de sua cultura nos costumes, língua, culinária, e outros bens simbólicos à cultura brasileira.

A rede social é, pois, como vimos, um depositário fundamental da identidade; o deslocamento de uma família para um novo país resulta num processo de

desenraizamento em vários estágios, sendo preciso resgatar e dignificar suas raízes, para poder se apropriar do imenso potencial de pertencer às duas culturas.

Sluzki (apud McGoldrick, 2003, p.408), aponta que “o processo de desenraizamento de uma família ao se deslocar para um novo país pode passar por vários estágios e, quando há uma demora muito longa no processo de adaptação, há consequências para as gerações subseqüentes”.

A esperança de retornar ao país de origem pode impedir os esforços da família para se adaptar à nova situação. O estado de permanente incerteza ou ausência de raízes é profundamente estressante e terá um impacto de longo alcance no ajustamento da família.

Nanetto mantém a esperança, que o faz permanecer, acreditar e lutar. Na vida real, muitos imigrantes fizeram sua história diferente: na ocasião da grande emigração, construíram algum patrimônio e retornaram abastados aos seus países de origem. E, também, aqueles que desejaram voltar e o fizeram... Mas ao chegarem lá, perceberam que sua terra natal, tão familiar em suas lembranças, em sua mente, na realidade, então lhes parecia tão estranha: as pessoas, o jeito de se viver de sua gente, de sua cidade, os costumes... Em geral, ocorre que seus familiares que não emigraram, já se foram, seus amigos mudaram (concreta ou subjetivamente). Ou, será que foram eles mesmos que mudaram tanto, a ponto de não reconhecerem mais, no real, aquela antiga e sonhada familiaridade que permanecia em suas memórias e que tanto esperavam encontrar?

De Boni & Costa (1984, p. 93) afirmam que os emigrantes partiam para a América com esperanças de retornar à pátria, mas, na grande maioria dos casos, perdiam-na e se tornavam apátridas. Longe de sua terra natal eram discriminados, vistos como estranhos; mas, quando retornavam para junto dos seus entes queridos, sentiam-se fora de contexto, com a sensação de não pertencer a lugar algum; eram apontados como estrangeiros, chamados de “americanos” pelos seus compatriotas, perdendo o direito de serem chamados pelos seus nomes próprios, o que fazia com que sentissem, conforme Ianni (1972), “algo desmoronar dentro de si”. Ao voltarem para *casa*, percebiam que aquele lugar não mais poderia ser chamado, por eles, de *lar*.

O que poucos imaginavam, ao partirem esperançosos e confiantes, era o fato de que, mesmo que regressassem em boas condições econômicas, depois de um número prolongado de anos, iriam se defrontar com novas decepções, devido às

modificações ocorridas em sua terra natal, pois o repatriado não pressupunha que encontraria, também, a sua gente mudada, que, em muitos aspectos, as relações humanas teriam se transformado, e que ele próprio já não era mais o mesmo.

Acerca da memória dos imigrantes e de seus descendentes, Ribeiro (2001) declara que ela atua como um campo de afirmação da presença deles, com o qual procuram legitimar seu espaço na cidade, pois é por meio da memória que esses grupos mais antigos reafirmam a ideia de pertencimento a um lugar. As memórias trazem uma dimensão afetiva pela qual se tecem relações entre os membros do grupo, permeadas pela lembrança do país de origem e realimentadas pelo sentimento de pertencimento.

Nanetto, ainda que personagem fictício, teve uma grande importância na preservação e divulgação da memória do imigrante e parece ter colaborado com o processo de legitimação, de confirmação do pertencimento dos italianos do vêneto em terras gaúchas, uma vez que, vários imigrantes e seus descendentes se sentem fortemente identificados com o território e o consideram como parte de seu *mundo*, mantendo com ele uma relação de afeto e memória.

Por outro lado, havia os que pensavam em voltar, faziam todos os sacrifícios possíveis para economizar e, no caso dos emigrados, o êxito tinha o seu preço, mesmo para aqueles que conseguiam fazer fortuna, à custa de sua saúde, ou porque viviam um longo período de privações. Para muitos, o retorno representava uma necessidade de afirmação pessoal. Muitos partiam com um complexo de inferioridade, por não terem podido vencer na sua terra natal, como tanto outros, do qual somente poderiam ser libertados, com uma volta triunfal ao seu país de origem. Eles possuíam o “desejo de exhibir aos conhecidos a riqueza que conquistaram e de desferrar-se dos antigos patrões”. (IANNI, 1972, p. 103), como se pode constatar em Nanetto Pipetta, que desejava desferrar-se das pessoas grosseiras que lhe destratarem na sua travessia.

Na Itália, ainda hoje, costuma-se identificar emigrados com riqueza, supondo-se que todos os que vivem no exterior são milionários. A propaganda da emigração até os dias atuais alimenta essa falsa imagem da realidade. Ignora-se, até mesmo nos países de imigração, o drama daqueles que malograram. Franzina (2006) revela que na historiografia italiana, as emigrações e suas consequências para aqueles que se lançaram nesta aventura, tendem a ser esquecidas.

Ainda nos dias atuais, em cada navio que chega à Itália, desembarcam aqueles que tiveram a coragem de voltar. Isto porque, para o autor, é preciso mais coragem para voltar pobre do que para partir. Estes são chamados “repatriados consulares” porque retornam com viagem paga pelo governo italiano, por serem indigentes ou doentes. E no período compreendido entre 1902 e 1925, os repatriados considerados indigentes, provenientes de todos os países, somaram quase 125 mil pessoas. Dos Estados Unidos retornaram 53 mil; e cerca de 30 mil, do Brasil.⁷¹ Muitos doentes não chegaram a desembarcar e seus corpos foram lançados ao mar. Ianni (1972) mostra que entre 1903 e 1923, 2.533 dos repatriados eram portadores de doenças mentais, e segundo pesquisadores, a nostalgia se destacava como fator de alienação mental. O uso de pratos e temperos do país de origem atuam como uma forma de terapia e remédio para a saudade, pois os alimentos lembram o antigo lar, a família, os amigos e as festas de sua pátria.

Dentre as dificuldades de adaptação e maior causa de desajustamento vivido pelos emigrados, os Drs. Sardi e Goldenberg apontam o desconhecimento da língua, que os mantém isolados. Os médicos recomendam para a imigração saudável:

1. Criação de centros psiquiátricos nos países de emigração, para o exame e coleta dos precedentes dos candidatos à expatriação.
2. Ensino elementar da língua do país de destino, inclusive durante a viagem.
3. Instrução elementar, antes da chegada, sobre a história, geografia e costumes do país de imigração. (IANNI, p. 110)

A emigração destrói a paz dos homens, deixando marcas que não mais se apagam. Este problema é inerente a todos os emigrados, sejam eles “vitoriosos ou vencidos, ricos ou pobres, naturalizados ou repatriados”; e, nem mesmo os repatriados reencontram a paz, pois a maioria deles sente arrependimento por ter voltado, principalmente quando não mais conseguem reemigrar (IANNI, p. 112).

O emigrado, segundo Ianni, só completa seu processo de assimilação ou de integração, quando, após um número prolongado de anos, visita o seu país de origem, quando sua consciência de ser “italiano”, que foi artificialmente criada no exterior, se desfaz. É quando ele se convence de que o país de imigração é a sua pátria, cuja lembrança encherá o vazio deixado pelo seu estranho encontro com a

⁷¹ Dados extraídos do *Comissariato*, Anuário Estatístico 1876-1925, pp. 1633-1634 e relatório 1910-1923, vol. I, pag. 199 e segs.

Itália real e tão diversa daquela que mantinha idealizada em seu imaginário (IANNI, 1972).

Santin (1986) afirma que os traumatismos culturais causados pelo fato de haver uma mudança no sistema de significação do emigrante, ou seja, pela ruptura com o mundo e com a ordem de valores existentes, não tem recebido a atenção necessária.

O imigrante forçado a emigrar pela necessidade de sobrevivência é aquele que sofre intensamente com a ruptura de seu universo cultural, o *depaysement*, expressão francesa traduzida por *estranhamento*. Este pode ser definido como um fenômeno social, cultural e psicológico revelador da situação de um grupo humano, que abruptamente se vê longe de seu país, em terras estranhas e em contato com hábitos e costumes diferentes.

Os imigrantes reagiram contra os males do *depaysement*, agarrando-se a si mesmos, individual e coletivamente, através da reprodução do seu universo cultural. Era preciso manter todo esse sistema de significações que constituía o conjunto de seus valores vividos na Itália, e principalmente, seus valores religiosos; ou então, encontrar ou então, construir um ambiente que, de alguma maneira, lhes proporcionasse “a transferência e a preservação de seu espaço vital” (SANTIN, p. 598-9).

Segundo Laplantine, o universo cultural,

é um dos aspectos cuja abrangência é considerável, já que diz respeito a *tudo* que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica, seus sistemas de parentesco, seus sistemas de conhecimento, suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas. (Laplantine, 1987, p. 19).

A paisagem geográfica e climática encontrada pelos imigrantes no sul do Brasil era, de certa forma, bastante semelhante à da Itália; mas era preciso recriar a atmosfera cultural, tendo como centro de referência, o vilarejo de origem, sendo necessário reconstruí-lo em solo gaúcho. Neste esforço de recriação do próprio universo cultural, ocorre, simultaneamente, o processo de integração com o novo espaço físico e com os valores da cultura nativa, fenômeno de alta complexidade humana.

Os perigos do fracasso deste processo de integração podem ser explicitados em dois pontos extremos. O grupo pode, por um lado, fechar-se e isolar-se,

tornando-se impermeável. “De outro lado, pode dar-se a total descaracterização do grupo, provocando uma degenerescência cultural que leva o grupo à morte espiritual. O que pode levar o imigrante ao fenômeno de acaboclar-se”. (SANTIN, p. 599)

Era preciso que os imigrantes italianos reconhecessem que todos eram provenientes da Itália e tinham a mesma cultura. O segundo passo seria a integração com os rio-grandenses e os imigrantes de outras nacionalidades. (SANTIN, p. 600)

Apesar das dificuldades, foram surgindo paisagens italianas em solo brasileiro, como sinal de que a preservação da identidade cultural de cada grupo estava garantida. Santin afirma que a preocupação em recriar o vilarejo de origem, interpretada como um gesto para esquecer, era, na verdade, a reprodução da paisagem, como uma fotografia. Ou seja, a lembrança da terra era a garantia de que o imigrante era ainda, a mesma pessoa.

3.3 A Italianidade na Região de Colonização Italiana

A Região de Colonização Italiana, *RCI*, é definida, política e geograficamente, pelos municípios da Encosta Superior do nordeste do Rio Grande do Sul, colonizados por imigrantes italianos, no final do século XIX. E, pela presença de traços culturais característicos deste determinado grupo, pode-se também defini-la culturalmente, seja pelos artefatos materiais nela produzidos, como suas casas, ferramentas e utensílios, seja através de atributos culturais, como a linguagem.

Nesse sentido, a região cultural da imigração italiana no Rio Grande do Sul pode ser caracterizada pelos modos de viver, de pensar e de agir do colono. Aquiles Bernardi - enraizado na cultura imigrante, por ser um descendente nascido e criado na própria colônia - concebeu seu personagem Nanetto Pipetta, como típico elemento desta região cultural, pois pensava, falava, agia e se relacionava como todo colono que aí habitava.

A chegada dos italianos nesta região se iniciou em 1875. Lembremos que a Itália havia sido unificada recentemente e que os imigrantes não se sentiam italianos; eles tinham várias e distintas procedências, e falavam dialetos incompreensíveis entre si, de modo que sua identidade coletiva foi se estruturando através de um senso comum de pertencimento à *condição* de emigrados.

Conscientes de seu pertencimento a uma mesma condição, e instalados numa região geográfica isolada das demais áreas povoadas do Estado que os levou a se relacionarem quase exclusivamente entre si, nos primeiros decênios da colonização, estabeleceu-se o fenômeno de transplante de cultura, em que se mantiveram os traços culturais, os hábitos, valores e dialetos típicos de suas regiões de origem. Tal isolamento étnico-geográfico contribuiu para o fortalecimento do espírito comunitário, reforçando a coesão, a solidariedade e a ajuda mútua no interior do grupo; isto minimizava a interferência de forças desagregadoras.

Conseqüentemente, a aculturação destes imigrantes foi postergada, e eles conservaram sua identidade étnica e cultural, praticamente intacta por algum tempo ainda, utilizando-se unicamente dos dialetos de sua região natal para se comunicarem entre si. Mantiveram-se, pois, os traços de sua cultura de origem e sua atividade laboral, dedicando-se à agricultura.

Mas, em virtude da diferença dialetal, e em busca de uma melhor comunicação entre si, eles foram gradativamente mesclando seus dialetos, até formarem uma *coiné* regional - o *talian*.

Em “Nanetto Pipetta”, obra difusora do *talian* entre os imigrantes do Sul, há uma passagem na qual o patrão de Nanetto lhe diz que está fazendo sua oração em *italiano legítimo*, quando na verdade, o está fazendo em latim, talvez pelo desconhecimento do que era a língua italiana, enquanto Nanetto reza do jeito que sua mãe lhe ensinara; provavelmente, ambos estão reproduzindo o que ouviram.

[...] - Ave Maria grassiapena dominos teco, benedeta tui mulieribo e beneditofruto ventris tui Ieso! ... Santa Maria, tardei! ...
 - Como o senhor rezou a sua parte? ... pois não entendi nada... Será que rezou em americano?!...
 - Rezei em italiano legítimo ou será que tu esqueceste?!
 - Como o senhor?! ... não ouviu que disse direitinho a minha parte?
 Se quiser que diga assim como me ensinou minha mãe, então ouça:

"Santa Maria materdei (e não tardei!) ora pronobis peccatoribo e tin ora mortis nostre a me. (Bernardi, 1988, p. 78-79)⁷²

Em outro episódio, o andarilho Nanetto, ao chegar ao rancho de Seu Juca Preto, pede-lhe algo para comer, ao que lhe é oferecido chimarrão e pinhão à vontade, até que Seu Juca lhe pergunta:

- Não gosta da América?
- Não gosto, não!
- "No entende brasileiro"?
- Entendo, mas não compreendo bem, já viu! (Bernardi, 1988, p. 93)⁷³

Eram muitas as confusões causadas em torno das diferenças linguísticas, e Bernardi se apropriou deste fato, num tom cômico e bem-humorado, vindo a colaborar com a dissolução destas diferenças, proporcionando maior aproximação sócio-cultural entre os colonos.

A integração social entre imigrantes de várias regiões foi se dando gradativamente, através do trabalho, ao ocuparem vagas temporárias na abertura de estradas, ou pela posterior comercialização de sua produção agrícola. E, através do trabalho contínuo e familiar nas roças, ou nas mais variadas ocupações, eles conseguiram reunir capital para adquirir suas terras, realizando o sonho de se tornarem proprietários. Bernardi retrata esta realidade, "empregando" Nanetto Pipetta em várias ocupações: ele foi madrinheiro [tropeiro que montava numa égua madrinheira, à frente da tropa que transportava carga]; foi contratado para fazer as tarefas da colônia: capinar, roçar, guiar os bois, etc.; foi também cozinheiro, vendedor, etc. Veja-se alguns destes ofícios desempenhados por ele:

- E o que é que tu sabes fazer?
- Aquilo que quiserem, eu faço.
- [...] Pois nós temos de fazer longas viagens com quinze bestas de carga e estaríamos procurando um madrinheiro.
- o que é esse madrinheiro?

⁷² - "Ave Maria gràssia pena d'ominos teco, benedeta tui mulièrìbo e benedito fruto ventris tui lesò! ... Santa Maria, tardei! ... [latim confuso].* / - Come gaviò dito vu la vostra parte? ... Ca no go capio gnente!... In merican?! - In talian fetivo la go dita o la gheito desmentegada ti?! / - Come vu?!... a no gaviò mia sentisto che s-ceta la go dita la me parte? / Volio ca ve la diga come me la insegnava la me mama? Scoltè mo: Santa Maria materdei (e nò tardei) ora pro nobis peccatoribo e t'in ora mortis nostre a me. (...) (Bernardi, 2009, p. 45)

⁷³ - No piase Mèrica? / - A mi no è! / - Non entende brasileiro? / - Intendo, ma no capisso mia chiaro, védelo!... (Bernardi, 2009, p. 57)

- É aquele que vai na frente da tropa e guia as bestas de carga.
- Está bem! Está bem! Vou arriscar fazer também isso [...] (Bernardi, 1988, p. 76-77)⁷⁴

.....

Havia decorrido mais de um ano desde que Nanetto deixara a casa do seu Ângelo para arranjar algum dinheiro. Ele se fixava nos peraus⁷⁵ do rio das Antas, onde trabalhava, sob as ordens de um patrão, no plantio de cana-de-açúcar e no fabrico de açúcar e cachaça.

Os patrões estimavam-no muito e davam-lhe boa paga. Era o que ele buscava.

[...] o patrão tinha feito o contrato de que se Nanetto trabalhasse com ele dois anos, receberia meia colônia e a garantia de poder trabalhar em sua moenda de cana [...] (Bernardi, 1988, p. 229)⁷⁶

Mantendo fixo seu objetivo de se enraizarem em seu próprio solo, no Novo Mundo, ou na terra de origem, e de ascenderem socialmente, eles trabalhavam incansavelmente, em qualquer atividade que requeresse mão de obra não especializada.

Retomando a questão do fortalecimento do espírito comunitário - fortalecido pelo isolamento étnico-geográfico, nas comunidades de imigrantes italianos - o mutirão e as práticas de ajuda mútua eram frequentes, tanto para a realização de objetivos materiais, como a construção de casas, da igreja, da escola, etc., quanto para prestar um benefício ao indivíduo ou à coletividade. Tais práticas, aliadas à “ética do trabalho, à organização familiar dos italianos e a outros atributos como a religiosidade, a honradez, a solidariedade, a resignação e o espírito comunitário” (Colbari, 2007) eram imprescindíveis à sobrevivência dos que passavam por experiências de privações e de desamparo, tais como as vivenciadas pelos grupos e/imigrantes desenraizados, necessitados de recriarem novas redes sociais.

O trabalho, a religião, os *filós* eram, pois, as formas de sociabilidade que constituíram o cotidiano dos imigrantes, estruturadas a partir do núcleo familiar, que proporcionava o acolhimento e a motivação necessária ao enfrentamento das

⁷⁴[...] - E cossa seto fare ti? / -Quel che Il vole fasso. / -[...] parche noantri gavemo de far viasi longhi co quindese bèstie carghe e lora ghe volaria on madrignero. / - Cossa zelo sto madrignero? / - Ze uno Che camina davanti par menarse drio tute ste bèstie. / - Ben, bem! Provarò anca questa. (p. 44)

⁷⁵ *Reg* (Sul e Centro) Precipício, barranco de grande altura que forma despenhadeiro; itaimbé. **7** *Reg* (Sul e Centro) Declive áspero que dá para um rio ou sanga. Sanga = **1** Sulco no solo, cavado pela chuva ou por correntes subterrâneas. **2** *Reg* (Rio Grande do Sul) Pequeno ribeiro alagado e de pouca água; pântano. **3** *Reg* (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) O mesmo que *algrão*.

⁷⁶ Gera passa pi de on ano che Nanetto el gaveva lassa la casa de Àndolo par muciar-se na branca de soldi. E se gaveva piantà zo par i busi del rio Desanta soto paron a impiantar cana dolse e far sùcaro e caciassa. I so paroni ghe voleva ben e i lo pagava puito. Elo no cercava altro [...] El gaveva fato el contrato col so paron, che se el stava co lu do ani, el ghe dava meda colônia e da laorare tel so tórcio [...] (Bernardi, 2009, pp. 165-166)

adversidades das condições físicas e sociais da região, bem como, para a manutenção da coesão dos grupos. A preservação da religião, da comida e da língua de origem reafirmava a intenção da manutenção da cultura como forma de estimular a resistência e a solidariedade do grupo familiar e social.

Assim, a integração cultural foi se dando, também, através da culinária, em que novos ingredientes foram utilizados para a confecção de suas tradicionais receitas, e produtos regionais foram introduzidos em seu cardápio. Santos e Zanini (2008) revelam que a comida foi um importante elemento de contato e de diálogo com as novidades do Novo Mundo, em que os imigrantes italianos conheceram o feijão preto, o charque, frutas diversas, a mandioca e as carnes em geral. Da culinária original italiana, elas relatam que

Do tempo dos antigos, o que permaneceu como um gosto foi o fato de comer em família e ter, como alimento, determinados sabores e texturas, como pães (doces ou salgados), cucas [bolo doce com cobertura de uva e farelos de açúcar com farinha], salame, polenta, *radicci* e o aroma especial de alguns temperos como a salsa, a sálvia e a manjerona. (...) Pode-se incluir também o manjericão e o alecrim, menos usados. O alho e a cebola devem ser usados em abundância também. O *radicci*, uma verdura relativamente amarga, tendo várias subespécies, conhecido como almeirão em algumas localidades, é adorada (...) (SANTOS; ZANINI, 2008, p. 272)

A mudança dos hábitos alimentares foi uma das maiores consequências da colonização, tanto para os imigrantes, quanto para os brasileiros que coabitavam a mesma região, declara Seyferth (1990). Exemplo disso é o consumo da polenta pelos demais imigrantes e brasileiros com quem tinham contato. Em paralelo, houve uma adaptação dos hábitos alimentares dos colonos às possibilidades de cultivo no Brasil. Sua subsistência dependia basicamente de três produtos nativos: milho, aipim e cana-de-açúcar – que Bernardi incluiu em sua narrativa: a primeira refeição de Nanetto, já emigrado, consiste em batatas-doces com leite; mais adiante, deliciava-se chupando cana; e, mais tarde, vai consolidando seu patrimônio para adquirir sua meia-colônia trabalhando no cultivo da cana.

Em seus hábitos alimentares, portanto, passam a constar os alimentos acima. O milho tanto era usado para alimentar os animais (porcos, vacas e galinhas), e quando era processado, da sua farinha – fubá – se fazia a polenta, preparada em grandes caldeirões de ferro e consumida com leite, queijo ou carne. O fubá era também usado para fazer pão.

Do aipim, fazia-se a farinha de mandioca, que era comercializada e também consumida em forma de pirão, farofa ou torrada com açúcar; dele também se fazia o polvilho, usado para fazer biscoitos; e sua raiz cozida era acompanhamento de carnes e aves.

Da cana-de-açúcar eram feitos açúcar mascavo e melado. Além destes, consumia-se batata-doce, cará e inhame cozidos, que também alimentavam os animais. E esta alimentação básica era complementada por chuchu, cenoura, vagem, agrião, ervilha, rabanete, abóbora, pepino e outras hortaliças cultivadas; e, com as sobras da horta, alimentavam os animais. Para sua subsistência, criavam vacas para consumo de leite, com que faziam manteiga, nata e ricota; e também porcos, consumindo a carne e preparando linguiças, morcelas e banha.

Esta introdução de novos elementos à sua alimentação foi ocorrendo paulatinamente, num processo de negociação doméstica, em que se experimentavam certas “novidades”, dentre os ingredientes com os quais se preparam as suas receitas tradicionais. Transformações na comida e seu preparo ocorreram proporcionalmente à ascensão social das famílias.

Já entre os descendentes de italianos, o preparo da comida é significado como um processo que envolve a totalidade da pessoa, que expressa e revela seu interior, bem como, sua relação com os outros para quem prepara a comida. O pão permanece muito consumido entre eles e seu preparo ainda requer grande elaboração.

Nanetto Pipetta, quando ainda habitante de sua terra natal, alimentava-se, como a maior parte do povo italiano e europeu, quase exclusivamente de polenta, que como vimos, originalmente, na Itália era preparada à base de leite. Há também, menção a outros poucos itens preparados pela sua *mamma* [mãe], espelhando a culinária e a cultura vêneta-italiana da época.

Anoitecia o dia. [...] A mãe de Nanetto remexia a polenta. [...] A mãe foi preparando uma sopinha com água e alguns pingos de azeite [...] (Bernardi, 1988, pp. 43-44)

[...] Neste entrementes, a noite vinha chegando.

A mãe prepara os "radiches", uma polentinha, umas costeletas, etc. Trata os porcos e ordenha a cabrita, até que chegue em casa o marido para a janta. (Bernardi, 1988, p. 46)⁷⁷

Mais uma vez, pode-se atestar a familiaridade, e, por que não dizer, da identificação da obra de Bernardi com os elementos da cultura e da organização social dos imigrantes, bem como, o seu olhar atento aos processos de adaptação, aculturação e integração dos imigrantes, durante a colonização das terras devolutas do Rio Grande do Sul.

A colonização foi, cabe ressaltar, um empreendimento familiar, em que as famílias italianas eram praticamente autossuficientes na produção de alimentos e bens artesanais necessários ao trabalho e ao consumo pessoal. O modelo de família era o patriarcal, cabendo ao *nonno* [avô], e ao pai, principal provedor do núcleo familiar, a autoridade sobre a mulher, os filhos e agregados. As famílias eram numerosas e a emancipação dos filhos ocorria com o casamento, embora estes permanecessem coabitando e trabalhando na propriedade paterna. Cabia à mãe, o cuidado e a educação dos filhos, que lhe deviam dedicação e respeito. E a *nonna* [avó] detinha uma importante autoridade moral (ORO, 1996).

[...] Depois da janta, todos esperavam por alguma coisa. Nanetto, então, apanha o pacotinho, apresenta-o ao pai de Gelina e, com os olhos fitos no chão, como para ler no pensamento dele, fala:

- Seu Ângelo, hoje fiz uma despesa de verdade, comprando esta fazenda, com a qual quero que mande fazer uma linda saia para a sua Gelina, que irá ser a minha esposa, uma vez que o senhor, a Catarina e todos, como eu espero, estiverem de acordo. Não está satisfeito com isso?

A Catarina de tão emocionada que era, nem deixou tempo ao marido de respirar, mas tomando a mão de Gelina, meteu-a na mão de Nanetto.

Bem se pode imaginar que Nanetto, naquele momento, não cabia em si de contente. Por uns instantes reinou profundo silêncio. Ato contínuo, ele foi dar a mão ao Seu Ângelo como sinal de sua felicidade, contudo por causa da emoção não disse sequer uma palavra.

Em seguida, deu a mão também à Catarina, dizendo apenas: Muito obrigado!

Uma vez concluída essa formalidade, lança um olhar para os irmãos de Gelina e, começando pelo mais velho, dá-lhe a mão, dizendo estas palavras: Então, tu me aceitas por cunhado?

⁷⁷ Ze na será. [...] La mama de Nanetto la smissia la polenta. [...] La mama la ga parecià na supeta com aqua e on fiatin de ògio [...] (pp. 16-17) [...] La mama parécia i so radici, on fia de poentina, na bresoleta essètera, la goerna i porchi, la molde la cavareta finché vien casa l'omo par senare. (Bernardi, 2009, p. 18)

E o rapaz que nunca tinha ouvido nem visto semelhante gesto, ficou sem saber o que devia responder. Permaneceu, assim, por um instante sem nada dizer e, depois respondeu: Ah! Não precisa, não!

Os demais irmãos observaram-no para saber como também eles deviam responder. Todos eles acabaram respondendo como o mais velho.

Nanetto, porém, nem ligava a isso e prosseguia para a frente.

Após esses cumprimentos, Nanetto dirige-se a todos, dizendo: Agora estou deveras contente e agradeço a vós todos e também a ti, Gelina.

Desejando a todos boa-noite, voltou para casa tão contente como se tivesse ganhado a sorte grande de mil contos-de-réis [...] (Bernardi, 1988, p. 214)⁷⁸

Além da autoridade paterna, verificava-se nas famílias italianas, o respeito à hierarquia, por ordem de nascimento. Nas primeiras gerações de imigrantes italianos, o casamento era predominantemente endogâmico; somente nas próximas gerações é que se realizaram casamentos mistos entre brasileiros(as) e italianas(os). A família assume a função de preservação da identidade étnica, e na região de colonização italiana os descendentes se ocupam de manter o vínculo intergeracional e de preservar a memória e a história da família.

O casamento e outras práticas religiosas, como o batismo, criavam vínculos de compadrio e parentesco, reafirmavam a identidade cultural e intensificavam a vida comunitária e a solidariedade grupal. A preservação da integridade do grupo familiar e da identidade sócio-cultural através do trabalho tinha importante papel em sua inserção na organização econômica e social da região. O trabalho e a vida social em torno da religião fundavam uma moralidade pautada por valores comunitários. E a religião era o centro de valores morais, que disseminava os ideais de disciplina, moralidade e ajuda mútua, para a comunidade. Quase todos os povoados se estruturavam em torno da igreja.

⁷⁸ Terminà la sena tuti spetava qualcosa. El toso el ciapa el fagotelo e el lo presenta al popa de ela e vardando fisso in terà come par lèdare tel o pensiero de elo:

- Àndolo, ancó io go spendesto dal bon, la quale co star oba vògio che sìpia cosia na bela còtola par la vostra Gelina che sirano mia sposa co volarete voi e la Catina e tuti, che me sono anca de quela punion. Sio contento?

La Catina gera tanto comossa e no la ga assa gnanca tempo al omo de tirar el fia che la ga ciapà la man de la Gelina e la ga data a Nanetto. / Maiarsela, Nanetto ze resta fora de cabimenti. Dopo de on pìcolo silénio el ghe apresenta la man a Àndolo come par dir che el zera strà contento, ma dela comossion no el ga dito gnanca na paroleta. / Dopo la apresenta anca a la Catina e là el ga dito solo:

- Tante gràssie. / Fenio sto afare, el dà na ociada ai tosi e el comincia dal pi vècio. Stendendo la man el ghe Zonta ste parole:

- Cio ti, me catarisse per cunha? / El toso no el ga mai sentisto e gnanca visto sti comprimenti e no el saea cossa rispònderghe. Là el ze stà senza parole on pochetin e dopo ghe risponde:

- Ó! No ocorre nò... / Quelaltri fradei i lo osservava par rispònderghe anca Lori. Tuti quanti i ga rispòndesto come el pil vècio. / Nanetto lu no fea gnanca caso, vanti lo stesso. / Fenio sto salutamento, el ghe dà El saludo gerale:

- Adesso son próprio contento e vè ringræssio a tuti e anca ti Gelina. / Dito bona note el ze torna casa contento come se El gavesse ciapà la sorte grande de mila conti. (Bernardi, 2009, pp. 153-4)

O imigrante italiano possuía profundas convicções religiosas; a sua cultura se assentava na obediência às leis divinas e, sobretudo, no reconhecimento e no respeito à autoridade eclesiástica, intensificados na colônia, devido aos sentimentos de temor e impotência diante do isolamento a que se viram obrigados, e pela proximidade com um mundo primitivo. O padre teve fundamental participação no processo de adaptação ao novo meio: apoiava-lhes espiritual e materialmente.

A religião atuou, pois, como elemento de ligação grupal nas colônias, no momento em que eles ainda sentiam fortemente a ruptura com a pátria de origem. A vida coletiva recebeu nesse período, influência tanto da religião, que controlava o pensamento, a palavra e a conduta, quanto da tradição da oralidade, veículo de preservação e de transmissão de valores e informações.

O padre gozava de um status privilegiado, entre os imigrantes, tanto pelo fato de ser o único indivíduo que possuía uma educação superior, quanto pelos poderes sobrenaturais da religião que lhe eram atribuídos; sua palavra era decisiva, em qualquer tipo de assunto e se acreditava que suas bênçãos e maldições eram proferidas por Deus, apontam De Boni & Costa (1984).

Em “Nanetto Pipetta”, encontram-se várias passagens em que os valores e as normas da vida social passam pelo crivo da aprovação religiosa. O clero acompanhava o colono e, falando a sua linguagem, o impelia a cumprir seus deveres de cristão e a manter os bons costumes.

A religião era o epicentro em torno do qual, os imigrantes iam estruturando sua identidade: eles eram católicos antes de serem italianos (AZEVEDO, 1975). O que os unia não era o sentimento de pertencimento a uma pátria, pois não eram nem brasileiros, nem italianos. Chegados há pouco, sentiam-se estrangeiros no Brasil. Mas também não eram italianos em sua identidade nacional. Eles também não se agrupavam ao redor da língua, pois cada grupo falava seu dialeto, ignorando a língua oficial da pátria que acabava de surgir. A religião atuou como elo de união entre eles: a quase totalidade se confessava católica, e a fé católica lhes forneceu os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente, a existência.

Foi a Igreja católica, como catalisador cultural, através de capelas, paróquias e missões, quem não só lhes deu uma identidade, que deles afastou o perigo da involução, como ainda os acompanhou lado a lado em sua marcha evolutiva. (p. 275. J. H. DACANAL, 1980)

A vida social se desenvolveu em torno das capelas, nas visitas aos amigos, na bodega, nas celebrações festivas e nos rituais coletivos, como os casamentos, os *filós* e as festas, que aproximavam os grupos dialetais distintos. A partir da primeira década do século XX, também a imprensa passou a desempenhar essa função, com a circulação do jornal, publicado em dialeto, nas colônias.

O personagem Nanetto Pipetta e o jornal *Stafetta Riograndense* e, onde suas peripécias foram publicadas, contribuíram, como vimos anteriormente, para a propagação da *coiné* regional; assim, notícias e entretenimento eram publicados em *talian*, e, bastante comentados, espalhavam-se por toda a colônia, promovendo a interação social e facilitando a assimilação do idioma. O jornal era veículo de preservação de valores e preceitos católicos.

Anos mais tarde, quando toda manifestação cultural estrangeira foi reprimida, muitos imigrantes e seus descendentes desenvolveram um sentimento de inferioridade em relação a sua língua e cultura de origem, dedicando-se a aprender o português, a fim de ascenderem socialmente. O *talian* foi, assim, silenciado e Nanetto passou a compor o arquivo de memórias inenarráveis dos imigrantes, temerosos de sofrerem reprimendas.

Miriam Santos, em artigo conjunto com Maria Catarina Zanini (2009), denominado *Ítalo-brasilianidade “gaúcha” como estilo de vida*, revela que, em seus estudos etnográficos realizados em 2004 no Rio Grande do Sul, verificaram que, atualmente, muitos descendentes de imigrantes italianos se denominam ítalo-gaúchos e não, ítalo-brasileiros, por considerarem ambas as categorias, portadoras de atributos valorados socialmente, o que, segundo creem, podem atribuir-lhes valor e diferenciação social.

Como se pode observar, a construção da italianidade é um processo complexo, ainda em construção, tendo se iniciado no momento da *partenza* [partida] dos emigrantes italianos, e alcançando as gerações atuais; o enraizamento do imigrante em terras brasileiras, aponta Zanini (2004), decorre da interação entre seres humanos, natureza e cultura.

Embora, em geral, os brasileiros sejam receptivos, complacentes e abertos em relação à diversidade cultural, o desenraizamento causado pela imigração deixa marcas internas profundas, inclusive nos descendentes dos emigrantes, que assim como seus antepassados, necessitem enraizar-se. A construção da italianidade

entre os imigrantes e seus descendentes, talvez seja um processo de construção vitalício, assim como a (re)construção identitária.

Apesar de os imigrantes pioneiros não se identificarem como italianos, seus descendentes, atualmente, preservam a identidade italiana conjugada à gaúcha, segundo apontam as autoras. Seria este um indício de que conseguiram fixar profundamente suas raízes e desenvolver o senso de pertencimento no “pedaço de terra” conquistado pelos seus ascendentes, tão identificados com essa condição de serem habitantes da região colonizada por eles, que mantêm a história da imigração em sua denominação identitária? Sofrendo os resvalos do desenraizamento, que se dissemina por várias gerações de emigrados, teriam eles transplantados suas raízes tão profundamente, que lhes é difícil se autodenominarem “ítalo-brasileiros”, assumindo a denominação “ítalo-gaúchos”, assim como seus antepassados não se reconheciam italianos? Se assim for, esta estória vem se repetindo, até que se tenha consciência disso e se dê um passo para mudá-la.

E quanto à identidade nacional brasileira, estariam ainda eles sentados entre as duas cadeiras - uma italiana e outra gaúcha? Mas, enquanto descendentes nascidos no Brasil, são, também, brasileiros. Seria, talvez, necessária uma síntese entre os três elementos, para melhor definição de sua identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas questões foram levantadas ao longo desta dissertação. Através da literatura, seja ela narrativa, ficcional ou acadêmica, pôde-se lançar luz sobre a subjetividade do imigrante italiano e de seus descendentes, depreendendo-se, inclusive dos fragmentos de memória publicados por imigrantes, aspectos de seu imaginário, no tocante ao que era concebido, na ocasião, como “viver mais e melhor”, encontrar a fortuna e “viver no país da Cocanha”.

A narrativa de Bernardi proporcionou que se verificassem fragmentos da memória dos imigrantes italianos, atuando, na ocasião, como mote para as calorosas conversas nos *filós*, em que os colonos tinham a oportunidade de relatar suas experiências, as trágicas e as cômicas relativas à imigração como um todo, desde a formação de seu imaginário, quando ele ainda habitava em sua aldeia e ouvia relatos, lia cartas ou cartazes que explicitavam as maravilhas do Novo Mundo; as aventuras e desventuras transcorridas durante a travessia marítima; e a chegada às terras brasileiras. Além disso, a transmissão oral da obra de Aquiles Bernardi para toda a colônia, a incluía no acervo coletivo da memória grupal. Todos conheciam o personagem. Todos falavam nele, contavam suas peripécias e, seguindo o fluxo narrativo, abriam seus cofres mnemônicos e compartilhavam suas lembranças e vivências.

E, ao compartilharem suas reminiscências e experiências, os imigrantes tiveram a oportunidade de resignificá-las e redimensioná-las, liberarem sua dor e suas emoções, por verificarem que outros tinham tido vivências semelhantes; rir de sua própria tragédia; rir mais ainda da gafe cometida pelo outro – e talvez, uma das razões da popularidade de Nanetto tenha sido a que ele, enquanto desastrado e desobediente [aos pais e a Deus, na visão religiosa desses emigrados], provocava o riso daquele que se livrou de tal sorte - a de passar pelo incidente, vexame ou mesmo por certa punição clerical, divina ou de sua própria consciência. Nanetto – recorrentemente fugitivo, em alguns momentos em que se sentiu extremamente só, dedicou-se a fazer exames de consciência – e desta não pôde fugir.

A identificação do colono com o imigrante Nanetto, e a partilha coletiva de sua história de vida, em seus aspectos dolorosos, muito provavelmente proporcionaram certo *efeito terapêutico* - pela possibilidade da fala, por uma escuta

isenta de julgamentos e por compartilhar suas angústias e sentimentos; pela liberação da dor, vergonha, humilhação, perda e de outros tantos estados internos. Enfim, a identificação com esse personagem lhes possibilitou elaborar as vivências do passado e estar mais inteiro e refeito para viver o presente, e reunir forças e coragem para perseverar e lutar para alcançar suas metas de desenvolvimento econômico e social, obtendo assim, a almejada qualidade de vida.

Aspecto importante revelado por Bernardi, foi a aceitação da América encontrada, por Nanetto que, embora diferente de suas expectativas e não condizente com seu imaginário, pôde visualizar suas vantagens, ao ponto de dizer que “a América é muito melhor que a sua Veneza”. Ele valorizou a abundância de alimentos e a possibilidade de, enfim, se alimentar fartamente; de encontrar trabalho com facilidade, e receber um pagamento satisfatório, com o qual pôde proporcionar-se certos “luxos”, como se deixar fotografar. Tal prática surtiu efeito até mesmo em sua própria identidade, pois o personagem passou a se apresentar utilizando estas fotos, as quais, para ele, comprovavam que ele era “ele mesmo em pessoa”. Interessante o efeito produzido pela sua própria imagem, estampada em papel, para o resgate de sua identidade em construção, em consequência da imigração.

O imaginário europeu era povoado por imagens míticas e maravilhosas, cujas representações estavam assentadas em características distintas do imaginário brasileiro, levando a que os imigrantes desejassem e esperassem aqui encontrar, elementos e produtos da cultura europeia, distintos, portanto, da abundância natural encontrada no Brasil. Este talvez tenha sido o motivo da desilusão daqueles que esperavam encontrar a “cocanha” no Brasil. Entretanto, pelo olhar de Nanetto, o imigrante também pôde ressignificar e valorizar sua escolha migratória, assim como a pátria que o acolhia. Conforto não havia, mas a fertilidade das terras prometia prosperidade a quem se dispusesse a cultivá-la.

A obra de Bernardi pode ser vista pelo prisma de uma espécie de fonte documental do processo migratório, uma vez que a ficção foi elaborada com elementos da realidade, do cotidiano, do imigrante italiano, e o poema francês, visualizado como elemento de investigação do imaginário do imigrante. Existe um forte componente de realidade em “Nanetto Pipetta”, que conta histórias de desamparo, solidão, medo, desenraizamento, isolamento, saudade.

Foi preciso todo um trabalho interno para que os imigrantes pudessem esquecer os seus passados, libertar suas raízes do solo do Velho Mundo, para

transplantá-las no Novo. Era necessário, para poder ter êxito, viver o presente e mirar o futuro. Foi-lhes requerido lançar-se num processo de adaptação, de aculturação, para que obtivessem a desejada vitória. Assim, investiram no processo de construção de identidade e reconhecimento da alteridade.

Dramas pessoais, desafios e dificuldades enfrentados pelo homem comum, em sua lida diária pela sobrevivência, são atestados na narrativa de Bernardi, a qual revela a gradual adaptação desses imigrantes a uma cultura completamente estranha, bem como são mostradas as conquistas e realizações por eles alcançadas, em estreito paralelismo com a realidade vivida pelos imigrantes.

A literatura possibilita que se lance luz sobre diversas questões sociais; a ficção escrita por Bernardi contempla questões identitárias dos imigrantes italianos, sobretudo as relativas às identidades étnica, cultural e nacional, que precisam ser reconhecidas. Há que emergir um novo eu, transformado, e se fazer uma reinvenção e (re)afirmação de si, bem como, uma reconstrução de suas referências.

Toda e/imigração ocasiona consequências físicas, emocionais, sociais. Aqueles que se lançam em um processo migratório, têm como objetivo livrar-se da pobreza, fome e miséria e alcançar novos patamares de sobrevivência econômica. Por isso, a aspiração inicial do imigrante italiano era conquistar o seu “pedaço de terra”, tornar-se o senhor, o “dono da terra”, vivenciado como prazer compensatório por tantos anos de trabalho servil, exploração e humilhação – e plantar nela, suas raízes. A dor da separação e das perdas era grande; o trabalho, árduo; os recursos financeiros e materiais, no início, bastante limitados; sobressaíram-se, porém, sua força, coragem e determinação, além da satisfação de poder, enfim, enraizar-se num “pedaço de mundo” próprio, ainda que distante de seu antigo *lar*.

A noção de pertencimento a uma cultura, a uma nação, a um grupo social, é fundamental para o fortalecimento e a estruturação da identidade, que se desdobra em identidades étnica, cultural, linguística, religiosa e nacional. A sensação de pertencimento traz continente afetivo, social e referências fundamentais para o fortalecimento da identidade em construção, devido ao desenraizamento proporcionado pela imigração.

A vivência de desenraizamento acarreta, para o senso de identidade do emigrado, a sensação de se estar solto no mundo, cujas consequências podem ser observadas nas expressões de dificuldade de estabelecimento de vínculos e laços sociais, sensação de despersonalização, comprometimento da auto-estima e

autoconfiança, insegurança, depressão. O desenraizamento é um dos mais relevantes distúrbios que pode acometer o e/imigrante nos tempos atuais. Pode ocorrer de o indivíduo se manter aquém de suas possibilidades ou, em compensação, lançar-se com garra e afinco em direção as suas metas de elevação social, mantendo, entretanto, uma sensação de vazio interno, que não pode ser preenchida pelas conquistas de ordem material.

O e/imigrante sente-se, em geral, “entre dois mundos”, duas culturas, duas línguas, o que pode constituir-se em vantagem ou desvantagem, dependendo das suas escolhas. Ele pode potencializar seus recursos e habilidades, sua expressão linguística e cultural; ou, por outro lado, retrair-se, procurando manter-se confinado dentro de suas fronteiras.

Quanto ao senso de pertencimento dos imigrantes italianos instalados na região de colonização do Rio Grande do Sul, o fato de terem se descoberto italianos durante a e/imigração e em terras brasileiras, teria acentuado ou minimizado sua identidade nacional italiana? Pesquisas apontam que, em princípio e em primeiro plano, eles se identificavam com a condição de e/imigrante. Conforme foram se estabelecendo, os escassos contatos iniciais com os demais elementos da sociedade brasileira, instalados na região Sul, foram por estes identificados como italianos, assumindo, coletivamente, esta identidade nacional (ZANINI, 2004).

A manutenção da identidade étnica e cultural lhes foi facilitada pelo isolamento geográfico a que foram submetidos, preservando-se, na medida do possível, traços da cultura de origem. A adaptação foi sendo desenvolvida gradativamente, na medida em que tiveram, por exemplo, de experimentar novos ingredientes para a confecção de suas tradicionais receitas; assim como precisaram fazer alterações em seu vestuário, para que melhor se adequassem ao clima subtropical da região sul brasileira; necessitaram aprender a se expressarem em uma nova língua: primeiro, o *talian*; anos mais tarde, o português. “Nanetto Pipetta” teria contribuído para a propagação da *coiné* regional, pois suas peripécias publicadas neste novo idioma eram lidas e transmitidas, contadas e repassadas a praticamente toda a população da colônia.

Todas essas mudanças de referentes, significados e representação do mundo, de si mesmo e do outro, decorrentes da e/imigração resultam na alteração da maneira de se ver e se relacionar consigo mesmo, e numa profunda reformulação de valores, os quais requerem um tempo de reprocessamento. Na medida em que

procura se equilibrar entre os antigos e os novos valores e referenciais, precisa constantemente se indagar a que “rei irá servir”, num processo contínuo de escolhas. Há frequentemente conflitos intergeracionais, em virtude da seleção destes valores e, conseqüentemente, de posturas de vida distintas. Há um embate entre os paradigmas antigos e atuais, entre passado e presente, entre o mundo de lá e o daqui, que inclusive estão presentes naqueles que retornam à pátria de origem e se sentem mais uma vez, perdidos e sem referencial, diante das mudanças ocorridas, tanto externa, quanto internamente.

Quanto à identidade nacional dos descendentes de italianos nascidos no Rio Grande do Sul, há, de acordo com pesquisas realizadas por Maria Catarina Zanini e Miriam Santos, apontadas no artigo *Ítalo-brasilianidade “gaúcha” como estilo de vida* (2009), de autoria de ambas as pesquisadoras, uma contínua negociação quanto ao que representa ser brasileiro, italiano, ítalo-brasileiro para esses indivíduos. Muitos se identificam como ítalo-gaúchos; raramente alguém se apresenta como ítalo-brasileiro.

Essa dissertação respondeu a questões relacionadas à identidade e ao imaginário do imigrante italiano oriundo do vêneto, entre o final do século XIX e início do XX, e de seus descendentes, habitantes do Rio Grande do Sul. Contemplou-se, pois, o passado, com a intenção de discernir quanto de real, de realidade e quanto de imaginário estão presentes em *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*; e até que ponto, as vivências do anti-herói e protagonista da narrativa de ficção, seus anseios, experiências e descobertas se confundem com a vida e a história de seu autor, e as de seus familiares, amigos e vizinhos.

Seria proveitoso um estudo em que se contemplassem as “lembranças” das memórias dos imigrantes, mantidas, na atualidade, pelos seus descendentes. Mais uma vez, o personagem poderia ser o mote para tal pesquisa, pois Nanetto Pipetta continua a figurar nas páginas do jornal gaúcho Correio Riograndense e tem sido encenado nos palcos sulistas, por grupos teatrais. A questão que se coloca é se ele ainda provoca entre os descendentes de imigrantes daquela região, relatos, trocas e depoimentos acerca do processo migratório de seus antepassados; e também qual a importância, o significado do personagem para estes descendentes, ou seja, seria ele ainda nos dias atuais, um “porta-voz” da italianidade? Em que medida? Essa seria uma sugestão **a futuros pesquisadores.**

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. *Psicologia Social. Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ALVES, V.O. **Sitedeliteratura**. Disponível em:

<<http://www.sitedeliteratura.com/index.htm>>. Acesso em 29/01/09

ALVIM, Z. M. F. O Brasil Italiano (1880-1920) In: BORIS, FAUSTO (ORG.) *Fazer A América*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Da Universidade De São Paulo, 2000, (p. 383-417).

_____. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo. 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ANDOLFI, M.(org.) *La Mediazione Culturale – Tra l’estraneo e il familiare*. Milão: Franco Angeli, 2003.

_____. *Dov’è il South Bronx? La marginalità come strategia dell’esclusione*. *Terapia Familiare*, 54: 11-19

ARAUJO, P.R.M. *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ARAUJO, S. de M. Nota Explicativa a “Viagem a São Saruê”, de *Manoel Camilo dos Santos*. Disponível em:

<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo13921.pdf>>. Acesso em: 16/08/2008.

ASSIS, G. O. “De Criciúma para Boston’: tecendo redes familiares na migração internacional”. In: **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. SP: Casa do Psicólogo, 2004.

AUGRAS, M. *Psicologia Clínica. Para que serve a Metapsicologia? Caminhos da Academia e da Prática Clínica*. Rio de Janeiro: Depto. de Psicologia, PUC-Rio, V. 12/1, 2000.

AZEVEDO, T. *Italianos e Gaúchos: Os Anos Pioneiros da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.

BACZKO, B. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 5. Anthropos-Homem. Lisboa. Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1985.

BAGNO, S.; EWALD, A. P.; CAVALCANTE, F. G. A Trajetória de Severino: A Migração e a Pobreza no Brasil. *Literatura em Debate*, v.2 n. 2, Alto Uruguai e das Missões, Rio Grande do Sul, 2008.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. Introdução. In: LASK, Tomke (Org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2004;

BENJAMIN, W. O Narrador. Observações sobre a Obra de Nikolai Leskow. In: *Textos Escolhidos*. 2ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores) (p. 57 A 74)

_____. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política (7ª. ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDI, AQUILES. Nanetto Pipetta. Versão Portuguesa. Trad. de Maria Adami Tcacenco e Alberto Víctor Stawinski,. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, EDUCS, 1988.

_____. Vita e Stòria de Nanetto Pipetta. Nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica per catare la cucagna. 10ª Ed. Porto Alegre: EST/CR, 2009.

BERRY, J.W. “Migração, Aculturação e Adaptação” In: **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.29-45.

BEZERRA, F. Aspectos Antropológicos do Simbolismo. Rio de Janeiro: GM Gráfica Medeiros Ed. (s. l.): [1900?]

BIGAZZI, A. R. C. Italianos. História e Memória de uma Comunidade. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2006

BLOCH, E. O Princípio da Esperança. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006. 3 v.

BOMBASSARO, D.O. A Fascinante Historia da Imigração Italiana (P. 387 – 397). In: SULIANI, ANTONIO (Org.). *Etnias & Carisma: Poliantéia em Homenagem a Rovilio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 1168 p.

- BORIS, F. (Org.) Fazer a América. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CANDIDO, A. Literatura e sociedade. São Paulo: T.A. Queiróz, 2000.
- CARTER, B., MCGOLDRICK, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CENNI, F. Italianos no Brasil. "Andiamo in 'Merica". 3a. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. (Orgs.). A História contada: capítulos da história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. [Apresentação, Capítulo 5].
- Colbari, A. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. Rev. Brasileira História, vol.17 n.34 São Paulo 1997
- COSTA, R. Disponível em: <<http://pessoal.portoweb.com.br/pellanda/IMIGRA.htm>>. acesso em 30/01/2009.
- CROCETTA, B. Um Cinquentenario Di Vita Coloniale. In: Cinquantenario Della Colonizzazione Italiana Nel Rio Grande Del Sud – 1875 -1925: La Cooperazione Degli Italiani Al Progresso Civile Ed Economico Del Rio Grande do Sul. Porto Alegre: [S.N.], 1925.
- CUNHA, M.J.C. Memórias da Migração: A Identidade em Pentimento. In: CUNHA, M.J.C. (org.) *Migração e Identidade*: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.
- DACANAL, J. H. A Imigração e a História do Rio Grande do Sul. In: LANDO, A. M. et al (org.); DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. Rio Grande do Sul: Imigração e Colonização. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. (Série Documento, 4).
- DeBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- DE BONI, L. A.; COSTA, R. Os Italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Est, 1984. 3ª. Edição. 1996

DE BONI, L. A. (ORG.). A Presença Italiana no Brasil. Vol. II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. <http://houaiss.uol.com.br/gramatica.jhtm>, em 16/10/2008.

DURAND. G. O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1998. (Coleção Enfoques. Filosofia).

_____. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Ensino Superior).

_____. A Imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos em Psicologia**. Natal, vol. 7, n°2, p.371-378, 2002.

EWALD, A. P., SOARES, J.C. **Identidade e subjetividade numa era de incerteza**. Estudos de Psicologia (Natal), 2007, 12(1), 23-30. [a]

EWALD, A.P. **A vida da crônica e a crônica da vida. Psicologia Social, literatura e circulação da notícia**. Revista Rio de Janeiro, n. 20-21, jan-dez. 2007, pp. 175 a 190. [b]

_____. **Sartre, Simmel e uma fenomenologia social das crônicas folhetinescas. Revue Sens Public**. Sens Public (Lyon), França, v. 1, n. 3, p. 1-9, 2005. Disponível em http://www.sens-public.org/article.php3?id_article=156. 05 mars, 2005 [a].

_____. Fragmentos da Vida Carioca. In: **Crônicas Folhetinescas: o nascimento da vida moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Museu da República, v.1, 2005 [b].

FACINA, A. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERREIRA, R. F. Afro-descendente: Identidade em Construção. RJ/SP: Pallas & Educ.2004.

_____. "Imigrantes Italianos". In: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000

FRANCO JUNIOR, Hilário. Cocanha. Várias Faces de Uma Utopia. [1]. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998

_____. Cocanha: a História de um País Imaginário. [2]. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

FRANZINA, Emilio. A Grande Emigração: O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2006.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. Imigração italiana no Nordeste do RS. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FRYE, NORTHROP. Anatomia da crítica. São Paulo: Cultrix. 1973.

GARDELIN, Mario. Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: Fontes Literárias. Porto Alegre: 1988, EST/EDUCS & Fondazione Giovanni Agnelli.

GOMES, A. C. Histórias de Família: entre a Itália e o Brasil. Niterói: Muiraquitã, 1999.

GREGORY, D.; MARTIN, R. SMITH, G. (Orgs.) Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990

HALL, S. Identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HELD, J. O imaginário no Poder. As Crianças e a Literatura Fantástica. São Paulo: Summus, 1980. Série Novas Buscas em Educação, v. 7. [tradução: Carlos Rizzi]. CAP. 1

HOHLFELDT, A. La Letteratura dell'Emigrazione di Lingua Italiana in Brasile (P.196-239). In: SULIANI, ANTONIO (ORG.). Etnias & Carisma: Poliantéia em Homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 1168 p.

HOLANDA, S. B. Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996. 6ª. edição.

IANNI, C. Homens sem paz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

JACQUES, M. C. Identidade. In: *Psicologia Social contemporânea*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

JUNIOR, J. A. C. "Romance Picaresco", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos, C. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/R/romance_picaresco.htm>. extraído em 01/06/2010.

KAYSER, W. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Coimbra: Armenio Amado, 1963, 2v.

KLEIN, H. S. Migração Internacional na História das Américas. In: Fausto, Boris (Org.). *Fazer A América*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L.. *O que é Imaginário*. São Paulo: Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 1996, 1ª reimpressão, 2003.

LÓPEZ QUINTÁS, A. El Análises Literário y su Papel Formativo. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit/lql.htm>>. extraído em 27/05/2009.

LORENZONI, J. *Memórias de um Imigrante Italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MCGOLDRICK, M. *Novas Abordagens da Terapia Familiar. Raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003.

MAESTRI, M. A Travessia e a Mata: Memória, Mito e História na Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul. In: SULIANI, A. (Org.). *Etnias & Carisma: Poliantéia em Homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (p. 761-781).

MANFROI, O. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul/ IEL/ DAC / SEC, 1975.

MARQUES, D. *Histórico da Imigração no Brasil*. Disponível em: <http://www.diasmarques.adv.br/pt/advocacia_dias_marques_inicial.htm>. Acesso: 11/2/07.

MATTOS, O. Memória e História em Walter Benjamin. *Congresso Internacional Patrimônio Histórico e Cidadania. O Direito à Memória*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

- MONTANARI, M. A Fome e a Abundância – História da alimentação na Europa. . Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- NEVES, L. F. B. As Máscaras da Totalidade Totalitária. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1988
- OLIVEIRA, L. L. Nós e Eles – Relações culturais entre brasileiros e imigrantes. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ORO, ARI PEDRO. “Mi Son Talian”; considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. P.611-627. In: DE BONI, L. A. (Org.). A Presença Italiana no Brasil. Vol. 3, 1996
- PEROTTI, T. Nanetto Pipetta: modos de representação. Dissertação de Mestrado em Letras e Cultura Regional. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.
- PETRONE, P. Imigrantes Italianos No Brasil: Identidade Cultural e Integração. In: De Boni, L. A. (Org). A Presença Italiana NO BRASIL. VOL. 3
- PORTELLI, A. - O que faz a história oral diferente. *Projeto História* n. 14, fev/1997 a _____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História* 15. Ética e História Oral. Abril/1997 b
- POZZOBON, ZOLÁ. Uma Odisséia na América. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- ROLLEMBERG, D. Exílio: refazendo identidades. *Revista da ABHO* n.2, jun/1999.
- PHINNEY, J. S. Formação da Identidade de Grupo e Mudança entre Migrantes e seus Filhos. “Migração, Aculturação e Adaptação” In: *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, (p.47-62).
- PIAZZETTA, L.C.B. Il Talian. In: *La Piave Fainors Federação Vêneta*. Disponível em www.fainors.com
<http://veneti.blogspot.com/2006/07/imigrao-vneta-el-talian.html>. Extraído em 30/01/2009
- PICCAROLO, A. *L’emigrazione italiana nello Stato di S. Paolo*, São Paulo, 1911, p. 51. In: Ianni, C. Homens sem paz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, (23).
- PICCOLO, H. I. L. Fazer A América: O Imigrante Italiano Entre O Sonho E A Realidade. In: De Boni, L. A. (Org.) *A Presença Italiana No Brasil*. Vol. 3, 1996.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº3, 1989, p. 3-15.

POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H. P. M.; ZILLES, U. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

POZENATO, JOSE CLEMENTE. A Literatura da Imigração Italiana. In: Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, 1 e 2, Caxias do Sul, 1978. ANAIS [...] Caxias Do Sul: EDUCUS; Porto Alegre, EST, 1978.

RAVENSTEIN, E.G. *As leis da Migração*. traduzido de RAVENSTEIN, E.G. The Laws of Migration. *Journal of Statistical Society*, nº47, p. 167-227. In: MOURA, H.A. (Org.). *Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise*. Fortaleza: BNB, 1980, p. 19-88. t.1.

RIBEIRO, C. M. P. J. Anotações de Literatura e de Cultura Regional. Caxias do Sul: EDUCUS, 2005. (Coleção Identidade E Cultura)

RICOEUR, P. A Memória, A História E O Esquecimento. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.

SANTIN, S. Integração Sócio-Cultural do Imigrante Italiano no Rio Grande do Sul. (p. 593-611). In: DE BONI, L. A. (Org.). *A Presença Italiana no Brasil*, Vol. 3 _____ . Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Santa Maria, 17 de junho de 2000. Disponível em <<http://www.esteditora.com.br/textos/entrezh.htm>>, extraído em 29/01/2009

SANTOS, M. O. ; ZANINI, M. C. C. Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil). *Caderno Espaço Feminino*, v.19, n.01, Jan./Jul. 2008. <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/18112009-042747zanini.pdf>> Extraído da internet em 08/04/2010.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS*, tese de doutorado, Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2004.

SANTOS, M. C. *Viagem a São Saruê*. Acesso em 17/06/2008. <<http://www.dhnet.org.br/dados/folhetos/cultura/br/saosarue.htm>>.

SAUER (1925), apud GREGORY, D.; MARTIN, R. SMITH, G. (Orgs.) Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social. RJ: Zahar, 1996, p.162-3).

SEYFERTH, G. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 7ª. edição.

SOARES, M.V.N. Machado de Assis: folhetim e crônica. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/7/12.htm>>. Acesso em 29/01/09.

SOUZA, S. C. M. Ao Correr da Pena: Uma leitura dos Folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. (Orgs.). *A História contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. [Apresentação, Capítulo 5].

STEVENS, C. M. T. Imagi-Nações, Literatura e Identidades Migrantes. In: CUNHA, M.J.C. (org.) *Migração e Identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

SULIANI, A. (Org.). *Etnias & Carisma: Poliantéia em Homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 1168 p.

TAYLOR, C. *As Fontes do Self. A Construção da Identidade Moderna*. São Paulo: Loyola, 1997

_____. *Multiculturalismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

THOMSON, A. - Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. Texto extraído da internet em 15/08/07. *Rev. Bras. Hist.* vol.22 n°. 44, São Paulo, 2002.

_____. – *Recompondo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. Projeto História 15. Ética e História Oral, abril/1997.

THOMPSON, P. – *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, pp.45-103; pp 138-196.

VAINER, C. B.; BRITO, F. *Migration and Migrants Shaping Contemporary Brazil*. Presented at Special Session on Brazilian Demography at the 24 th General Population Conference of the IUSSP, Salvador, Bahia, Brazil, September, 18-24, 2001. (Disponível em CD-ROM).

VILLAR, D. Uma abordagem crítica do conceito de "etnicidade" na obra de Fredrik Barth. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, Apr. 2004. Extraído em 15/07/2010.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000100006&lng=en&nrm=iso>.

WEINRICH, H. *Lete: Arte e Crítica do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ZANINI, M. C. C. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. *Campos* 5(1): 53-67, 2004.

_____. Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. *Rev. Antropol.*, jul./dez. 2005, vol.48, no.2, p.699-736

_____. *Italianidade no Brasil meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria- Rio Grande do Sul. Santa Maria: Ed.UFSM, 2006.

_____. Comida e Simbolismo entre Imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul (Brasil). *Caderno Espaço Feminino*, Vol. 19, No 1 (2008)

_____. Italianidade e Literatura: Pertencimento e Expressão de Si. <http://74.125.47.132/search?q=cache:V4zdhsmlLvYJ:www.upf.br/ppgh/download/maria%2520Catarina%2520Chitolina%2520Zanini.prn.pdf+catarina+zanini&cd=41&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>, em 17/03/2009

_____; SANTOS, M. Ítalo-brasilianidade “gaúcha” como estilo de vida. 33º Encontro Anual da Anpocs. GT 09: Cultura brasileira: modo e estilos de vida. Caxambu, MG, 2009. <http://sec.adevento.com.br/anpocs/inscricao/resumos/0001/TC0505-1.pdf>

ZILIO, G. M. Letteratura Veneto-Brasiliana: Il “Nanetto Pipetta”. Texto encaminhado pelo escritor e pesquisador Frei Rovílio Costa. Disponível em <www.oriundi.net>, extraído em 29/01/2009.

AS REGIÕES DO VÊNETO



CARTAZ USADO PARA O ALICIAMENTO DE IMIGRANTES

... In América

Terre in Brasile per gli Italiani.

Navi in partenza tutte le settimane
dal Porto di Genova.



Venite a costruire i vostri
sogni con la famiglia.

Un paese di opportunità. Clima tropicale vito in abbondanza.
Ricchezza minerali. In Brasile potete avere il vostro castello.
Il governo dà terre ed utensili a tutti.

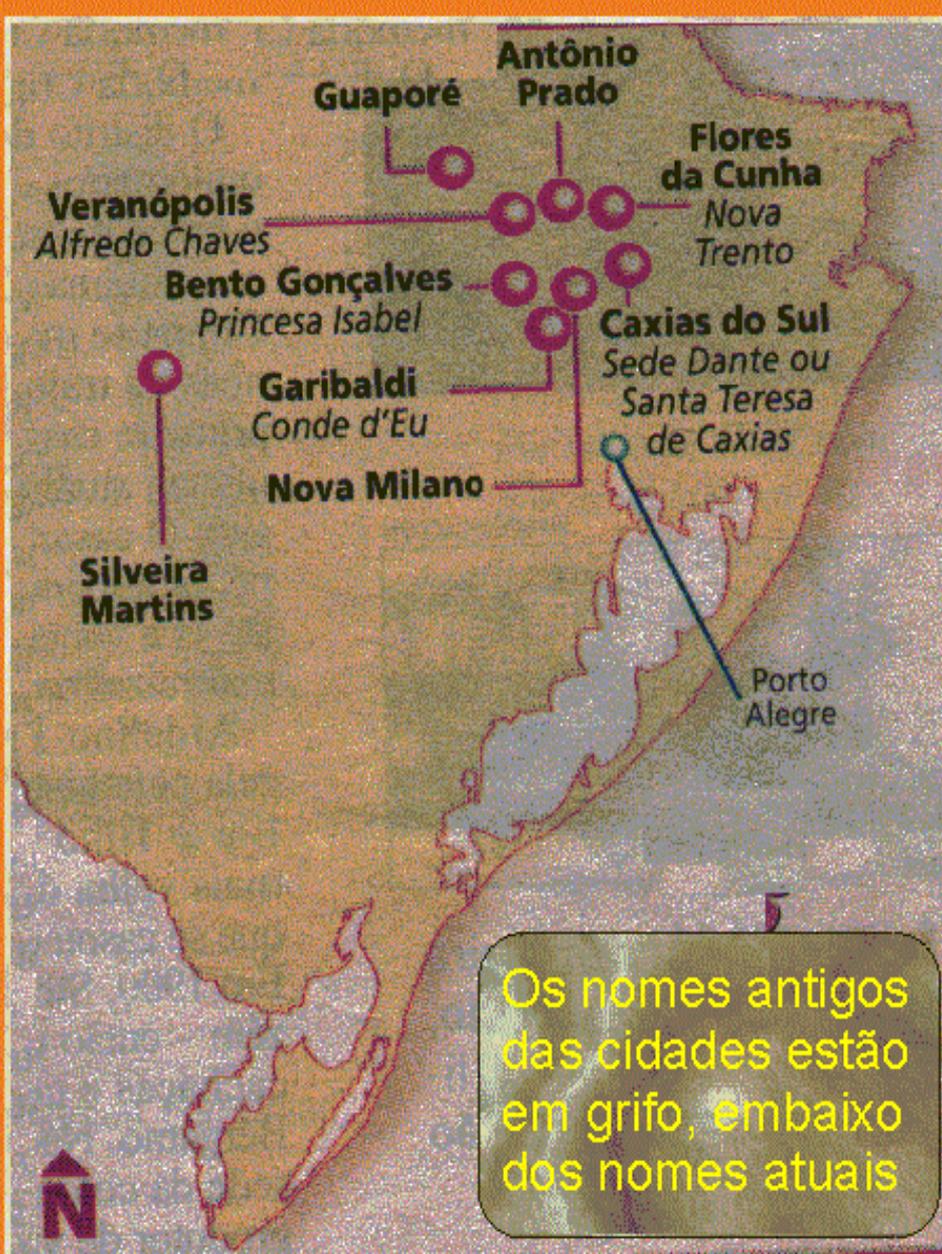
ONDE SE INSTALARAM

As principais cidades de colonização italiana no Rio Grande do Sul



A REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA, RS, BRASIL

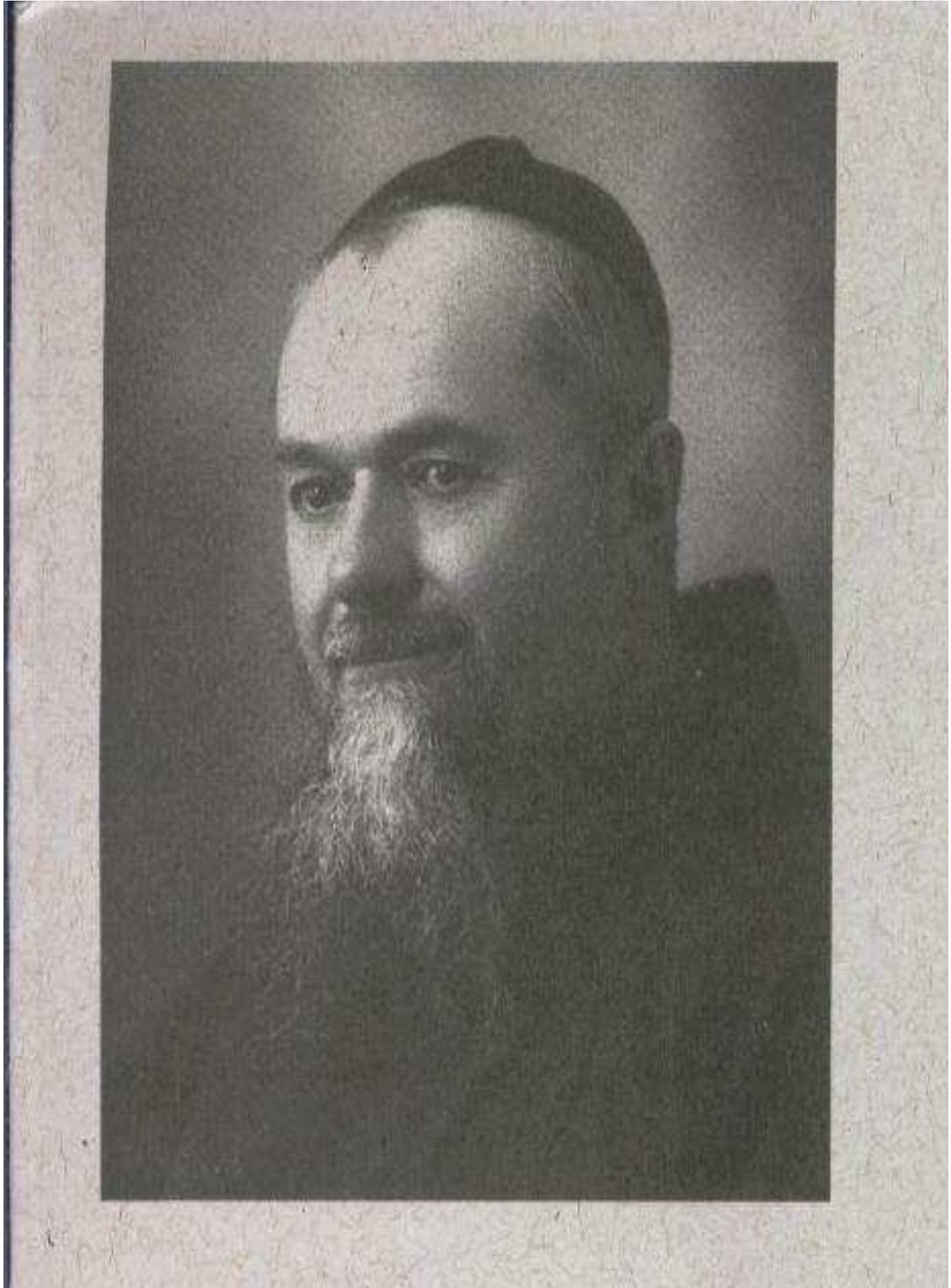
OS NÚCLEOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RGS



CAXIAS DO SUL EM 1885



AQUILES BERNARDI



Aquiles Bernardi

Vita e stòria de

Nanetto Pipetta

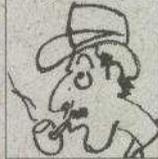
nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica
per catare la cucagna

Inclui
Dicionário
do Talian



EST
EDIÇÕES

Correio Riograndense



NANETTO PIPETTA

AQUILES BERNARDI

VERSÃO PORTUGUESA
DE

ALBERTO VÍCTOR STAWIŃSKI
E
MARIA ADAMI TCACENCO

EST
EDUCS

CORREIO
BRASILEIRO
80 ANOS



OS PAIS DE NANETTO



—... e va tome el sicoto suito, ma suito! ...
E adesso domanda perdon a to mama!

O AVÔ DE NANETTO

La fegura fetiva
del nono de
Nanetto Pipetta.

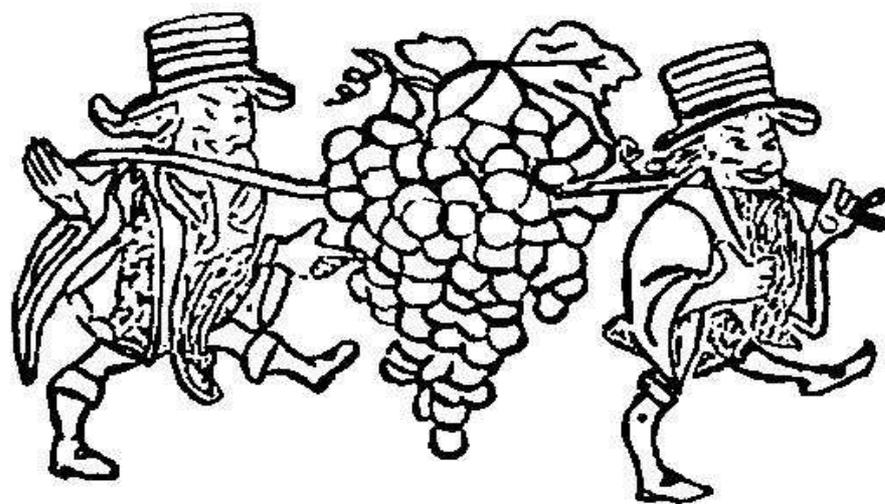


A MÃE DE NANETTO PREPARANDO A POLENTA



La mama de Nanetto la smìssia la polenta.
El putelo, cussolà su la sèndere, zuga con un gatelo! ...

A AMÉRICA NO IMAGINÁRIO DE NANETTO



La Mèrica come Nanetto pensava...

NANETTO INFORMANDO-SE SOBRE A VIAGEM DE TREM PARA A AMÉRICA



americanos? Mas que preço istesso in?

NANETTO LEVA UM PONTAPÉ AO SE INFORMAR SOBRE O PASSAPORTE



Por passaporte Nanetto recebe um formidável pontapé.

NANETTO EM GÊNNOVA, PENSANDO TER CHEGADO À América



Nanetto davanti dela
Agénsia de Transporto
per la Mèrica
che el parla co na vècia,
el ghe dise: -
Arivederla, vècia...
Sio mericana anca
vu?!...

O RETRATO DE NANETTO



Nanetto em pose para ser fotografado.

TEATRO DE BONECOS



CORREIO RIOGRANDENSE - Caxias do Sul, 04 de março de 2009

ar dea vita un solo
e na persona trista"

17 - Imigração

El ritorno de Nanetto Pipetta (503)

Ilustração Derli Dutra, São José do Ouro (RS)

Un gran colpo!

Mario Gardelin

Caxias do Sul (RS)

Con tute quele novità, Nanetto el ga scominsià a cambiar. No zera un grande cambiamento. Un poco de morbin. El ze rivà a la conclusion che'l dovaria esser conossuo in tuto el mondo. Par questo bisognava un colpo formidabile.

El ga ciamà Pègaso e el ghe ga dito:

- Senti qua caro amico. Go na domanda da farte. Che se deve fare par esser conossuo e amirà in tuto el mondo?

- Caro Nanetto, na domanda de queste me par che se deve farla a un siensato e no a un caval, anca se questo caval el sia paron de na costelassion con pi de setessento miliardi de planeti.

- No te ghè capio. Se mi continuo come sempre, resto come sempre. Nò ndar avanti e pensar che se resta fermi ze ndar indrio. E mi vui zolar avanti. E forse ndar in torno la tera. Fermarme

qua, fermarme là. Go pensà imbarcarme in te la barca de Noé. Go cambià de ideia. Al de pi, ghe ze massa bèstie e sporcarie. Pègaso ze restà in silénsio.

- Lora, caro amico te domando: se andàssimo par el mondo

nostre teste.

Nanetto l'è restà in silénsio. El pareo che'l gera drio pensar. Dopo un minuto, el ga dito a vose forte:

- Vui ndar al sol.

- Cossa? Se ga maraveià Pègaso.

- Sì. Vui andar al sol.

- Sito diventà mato?

- Nò. No go gnente da perder, e tuto da guadagnar.

- Setu quanti gradi de caldo ghe ze in tel sol?

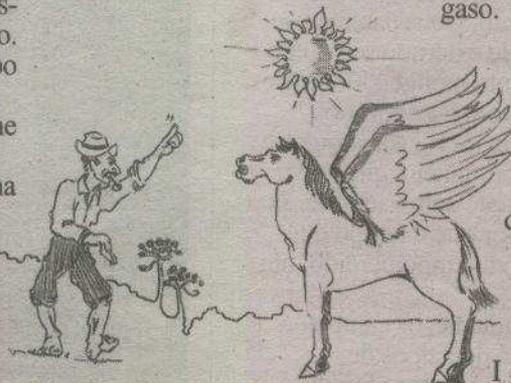
- Nò. E gnanca go voia de saverlo. Basta che mi sia el primo a ndar e voio vederlo fin al cor.

I dise che'l sol sia grande, ansi grandissimo.

- Nanetto, seto quanti gradi de caldo el sol ga in medo? Te lo digo subito: vinti milioni.

- E pènsito che go paura? Chi ga noà in tel rio das Antas, vinti milioni l'è el caldo de un sofa-nel.

- Nanetto, te go avertio... E son compagno par tuto quel che susseda.



de sora, vegnissito con mi?

- Merlin, caro Nanetto, el me ga afidà a ti. Te acompagno senza discùtere. Fa i to piani e dopo che te li conti a mi, partimo de colpo. Mi vedo e taso. Se vien fora qualche problema, lora te parlo. E sò darte boni consili. Mi son ndà a spasso in squasi tuti i mondi, che ghe ze sora le

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)